

C. B. P. E.

NATIONAL EDUCATION ASSOCIATION

RESEARCH BULLETIN

Vol. XXXIV-No 4

December-1956

The State and Sectarian Education

V. Summary

On the basis of state constitutional provisions, statutes, and court decisions, certain points can be stated as generally true. For example,

1. All states guarantee religious liberty to a greater or lesser degree.
2. Most states prohibit use of religious tests as qualifications for holding public office; a few states prohibit discrimination on the basis of religion in the employment of teachers.
3. Compulsory support of places of public worship is universally unconstitutional; the prohibition against compulsory support of sectarian education is widespread but not universal except by implication.
4. Differences in language of constitutional and statutory provisions rarely result in differences in application of the language in specific instances.
5. A tax levied for the benefit of a sectarian school is unconstitutional in all states; use of monoschool revenue for direct aid to sectarian education is unconstitutional also. But courts of the several states differ with regard to indirect aid - the crux being what is an what is not indirect aid. Indirect aid is usually, held valid only when the relationship between the public treasury and the recipients is so distant that the court can say that actually no aid is provided.
6. In a few states use of public-school equipment which in its general terms could be applicable to pupils attending sectarian schools as well as to those attending the public schools, or specific authorization to this effect, has been upheld under the child-benefit theory or under the police power or the state or as a matter of policy. But the majority of states have not so held.
7. Public and parochial schools cannot be combi-

ned legally. However, a public school can be maintained in a parochial-school building if the board of education retains control of the school and no religious tenets are taught therein.

8. Payment of rent to a church for the use of its building as a public school is usually not considered aid to the church if the local school-board acts under permissive legislation empowering it to rent school facilities. However, even in the face of such permissive legislation, such action would be invalid if the public-school authorities do not maintain control of the public school conducted in the church-owned building, even if religious education is eliminated from the curriculum.

9. Most states exclude sectarianism from the public schools at least to the extent that no particular religious tenets may be taught therein. Moral education can exist in the public schools, and to this end many legislatures have required or permitted the reading of the Bible. Most courts have held that the Bible is not a sectarian book. Two minority views, held by courts in several states, are (a) that reading of the Bible in the public school is a violation of the religious liberty of non-Christians and unconstitutional for that reason; and (b) that reading either the Protestant or the Catholic version of the Bible offends the religious liberty of the other group as well as of those who do not follow either version.

10. Public-school teachers may wear religious dress and insignia unless there is a law or regulation against the practice. The state, however, has power to enact prohibitory legislation, and such enactment is not a denial of religious liberty but merely the control of the state over its public servants.

11. Public-school pupils may be excused from school during school hours to attend religious instruction elsewhere, provided (a) public funds are not used in carrying out the plan, (b) no pupil is compelled to attend an exercise against his conscience, and (c) the board of education does not exercise control. When such classes are held on public-school premises during school hours, the practice is unconstitutional.

12. Church groups may use public-school building and facilities after school hours, in some states even for religious meetings. This situation has been held not to violate the

constitutional separation of church and state.

13. General legislation authorizing the state to supply free textbooks to pupils attending both public schools and sectarian schools has seldom been attempted by legislatures and rarely tested by the courts. The Supreme Court of the United States has upheld the practice; the books being furnished to children and not to sectarian schools.

14. The Supreme Court of the United States has held that transportation of parochial-school pupils at public expense does not violate the First Amendment to the federal Constitution. However, most state courts have held that this practice violates state constitutional provisions prohibiting use of public or public-school funds for sectarian education.

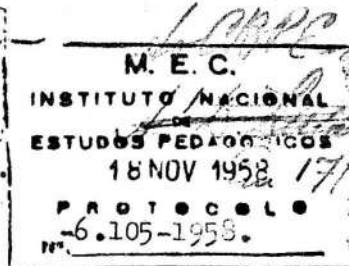
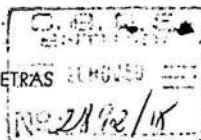
15. The state, under its police power, may regulate and supervise sectarian schools for the purpose of ensuring each child an education equivalent to the education offered in public schools. State statutes have not attempted to go beyond the state's police power (i.e., the state's power to safeguard the health, morals, and safety of its citizens).

These principles have not been tested judicially in all states. On an issue not previously tested in a particular state, the court would consider the general principles, as well as the majority and minority views of other state courts, but would not be bound by decisions of other states and would render its decision in terms of its own state law and the facts of the particular case.

Several of the Southern states have amended their constitutions and school laws to provide for the operation of a pupil assignment or a private-school plan with the avowed purpose of continuing segregated schools. In all such proposals, no action that has been taken appears to lead to state aid for sectarian schools. However, if these plans are actually put into operation, direct or indirect aid to sectarian education looms on the horizon as a possibility. The current controversy may change from one on segregation under the Fourteenth Amendment to one separation of church and state under the First Amendment.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
CAIXA POSTAL, 8.105
SÃO PAULO

São Paulo, 11 de novembro de 1958.
Prezado amigo Dr. Anísio Teixeira
D.D. Diretor do INEP.



Em uma de minhas visitas que lhe fiz aí no Ministério, em que o caro amigo se dispôs a examinar o projeto de organização do Colégio de Aplicação, da Faculdade de Filosofia, e de nossa autoria, tendo acompanhado com interesse a exposição que fizemos e nos estimulado com tanta magnanimidade, sugeriu-nos entrar em entendimento com a Direção do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, para um melhor entrosamento de trabalhos comuns que todos nós educadores temos em mente realizar no sentido da melhoria do ensino no país. Nesse sentido procuramos nosso amigo comum, Dr. Fernando de Azevedo e dêle obtivemos a melhor das boas vontades, o que era dado de esperar-se, em se tratando de pessoa tão afeita à educação e de um mestre de todos nós. De então para cá já recebemos, por sua autorização, visita de elementos credenciados do Centro, sendo que uma de suas equipes, realiza, no momento, uma pesquisa, sem maiores gastos, junto aos alunos do Colégio de Aplicação.

Entrando em entendimentos mais demorados com o Dr. Fernando de Azevedo, tive oportunidade de sugerir-lhe e ao Centro uma pesquisa em torno da possível organização científica dos programas do ensino secundário, a exemplo do que já se fez em outros países. O que se tem feito, nesse assunto, em nosso país, não passa de puro empirismo, em que o autor de um suposto bom livro didático, oferece como programa o índice do livro que publicou, sem base objetiva sobre a maturidade do adolescente brasileiro, a natureza da matéria de ensino e as necessidades sociais da civilização atual brasileira. Junto lhe envio cópia de nossa proposição, recebida com simpatia pelo Dr. Fernando de Azevedo, que já a entregou a um de

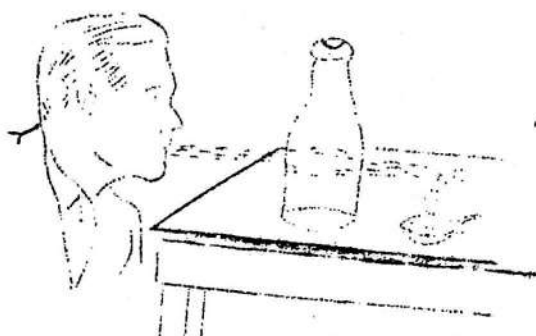
de seus conselheiros, para estudar e relatar.

Aproveito da oportunidade para juntar a esta dois ou três impressos mimeografados, de alguma coisa que se está organizando no Colégio, de modo muito precário, pois o amigo sabe que estamos em um pardieiro, e sem verbas para o bom andamento daquilo que temos em mente fazer e que não será possível sem uma base econômica. A Faculdade continua em oposição e com alternância contra todo e qualquer governo que deseje deturpar a função de uma Universidade, que só tem razão de ser dentro dentro da situação de autonomia financeira e da liberdade de pensamento, e a incompreensão governamental só tem dificultado todos os nossos trabalhos, aqui no Estado.

Sem mais, contando sempre com sua influência pessoal no sentido de que, com sua visão das coisas da educação e a amizade e admiração que mantem de todos nós educadores, poder continuar a nos aglutinar cada vez mais, a fim de que em um vasto trabalho de grupo possamos, de qualquer forma e em qualquer setor, lutar pela melhoria de nosso ensino em todos os seus níveis.

Um abraço sincero do amigo e admirador,

Amoroso A. Pontes de F.



147

47. O SÔPRO PARECE ATRAVESSAR A GARRAFA

Coloque conforme mostra a figura uma garrafa de leite, vazia, e uma vela ou fósforo acêso.

Sopre com fôrça sôbre a parede da garrafa, mais afastada da vela. A chama se apagará.

PRINCÍPIO: A corrente de ar bifurca-se e causa pressão baixa entre seus dois ramos e a garrafa. Cada ramo da corrente adere à garrafa por fôrça da pressão atmosférica. Os dois ramos dão a volta na garrafa e reúnem-se na parede desta que fica mais próxima à vela, apagando-a.

NOTA: COLÉGIO DE APLICAÇÃO EM COLABORAÇÃO COM O DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO

RUA GABRIEL DOS SANTOS, Nº 30 - SÃO PAULO.

(Serviço em cooperação com o Departamento de Educação)

Circular Nº. 1-

Senhor Professor:

Atendendo a uma das funções do Colégio de Aplicação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da U.S.P. estamos, nesta data, remetendo a V.S. dez experiências de Física, as quais podem ser feitas com material caseiro ou de pouco gasto. O trabalho é feito em mimeógrafo e servirá para uso interno dessa escola. Como verá V.S., na parte superior há um desenho ilustrativo, depois vem a receita de como se faz a experiência e após o princípio científico que prova. É claro que é material didático que nem sempre oferecerá o rigor desejável em teoria, mas como toda a medida é relativa, poderá concorrer para a motivação do ensino.

O número de experiências já preparadas e prontas para futuras remessas é de 350. Enviamos apenas dez, para sujeitá-las a seu estudo e aguardamos suas sugestões e pedido de envio gratuito das restantes, sempre em grupos de dez a vinte, para maior facilidade de distribuição para as 650 unidades do ensino médio, em nosso Estado. Para o bom uso do material e sua conservação, seria interessante que se atendes se ao seguinte:

1- Como o papel de mimeógrafo é fraco, convém que as folhas sejam encadernadas, em volumes de cem cada um;

2- As experiências, com vagar, poderão ser passadas em fichas de cartolina de 21 centímetros por 13 centímetros, como o estamos fazendo no próprio Colégio de Aplicação, e guardadas em um fichário de madeira. Isso facilita a conservação e o uso individual de cada uma. O desenho poderá ser decalcado em papel vegetal transparente e forte, igual ao usado para plantas de engenheiro, de tal modo que possa ser grampeado nos seus quatro cantos na ficha de cartolina acima descrita. Antes de o fazer, porém, reservada a parte superior da ficha para grampear a figura, batemos à máquina, logo abaixo, a receita e o princípio científico que prova. Isso facilita a colocação da ficha na máquina de escrever, antes de grampear a figura na mesma. Uma vez escriturada a fi

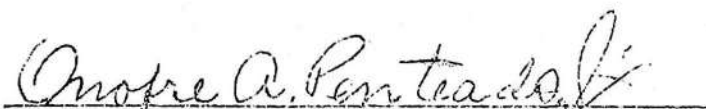
cha, então grampeamos a figura nos seus quatro cantos e na parte superior já reservada, da ficha. O conjunto das 350 experiências será conservado em fichário comum;

3-O trabalho de transposição das experiências para o fichário está sendo feito, no Colégio de Aplicação, pela preparadora auxiliada por alunos do colégio, em horas vagas, como sejam horas em que falta o professor de outra matéria ou em período diferente do de aula de Física. Para iniciar-se o trabalho, fizemos algumas experiências em classe, o que despertou muito interesse. Em seguida pedimos a colaboração dos alunos e permitimos que grupos de cinco e seis alunos usassem o fichário, sob controle, para fazer as experiências que desejassem, quer no Colégio, quer em suas casas.

Na presente data, o Colégio de Aplicação, com o auxílio dos próprios alunos já conta com uma cópia completa do fichário existente na Cadeira de Didática Geral e Especial, da Faculdade de Filosofia.

4-As experiências didáticas, em qualquer matéria, devem ter a finalidade não só de motivar o ensino, como a de levar o aluno a usar a imaginação e o raciocínio, criando-se uma atitude científica, em que se parte do real, da ação efetiva realizada pelo próprio educando, portanto, de um modo indutivo, para chegar à lei, à forma, ao símbolo ou ao abstrato. Com isso estaremos despertando vocações científicas e preparando a mente do educando para mais altos vãos nas esferas do rigor matemático da própria Física. Ligará a visão do fenômeno à compreensão das fórmulas abstratas, e desejará descobrir coisas novas, fabricar novos instrumentos, realizar a prova dos princípios com outros tipos de experiências, colocando-se assim na verdadeira atitude do um pesquisador, e não apenas de repetidor de matéria muitas vezes decorada e não sabida.

Na expectativa de receber de V.S. resposta a esta, acompanhada de sugestões e apreciação crítica construtiva do presente esforço que estamos realizando, e possível colaboração que nos possa dar neste setor, subscrevemo-nos, com estima e apreço,


(Presidente do Conselho Deliberativo do Colégio de Aplicação)

PROF. ONOFRE DE ARRUDA PENTEADO JR.

Colégio de Aplicação

Sugestão de uma pesquisa, cujos resultados poderão servir de base para a construção científica dos programas do ensino Secundário, a ser apresentada ao Conselho Técnico do Colégio de Aplicação, para estudo dos senhores conselheiros e possível a provação.

1º- Necessidade da pesquisa. Os programas do Ensino Secundário, no Brasil, têm sido organizados de maneira empírica, em função da prática individual de cada um dos especialistas nas várias ^{materia} do currículo. Em países de maior desenvolvimento econômico, como acontece com os Estados Unidos da América do Norte, pesquisas educacionais verificaram objetivamente que o aluno, para citar apenas um exemplo, está maduro para o estudo das frações ordinárias aos treze anos, conforme relato do professor Osbourne. Em nosso país esse assunto faz parte do programa de aritmética do terceiro ano da escola primária, cujos alunos em média possuem nove a dez anos. O problema está a exigir, em nosso meio, uma pesquisa no sentido de verificar-se a maturidade do escolar para a aprendizagem de cada um dos tópicos da matéria a ser ensinada nos vários graus de ensino. Justifica-se, pois, um esforço, em conjunto, de nossos educadores, aproveitando-se as várias organizações ou instituições educacionais do país, no sentido corajoso de um trabalho de grande emvergadura e a largo espaço de tempo, a fim de conseguirmos elementos objetivos relativos ao nível de maturidade do estudante nacional, ao estudo pormenorizado da natureza da matéria a ensinar-se, e às necessidades ou exigências socio-econômicas do mundo moderno referentes às qualidades que deve a escola desenvolver no educando, preparando-o ou orientando-o na linha de sua maior eficiência em sua vida de cidadão.

2- As áreas da pesquisa. Quer nos parecer que três sectores distintos, mas inseparáveis, servirão de campo de investigação: 1- a maturidade do educando; 2- a natureza histórico-psicológica da matéria, de que resulta o método de ensino, considerando-a com meio de desenvolvimento das potencialidades existentes no educando;

3- as qualidades que nossa sociedade rural, urbana, industrial está a exigir do indivíduo na sua vida prática, como agricultor, comerciante, profissional liberal, industrial, etc...

3- Instituições que, em cooperação, realizarão a pesquisa. O Colégio de Aplicação, pelo seu Conselho Deliberativo e o Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, na pessoa de seu diretor, entrarão em entendimentos da possibilidade da presente pesquisa e na mobilização das seções especializadas ou dos serviços especializados de sociologia, psicologia, estatística, do Centro Regional, bem como da colaboração total da Seção de Pedagogia da Faculdade de Filosofia bem como das demais seções, sempre que necessário. O Colégio de Aplicação, de seu lado, servirá de campo de experimentação de programas reconstruídos e postos à prova em situação real e organizará estudos, através de professores que estão sendo selecionados por concurso, sobre a natureza da matéria, as atividades mentais que o aluno deve pôr em ação em face dos vários tópicos da matéria, no sentido de uma perfeita adequação de cada dificuldade aos princípios gerais do ensino, - filosóficos, biológicos, psicológicos, lógicos e propriamente pedagógicos.

Para obra dessa envergadura, talvez se possa voltar à nossa antiga idéia - de fazer vir a São Paulo um cientista do prestígio de um Jean Piaget, que, em resposta a nossa consulta, disse poder vir ao Brasil na qualidade de professor visitante. Nessa ocasião, em 1955, por não existência de verba, nada se pôde fazer.

4- Planejamento e execução da pesquisa. O planejamento e a execução da pesquisa serão objeto de estudos prévios que deverão ser feitos em cooperação, por representantes autorizados do Centro de Pesquisa ou pela presença direta do Excelentíssimo Senhor Diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, que também é membro do Conselho Deliberativo do Colégio de Aplicação. A delimitação do campo de investigação, o estudo dos processos ou métodos de investigação, a definição do sector de cada especialista, a sistematização e a unidade de trabalho, etc, serão assuntos a serem debatidos pelas pessoas que fizerem parte da equipe que se encarregará de tão importante trabalho, cujos resultados, por certo, trarão benefícios não só para o nosso sistema escolar, como concorrerão para a mudança de nossa

atitude reflexiva em face aos problemas da educação.

São Paulo, 16 de Julho de 1958.

Amorim A. B. Penteado J.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO

PRÁTICA DO ENSINO

- 1 - FASES DA PRÁTICA - Os licenciandos da Faculdade de Filosofia serão levados à prática através de:
 - a) Observação direta, em que o aluno assistirá à direção da classe, em todos os seus movimentos, a fim de conhecer os escolares, familiarizar-se com os jovens do colégio e estabelecer-se um clima de co-operação simpática;
 - b) Cooparticipação, em que o licenciando corrige provas, critica-as no quadro negro, argúe alunos, verifica a presença pela anotação dos não comparecimentos, elabora materiais de ensino, realiza experiências perante a classe, orienta o ensino dirigido, toma parte nos seminários de alunos e professores, vivendo mais de perto os problemas reais surgidos, e colaborando na solução dos mesmos.
 - c) Direção da classe, em que o licenciando passa a dar aulas. Para isso, quando o catedrático da classe do Colégio achar oportuno, indicará o tema, na sequência de suas aulas, e estudará, com o licenciando, o planejamento completo, marcando dia e hora da aula, estudando:
 - a)- a escolha do tema ou assunto;
 - b)- a natureza do tema, que poderá ser sistema, lei, regra, princípio geral, definição, etc;
 - c)- a marcha a seguir: analítico-sintética; indutivo - dedutiva;
 - d)- o produto que resultará na mente do aluno;
 - e)- os materiais a serem usados;
 - f)- a justificação ligeira, mas rigorosa do plano.
- 2 - RESPONSABILIDADES DO PROFESSOR DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO.

O professor da classe orientará os licenciandos, acompanhará atenciosamente as fases do seu aproveitamento, registrará o total de elementos de contribuição oferecidos e organizará um relatório final em que serão anotados, para cada estagiante, o número de sabatinas corrigidas, de materiais feitos, de sessões de ensino dirigido, de aulas dadas, etc. sugerindo a nota de aproveitamento para cada um. O professor deverá observar o seguinte:

- a) assinar a ficha de presença, apresentada pelo

licenciando, visada pelo Diretor Executivo;

- b)- estar sempre presente à classe, quando estiverem os licenciandos em direção de classe, sempre alerta para auxiliá-los e evitar o fracasso;
- c)- comentar a aula dada, apelando para que o próprio licenciando faça em 1º lugar a sua auto-crítica, em face da ficha de observação, já mimeografada e que servirá de esquema de reflexão. A referida ficha é de uso particular dos professores e só será entregue ao aluno, depois do comentário e com as anotações dos aspectos positivos e negativos, feitos em cooperação de alunos licenciandos e professores presentes, logo em seguida à aula dada. Isso servirá de orientação e reconstrução de planos futuros, para novas aulas a serem realizadas;
- d)- procurar levar o licenciando a conseguir um método pessoal de trabalho, através da prática real e orientada, respeitando-se os princípios gerais da aprendizagem e do ensino;
- e)- entregar o relatório até 15 de novembro, computando a nota em pontos de 0 a 20: ex. 12 pontos, entendendo-se 6 no primeiro semestre e 6 no segundo, para efeito de publicidade na Faculdade de Filosofia, o que se fará em uma só época, no fim do ano letivo;
- f)- criar uma atmosfera de confiança em que os licenciandos tomem consciência da responsabilidade de sua própria formação.

3- A ORIENTAÇÃO GERAL DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO E DA PRÁTICA DE ENSINO, será realizada através de reuniões especiais, pelo sistema de seminários e de sessões de estudo, em torno de problemas surgidos, sob a presidência de professores e assistentes da Faculdade de Filosofia. Para tal, serão convocados, sempre que necessário, professores de matérias afins, pais de alunos, especialistas em problemas específicos, no sentido de fazer-se, em cooperação, o diagnóstico dos casos surgidos e estabelecer-se a terapêutica aconselhável.

São Paulo, 13 de julho de 1958.

PROF. ONOFFE ARRUDA PENTLADO JÚNIOR
Presidente do Conselho Deliberativo
do Colégio de Aplicação.

ALUNOS - O observador deverá entrevistar, informalmente, alunos das classes experimentais e registrar as informações obtidas.

Será importante tentar caracterizar, entre outros aspectos, os seguintes:

- a) se gostam da classe;
- b) se acham dificuldades e em que matéria;
- c) como julgam a situação de sua classe em relação às classes comuns;
- d) se julgam estar aprendendo bem;
- e) se seus pais estão satisfeitos com os resultados obtidos.

OBSERVADOR DO MEC - O observador deverá tentar obter, para leitura e anotação, o relatório desse observador da DES junto às classes e ouvi-lo, em entrevista pessoal, para a qual se sugere, como referências significativas, entre outras, aquelas constantes do "Roteiro para o Observador das Classes Secundárias Experimentais".

DOCUMENTOS SOBRE A EXPERIÊNCIA - O observador deve obter toda a documentação escrita, existente sobre as classes: currículo, programas, fichas de alunos, testes, instruções, objetivos, etc.etc. e anexá-la ao relatório sobre cada colégio.

MEMORANDUM CONCERNING REPORT OF SECONDARY EDUCATION

Robert J. Havighurst
September, 1958

My thinking about ways of bringing about improvement of secondary education in Brazil may not be applicable to the situation in Brazil, but I will put down my ideas for what they may be worth.

I assume that no general reform, as an official action of the federal government, is possible. Rather, there should be a cautious, experimental approach which gives people a chance to see and judge for themselves whether certain reforms are possible and desirable.

There seem to be two general possibilities:

1. By the example of a demonstration school.
2. By working on specific sections of the curriculum, for which there is some generally recognized need of reform.

Demonstration School

I have taken part in two such ventures. One was the establishment of the Ohio State University Demonstration School in 1932, when a completely new school with a new faculty was established. We had a good director, a highly selected and well-paid faculty, and we worked for about four years, starting with only two grades of secondary school and adding a new grade each year. At the end of four years we had a program which we were prepared to describe and to defend.

The other experience was that of the Dearborn, Michigan High School, in one of the suburbs of Detroit. A new high school was to be established, and they selected the faculty and sent them all to the University of Chicago for a year of work together before the school opened. In this way the new faculty worked out its program and made itself ready for its new job.

From these experiences, I would say that the most important things are a good director, a good faculty, and time in which to work out the program.

Work on Specific Aspects of the Program, assuming the results will be applied in the average school.

For this type of approach, I should think that a Commission should be set up, consisting of University and Secondary School people with high status. The Commission would sponsor studies, and would eventually publish recommendations. The Commission would have a staff to make studies and write its report. Possible areas of work are:

Physical Sciences

There is general agreement that a reorganization of teaching in physical science is needed, because of the revolutionary advances in these sciences, and because the society needs to recruit and train so many young people for work in this field.

The Commission might send two people to Massachusetts Institute of Technology in Boston, to work with the Physical Science Group that is developing a physical science program for American secondary schools, supported by the National Science Foundation. This group has made a revolutionary approach to the teaching of physics and chemistry in secondary school. They have a mimeographed text-book, and they have trained 750 high school teachers to teach the new courses this year. The best scientists in the USA are back of this project. The new course is quite difficult and could never be called "soft" by the severest critics.

Such a project would probably have the support of Brazilian scientists who have worked in the USA, such as Cesar Lattes. It would have the advantage of making educational reform respectable, since it could not be accused of being "progressive education". At the same time, it might loosen the hold of tradition on the curriculum, since the new curriculum would be a revolutionary departure from the old.

Mathematics

The same argument can be made for an experimental curriculum backed by a National Commission in Mathematics. There is need for basic reorganization of the teaching of mathematics, and the engineers and scientists of the country would agree with this. Here we have L.N.B. Dunt's very useful report, with examples of new courses to go into a new sequence. His report might be the starting point of the work of a Commission.

Social Sciences

ask From my point of view reform in the teaching of the Social Sciences is extremely important, but I do not know whether it could be managed with as much approval from the University people as could be secured in Science and Mathematics. Certainly some kind of integration of the modern social sciences with geography and history is indicated. But there probably would be some controversies over the selection and organization of content. I would be inclined to the question - Can a Commission be created of prominent people who will support a new program in Social Sciences against its critics?

Putting the program into practise

Assuming that a new course of study was prepared in any of the fields mentioned, what would be the next step? I believe the next step would be to get several of the outstanding secondary schools to try out the program, commencing by sending selected teachers to an in-service training course of two or three months. These people would make collections of teaching materials, would get used to the new text-books, and would build up their morale for the campaign to reform the curriculum.

CONSIDERAÇÕES:

A primeira tarefa do professor, na 1ª série ginasial, será, a uniformização da classe, uma vez que os alunos procedem de variados meios culturais e sociais. Divergem as pronúncias, os conhecimentos de vocabulário, a ortografia, etc. Para a unificação faz-se necessária uma rápida revisão do último ano primário, visando, não tanto as categorias gramaticais, como, principalmente, as partes acima mencionadas. Essa recapitulação, feita através da leitura, conversação, ditado, cópia e aplicação de pequenos testes, será, além de rápida, bastante sugestiva para que os alunos melhor informados não percam o interesse pelas aulas.

Só depois de conhecida a força de cada aluno será iniciado o programa da 1ª série.

Naturalmente, todo ensino da língua vernácula deverá começar por uma explicação que justifique o motivo pelo qual, nós, brasileiros, falamos o Português.

A seguir, o professor, apoiado na leitura ou em orações escritas no quadro-negro, iniciará o estudo da morfologia, não descurando da fonética nem da sintaxe uma vez que as frases são formadas de vocábulos e estes de fonemas.

O ensino será feito, sempre, tendo-se em vista a aprendizagem da gramática através da língua, sendo importantíssima, portanto, a seleção dos trechos para leitura e o preparo dos mesmos, fora da classe, para despertar o interesse de todos, os capítulos selecionados deverão ser bastante sugestivos e de autores de absoluta atualidade.

Durante a leitura, serão corrigidos os erros de pronúncia, pontuação, etc., bem como haverá observações sobre normas ortográficas e ampliação de vocabulário pela interpretação de textos lidos.

O professor deverá manter, com os alunos, conversações sobre assuntos atuais, tendo, então, oportunidade de corrigir defeitos de dicção, cacocotes e gírias condenáveis.

É absolutamente necessário mostrar a distinção entre linguagem vulgar e erudita. Uma exerce influência sobre a outra, portanto ambas devem ser conhecidas.

Conhecimentos de caligrafia são necessários ao mestre de línguas, para que ele possa corrigir os erros de pronúncia, os quais variam de aluno para aluno. Tais correções feitas durante a leitura e a conversação poderão ocorrer, também, em qualquer tipo de exposição oral, inclusive na recitação a qual será, ainda, ótimo exercício de memorização.

Quanto à escrita, o aluno deverá escrever o mais possível, quer no quadro-negro, quer no papel. Cópia, ditado e composições serão feitos constantemente, a propósito de tudo.

Assim, a ortografia e os conhecimentos da gramática fixar-se-ão pelo hábito, pelas associações visuais, auditivas e motrizes.

Poderá o professor, ainda na 1ª série, ensinar as abreviaturas e o manejo do dicionário de modo prático e acessível a todos.

Terminada a 1ª série, o aluno deverá ter feito estudo demorado dos substantivos, adjetivos, pronomes e verbos, saberá analisar sintaticamente períodos simples e terá adquirido noções básicas de prosódia.

A orientação metodológica para as séries seguintes será feita posteriormente levando-se em consideração as possibilidades e limitações dos educandos que, por sua vez, determinarão o reajustamento do programa.

MATEMÁTICA

Levando-se em consideração que é necessário :

- a) - dotar o aluno de meios adequados e suficientes para a conquista do seu lugar na sociedade;
- b) - colaborar com a sociedade no sentido de aproveitar ao máximo as possibilidades de todos os seus membros.

Serão visados no Ensino da Matemática os seguintes objetivos :

- 1 - Desenvolver no aluno a capacidade de observar as diferenças qualitativas e quantitativas em termos de comparação, isto é, a apreender a Matemática das formas, das coisas, dos seres, dos fenômenos; enfim, a apreender a Matemática da vida.
- 2 - Desenvolver no aluno as capacidades de abstração e de raciocínio.
- 3 - Dotar o aluno, de conhecimentos sólidos, atendendo às suas limitações e possibilidades.
- 4 - Dotar o aluno, de hábitos de ordem, exatidão, honestidade, trabalho.
- 5 - Levar o aluno a perceber através da Matemática o alcance do cérebro humano e através deste, partícula infinitésima do Universo, sentir a Deus.

ORDENAÇÃO DA MATÉRIA

Em função dos objetivos expostos distribuir-se-á a matéria da seguinte forma:

- 1 - A Aritmética será aprendida na 1ª e 2ª séries em caráter essencialmente prático, servindo às necessidades, por assim dizer, de uso diário do homem comum.
- 2 - A Geometria será aprendida paralelamente com a aritmética na 1ª e 2ª séries. Procurar-se-á entrosar uma com a outra de modo a fornecer ao aluno um aspecto mais "vivo", mais próximo da realidade. Na 1ª série a aprendizagem da Geometria Intuitiva servirá, além dos objetivos comuns da aritmética, de um preparatório para a Geometria Construtiva, que será aprendida na 2ª, 3ª e 4ª séries. Na 3ª série a Geometria Dedutiva, acompanhará a Construtiva e na 4ª série as Relações Métricas encerrarão o estudo de Geometria do Curso.
- 3 - A Álgebra, cuja aprendizagem será feita paralelamente com a de Geometria, na 3ª e 4ª séries servir-se-á da Aritmética, quase constantemente, como apoio para exemplificação e particularização do caso em foco.

PROGRAMA - DISTRIBUIÇÃO PROVÁVEL1ª Série

ARITMÉTICA

- 1 - Números, Operações.
- 2 - Divisibilidade.
- 3 - Números fracionários
- 4 - Sistema legal de unidades de medir. Unidades e medidas usuais.

GEOMETRIA - MONOLOGIA

- 1 - Linhas.
- 2 - Ângulos.
- 3 - Figuras planas.
- 4 - Sólidos

2ª Série

ARITMÉTICA

- 1 - Unidades de medir: tempo, velocidade. Unidades Norte americanas e inglesas mais conhecidas no Brasil.
- 2 - Números complexos
- 3 - Potências e raízes.
- 4 - Razões e proporções: regra de três, percentagem, juros.

GEOMETRIA - CONSTRUÇÕES GRÁFICAS

- 1 - Perpendiculares, Paralelas.
- 2 - Ângulos.
- 3 - Triângulos e quadriláteros.
- 4 - Divisão de um segmento em partes: iguais, proporcionais.
- 5 - Divisão da circunferência em partes iguais.
- 6 - Polígono: inscritos, circunscritos.

3ª Série

ÁLGEBRA

- 1 - Expressão, Valor numérico.
- 2 - Monômio, Polinômio.
- 3 - Frações literais.
- 4 - Equação do 1º grau com uma incógnita.
- 5 - Binômio linear.
- 6 - Equação do 1º grau com duas incógnitas. Sistema de equações simultâneas.

GEOMETRIA-DEDUÇÕES-CONST.GRÁFICAS.

- 1 - Entes geométricos, Proposições.
- 2 - Polígonos.
- 3 - Circunferência e círculo.
- 4 - Linhas proporcionais.
- 5 - Semelhança de triângulos.

3ª Série**ÁLGEBRA**

- 1 - Equação do 2º grau.
- 2 - Trinômio do 2º grau.
- 3 - Equações redutíveis ao 2º grau.

GEOMETRIA - RELAÇÕES MÉTRICAS

- 1 - Triângulo retângulo.
- 2 - Triângulo qualquer.
- 3 - Círculo.
- 4 - Polígonos.
- 5 - Circunferência. Cálculo de π
- 6 - Equivalência de áreas.

OBSERVAÇÃO : O programa esboçado será reduzido ou ampliado, segundo a capacidade e aptidão do aluno, atendido individualmente, conforme um dos objetivos do nosso Plano geral de trabalho. Essa flexibilidade verificar-se-á mais pronunciadamente a partir da 3ª série quando poderemos ter bem definidas as aptidões e preferências do aluno.

Sempre que possível, o ensino da Matemática será entrosado com as outras disciplinas afim de atender o objetivo de dar " Experiências Unitárias " ao educando.

Considerações :

- 1 - A idade e conhecimentos adquiridos nas séries anteriores, facilitam a compreensão dos continentes com suas grandes regiões naturais - fim da Geografia Moderna.
- 2 - Estudar-se-á o meio físico, como os habitantes lutam, se adaptam e vivem, seus usos e costumes, gêneros de vida, aspectos políticos e as causas destes aspectos.
- 3 - Após o estudo das regiões naturais dos continentes, por comparação, frisar-se-á :
 - a) - que de uma para outra região diferem os problemas, daí a necessidade de métodos locais para a solução dos mesmos;
 - b) - a interdependência dos homens e nações pelas novas condições de vida;
 - c) - a importância do entendimento político entre as nações - a criação de Órgãos Internacionais.
- 4 - Assim conduzido o ensino, será o aluno integrado nos grandes problemas da humanidade e terá conhecimento geral do Mundo; é a síntese final.

HISTÓRIA

Como as disciplinas que integram o currículo escolar devem ser observadas como um todo, dependentes umas das outras, o estudo da História contará com a colaboração de tôdas as cadeiras; as redações, as descrições, a interpretação de textos históricos, constituirão a colaboração dos professores de Português ou mesmo de outras línguas; a confecção de maquetes, trabalhos de madeira, gesso ou mesmo argila, para a "sala ambiente" ou "museu de classe", estarão ao encargo do professor de Trabalhos manuais; a parte cartográfica e o desenho poderão estar ligados aos professores de Geografia e desta última disciplina; os professores de Canto orfeônico ligarão seus hinos e canções patrióticas aos temas históricos desenvolvidos. Nesta associação de disciplinas desaparecerá a falsa idéia do maior ou menor valor de cada disciplina isoladamente e a "História" deixará de ser "apenas mais u'a matéria em meio das outras..."

Atendendo a idade crônológica do educando - que pressupõe o desenvolvimento mental correspondente - e acima de tudo os seus interesses; ter-se-á como ponto de partida a História local ou do próprio meio; o educando começará estudando a história de sua cidade, de seu Estado, de seu País e finalmente do Mundo antigo e atual.

OBJETIVOS :

O ensino da História desenvolver-se-á em função dos seguintes objetivos :

- a) - A formação da consciência cívica, histórica e moral;
- b) - A compreensão dos fatos históricos e o senso da evolução da sociedade;
- c) - O desenvolvimento do hábito de observação, pesquisa e investigação;
- d) - A comparação e crítica dos fatos históricos;
- e) - A evidência da relação causal que liga os fatos históricos;
- f) - A compreensão dos acontecimentos históricos com a finalidade da avaliação do patrimônio cultural legado pelas gerações precedentes - exaltando a responsabilidade do homem do presente e do futuro, centro de toda História.

GEOGRAFIAOBJETIVOS:

- 1 - O processo de aprendizagem partirá da idéia simples dentro das possibilidades de compreensão do aluno e ampliar-se-á progressivamente, em todos os sentidos, atendendo aos princípios básicos da cadeira: atividade (mutações), localização (em algum lugar), delimitação (em algum ponto), correlação (comparação com outros) e causalidade (busca as causas e examina as consequências).
- 2 - Integrar o aluno no ambiente em que vive, levando-o a perceber, localizar e interpretar os fenômenos geográficos, segundo o conceito moderno de Geografia, mostrando as inter-relações entre a paisagem natural e a paisagem cultural.
- 3 - Orientar os estudos, afim de que sejam desenvolvidos hábitos de atenção, de observação, de pesquisa, de comparação, de relação, de crítica, de idéias, de interesses, de preferências, de tolerância, de cooperação, de respeito à solidariedade humana e internacional e de conclusões dentro de sua mentalidade.
- 4 - Conhecimentos precisos do país natal sobre suas condições físicas, humanas, políticas e econômicas para a compreensão racional das necessidades, dos problemas gerais e regionais.
- 5 - Despertar a curiosidade sobre outros povos, ressaltando, por comparação, as singularidades físicas, étnicas, políticas e econômicas. Tais conhecimentos ampliam o horizonte geográfico e constituem fontes de formação cultural.
- 6 - Mostrar a articulação da Geografia com as demais disciplinas para justificar a expressão - "ciência de síntese".
- 7 - Aproximar a situação escolar da situação real de vida e experiência social, consequência de atividades extra-curriculares, mostrando a Geografia como ciência natural e social - que o homem pela ciência e técnica tem modificado a superfície terrestre melhorando as condições de vida.
- 8 - Interesse pelo futuro, principalmente pelos acontecimentos que o possam envolver.

DISTRIBUIÇÃO DA MATÉRIA :

- 1ª série ginasial : GEOGRAFIA GERAL.
- 2ª série ginasial : GEOGRAFIA DO BRASIL.
- 3ª série ginasial : GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL.
- 4ª série ginasial : GEOGRAFIA REGIONAL DOS CONTINENTES.

GEOGRAFIA GERAL - 1ª série ginasial.

- I - Terra no espaço.
- II - Estrutura da Terra.
- III - Os grupos humanos
- IV - A vida econômica.

Considerações :

- 1 - Noções de Geografia Astronômica, mostrando a Terra como astro relacionada com os demais princípios de Cartografia para a interpretação das cartas geográficas.
- 2 - Noções superficiais da Terra e seus elementos para a compreensão das relações entre os mesmos e o homem.
- 3 - Noções da vida sobre a Terra frisando-se :
 - a) - distribuição em função de fatores físicos locais;
 - b) - lutas pela sobrevivência visando melhores condições de vida que a coexistência organizada facilita;
 - c) - variadas formas de organização política, resultantes dos diferentes tipos nas diversas regiões.
- 4 - Noções da vida econômica, de maneira englobada, mostrando a forma de utilização dos recursos naturais das diferentes paisagens para a satisfação das necessidades humanas e como são realizados intercâmbios dos produtos entre as diferentes regiões.

GEOGRAFIA DO BRASIL - 2ª série ginasial.

- I - O espaço brasileiro.
- II - A conquista territorial.
- III - A população brasileira.
- IV - Organização político-administrativa.
- V - Circulação : os sistemas de viação.

- VI - A produção agro-pecuária e mineral.
- VII - A indústria e o comércio.

Considerações :

- 1 - Teve o aluno na 1ª série ginasial noções da paisagem natural e cultural, que o habilitam à interpretação dos fatos geográficos brasileiros.
- 2 - Interpretação da carta geográfica brasileira, focalizando os aspectos físicos e mostrando até que ponto tais aspectos facilitaram ou dificultaram a conquista territorial, a distribuição dos homens, a valorização do território pelas atividades econômicas e a circulação dos produtos e de idéias.

GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL - 3ª série ginasial.

- I - Divisão regional.
- II - Região Sul.
- III - Região Leste.
- IV - Região Nordeste.
- V - Região Norte.
- VI - Região Centro-Oeste.

Considerações :

- 1 - Conhecedor dos aspectos gerais do Brasil pelos estudos feitos na 2ª série ginasial, irá o aluno apreciar as singularidades regionais brasileiras sobre o meio físico, como os habitantes lutam, se adaptam e vivem, seus usos e costumes, os gêneros de vida, as causas destes aspectos, os problemas regionais e tentativas de solução dos mesmos através de órgãos especializados.
- 2 - Para eficiente compreensão do conceito de região natural, ideal seria que o professor iniciasse o estudo pela região em que vive.

GEOGRAFIA REGIONAL DOS CONTINENTES - 4ª série ginasial.

- I - Os continentes e as Regiões Polares.
- II - América do Sul: países platinos e andinos.
- III - América Central: continental e insular.
- IV - América do Norte.
- V - Europa: setentrional, oriental, ocidental, central e meridional.
- VI - África, as possessões europeias e o Egito.
- VII - Ásia: oriental, central, ocidental e meridional.
- VIII - Austrália.
- IX - Oceânia.

Unidade I -

- a) - O Colégio Estadual do Paraná: sua fundação e desenvolvimento.
- b) - Fundação da cidade de Curitiba: sua evolução histórica.
- c) - O seu desenvolvimento econômico.
- d) - A história do seu progresso cultural.

Unidade II

- a) - O Descobrimento do Brasil: suas causas e consequências.
- b) - As capitanias hereditárias: as de São Vicente e de Sant'Ana.
- c) - O ouro no Paraná: Paranaguá na história do Paraná.
- d) - O habitante da terra: o indígena no Paraná.
- e) - O tempo das Entradas e Bandeiras no Paraná.

Unidade III

- a) - O Governo Geral no Brasil.
- b) - O sentimento nativista: A Inconfidência Mineira.
- c) - A Independência do Brasil: suas causas e consequências.
- d) - Os ideais da emancipação político-administrativa do Paraná.
- e) - A autonomia da Província do Paraná.

Unidade IV

- a) - Progresso do Brasil e do Paraná.
- b) - A abolição da escravidão: o episódio Cormorant e a participação do Paraná na campanha abolicionista.
- c) - A República no Brasil: a campanha no Paraná e governos republicanos.
- d) - O Brasil e o Paraná de hoje.

Unidade V

- a) - O Paraná, uma terra de imigração.
- b) - A cultura do café: o Norte do Paraná.
- c) - A madeira e sua industrialização no Paraná.
- d) - A Erva-mate na história do Paraná.
- e) - A criação e o comércio do gado: Origem e desenvolvimento das cidades tradicionais.
- f) - A industrialização do Paraná.

Unidade VI

- a) - Os paranaenses e a política.
- b) - Os paranaenses e as letras, artes e ciências.

OBSERVAÇÃO: Todo o Programa será desenvolvido em função da história do meio.

O professor procurará, sempre que possível, correlacionar com outras disciplinas do Curso, por exemplo, Geografia, Ciências, Português e outras.

23 Série CinásialUnidade I - A Conquista da América :

- a) - Tradições e hipóteses relativas ao Novo Mundo;
- b) - O descobrimento e suas consequências;
- c) - A conquista da América pelos espanhóis.

Unidade II - A América Pré-Colombiana :

- a) - O homem pré-colombiano;
- b) - Costumes primitivos;
- c) - As principais culturas indígenas.

Unidade III - Descobrimento do Brasil :

- a) - As grandes navegações e o descobrimento do Brasil;
- b) - As principais expedições exploradoras;
- c) - O indígena do Brasil.

Unidade IV - A América Colonial Espanhola :

- a) - O Novo Mundo espanhol e sua administração;
- b) - A Colônia do Sacramento e as Missões;
- c) - O Vice-Reino do Prata.

Unidade V - A Colonização do Brasil :

- a) - As capitanias;
- b) - Governo Geral;
- c) - A escravidão e a catequese.

Unidade VI - A América do Norte :

- a) - Espanhóis e franceses;
- b) - Colonização inglesa;
- c) - Os holandeses e suecos.

Unidade VII - Expansão geográfica :

- a) - Entradas e Bandeiras;
- b) - Formação de limites.

Unidade VIII - Emancipação dos Países da América :

- a) - A Guerra da Independência dos E.E.U.U.

- b) - D. João no Brasil;
- c) - Independência do Brasil;
- d) - Síntese da emancipação dos países americanos.

Unidade IX - Desenvolvimento dos países da América :

- a) - Os Estados Unidos;
- b) - O Brasil (evolução econômica e política externa).

Unidade X - A América contemporânea :

- a) - O Pan-Americanismo;
- b) - As democracias americanas;
- c) - O Brasil : Movimento cultural e desenvolvimento econômico.

3ª Série Ginasial

Unidade I - O Oriente Antigo :

- a) - O legado cultural dos egípcios, assírios, babilônios, cretenses, fenícios, Medas e Persas.
- b) - O monoteísmo hebraico;
- c) - Origens do comércio marítimo.

Unidade II - O Mundo Grego :

- a) - Os tempos primitivos;
- b) - As cidades gregas;
- c) - Herança cultural grega.

Unidade III - Os romanos :

- a) - Fundação de Roma;
- b) - A República;
- c) - O Império;
- d) - O Cristianismo.

Unidade IV - Os bárbaros :

- a) - As grandes Invasões;
- b) - Os francos;
- c) - Carlos Magno.

Unidade V - Os Árabes :

- a) - Maomé e o Islamismo;
- b) - O legado árabe, principalmente na Península Ibérica.

Unidade VI - As Cruzadas :

- a) - A importância histórica das cruzadas;
- b) - As grandes cruzadas;
- c) - Primeira expansão colonial do Ocidente.

Unidade VII - A Igreja :

- a) - A importância da Igreja como fator da cultura medieval.

Unidade VIII - A Monarquia Franco Inglesa :

- a) - Formação da monarquia francesa;
- b) - Formação da monarquia inglesa;
- c) - Guerra dos Cem Anos.

Unidade IX - O Império do Oriente :

- a) - Os grandes Imperadores, principalmente Justiniano;
- b) - Queda do império.
- c) --

Unidade X - A civilização Senhorial e Cristã :

- a) - O feudalismo;
- b) - Vida social, econômica, material, intelectual e artística.

1ª Série GinasialUnidade I - A Renascença :

- a) - Causas da Renascença;
- b) - A Expansão, as Artes, a Filosofia e Ciências.

Unidade II - A Reforma :

- a) - Causas;
- b) - Revolução protestante;
- c) - Reforma católica.

Unidade III - A revolução comercial :

- a) - Causas da revolução comercial;

- b) - Consequências da revolução comercial;
- c) - A nova sociedade.

Unidade IV - O Absolutismo :

- a) - Desenvolvimento e decadência na Inglaterra;
- b) - A monarquia absoluta na França - Luiz XIV;
- c) - Os déspotas esclarecidos.

Unidade V - A revolução Intelectual : séculos XVII e XVIII.

- a) - Progressos da Ciência
- b) - Artes e literatura.

Unidade VI - A Revolução francesa :

- a) - Causas;
- b) - Desenvolvimento;
- c) - Consequências da Revolução.

Unidade VII - Época do Romantismo :

- a) - Napoleão e sua importância;
- b) - O Congresso de Viena e a Restauração;
- c) - O romantismo na literatura e artes.

Unidade VIII - A Revolução social e Industrial :

- a) - Causas;
- b) - A Inglaterra;
- c) - A segunda Revolução Industrial;
- d) - Novas doutrinas sociais e económicas.

Unidade IX - O mundo ocidental contemporâneo :

- a) - 1ª Guerra Mundial;
- b) - Regimes totalitários;
- c) - Regimes democráticos;
- d) - 2ª Guerra Mundial.

Unidade X - Cultura contemporânea :

- a) - Progresso técnico e científico;
- b) - As artes e a literatura no mundo atual;
- c) - Problemática do homem contemporâneo.

CIÊNCIAS NATURAIS

O ensino das Ciências Naturais compreenderá :

- 1 - Estudo dos seres vivos :-
 - a) - do organismo humano do ponto de vista anatômico e fisiológico;
 - b) - das diferentes formas de vida;
 - c) - como vivem estes seres em seu ambiente.
- 2 - Estudo da Higiene :-
 - a) - individual;
 - b) - habitação.
- 3 - Estudo do ambiente e sua influência biológica.
- 4 - Estudo dos fenômenos físicos e químicos que ocorrem na natureza.

O ensino das Ciências Naturais iniciar-se-á, sistematicamente, a partir da 3ª série ginasial e será dosado levando-se em consideração as possibilidades e limitações do aluno.

CONSIDERAÇÕES

Levar-se-á o educando a conhecer a imensa variedade de formas que integram o mundo animal e vegetal, ao conhecimento do homem e de sua integração na natureza, e das condições de equilíbrio entre os seres vivos e o ambiente; pois, antes de tudo e acima de todas as coisas, o homem é um ser que vive e vive rodeado de outras vidas que não pode e não deve ignorar. Terá que conhecê-los como seres que formam parte integrante da Creação.

O ensino teórico será sempre motivado por observações práticas e será desenvolvido de modo a dar ao educando oportunidade de participação ativa.

Esta motivação deverá tornar o conteúdo da matéria mais sugestivo, de maneira que o educando possa adquirir, sem esforço, grande cabedal de conhecimentos.

Na aplicação do Plano, partir-se-á do estudo do ambiente, considerando-se o campo vivencial do educando como base para o estudo do meio local, regional e nacional.

Procurar-se-á levar o aluno a observar a natureza; encaminhá-lo para a formação do espírito científico; aguçar seu interesse pela pesquisa; despertar nele o respeito pela obra maravilhosa da Criação Universal.

Sempre que possível haverá entrosamento do ensino das Ciências Naturais com as demais disciplinas do curso, para atender a uma das características deste Plano que é dar ao aluno uma visão global da realidade.

FRANCÊS

O ensino do Francês será feito atendendo a dois objetivos: um remoto e outro imediato.

O objetivo remoto será despertar, nos alunos, o gosto pela língua como base de cultura geral, além disso visar-se-á satisfazer a grande necessidade que atualmente todos sentem do manejo de uma língua estrangeira em qualquer atividade.

Já no objetivo imediato dever-se-á procurar obter os seguintes resultados: o aluno, ao terminar o 1º ciclo, deverá manejar a língua com certa facilidade, compreender o que está escrito, descobrir as belezas de um trecho lido, escrever corretamente tanto quanto possível.

Nêsses dois objetivos estão incluídos de maneira sintética, os caracteres: informativo, formativo e cultural do ensino do Francês.

Nas duas primeiras séries o caráter informativo será visado de maneira enfática, sem se descuidar, porém, do caráter formativo, deixando para terceiro plano o atendimento da feição cultural do aprendizado.

Nas duas últimas séries o objetivo cultural será ressaltado e aumentado gradativamente, de acordo com as necessidades do aluno, visando a sua formação integral, que é a finalidade precípua deste Plano.

MATÉRIA

A matéria a ser ministrada ficará a cargo do professor, a quem caberá dosá-la de acordo com as necessidades do aluno, fornecendo-lhe dentro do programa, os conteúdos a serem adquiridos.

O núcleo vocabular será fornecido gradativamente e deverá corresponder às necessidades de expressão da linguagem corrente.

O ensino da gramática nas primeiras séries obedecerá o método indutivo e a sistematização de seu estudo irá aumentando a medida que o aluno: for adquirindo conhecimentos;
e adotar bons métodos de estudo.

MODO DE TRATAR A MATÉRIA

Na 1ª série o ensino será prelecionado de forma oral, tanto quanto possível, usando-se para esse fim recursos tais como o uso de discos, magnetofones, cartazes, canções e recitativos.

Nessa fase o estudo da gramática será ministrado acidentalmente e assumirá caráter recreativo sob tôdas as formas.

Na 2ª série, a gramática será ensinada pelo método ~~indutivo~~ ^{indutivo} e sempre em função do texto. Nessa fase o aluno será iniciado no estudo da gramática sob forma sistemática.

Na 3ª série e 4ª séries, iniciar-se-á a explicação analítica do texto de nível elementar, que aumentará gradativamente sempre em função dos conhecimentos adquiridos nas séries anteriores.

CONSIDERAÇÕES GERAIS:

Sendo o Inglês uma língua optativa dentro do Curso Ginasial o aluno que quiser estudá-la terá um maior interesse em aprendê-la e a escola deverá propiciar-lhe a oportunidade de domínio relativo da mesma, ao término do curso.

PROCEDIMENTOS:

- 1 - Ensinar-se-á a lêr e escrever ao mesmo tempo que a falar; dando-se especial atenção à correção do falar, o aluno terá pouca dificuldade em escrever e lêr o que já sabe.
- 2 - Os exercícios de pronúncia serão ministrados nas primeiras aulas afim de evitar que o aluno adquira vícios de pronúncia ou inite sons de sua língua. Serão feitos exercícios para a aquisição do ritmo e entonações característicos da língua inglesa. A acuidade deverá preceder a fluência.
- 3 - Evitar-se-á a tradução, que apenas provê o significado mas não ensina a palavra. As palavras, sentenças ou expressões novas serão aprendidas por associação com o objeto, ação ou gravura, usando-se a mímica, a repetição e a memorização mas evitando-se, sempre que possível, o uso do vernáculo. Procurar-se-á a fixação da palavra inglesa e não a sua correspondente em português.
- 4 - A gramática será aprendida indutivamente pelo aluno; o professor a proveitará toda oportunidade que surja durante a leitura ou conversação transformando-a em situação de aprendizagem gramatical.
- 5 - As lições serão relacionadas com o que os alunos estejam aprendendo em seu próprio idioma.
- 6 - Fazer-se-á exercícios após cada lição de maneira que o aluno saia da aula com o sentimento de ter adquirido um novo conhecimento.
- 7 - Exemplos do Inglês falado e escrito serão dados em frases-modelo as quais depois de dominadas pelos alunos, oralmente, serão substituídas por palavras já conhecidas o que lhes proporcionará a oportunidade de aumentar o vocabulário e ao mesmo tempo, de conhecer o uso adequado das palavras dentro da frase.

O ensino do Inglês apoiar-se-á nos seguintes auxiliares :-

- a) - livro texto;
- b) - gravuras de revistas e cartões com palavras impressas;
- c) - o quadro negro;
- d) - flanelógrafo;
- e) - projetor fixo;
- f) - eletrola
- g) - gravador
- h) - cinema.

2ª série

Os assuntos sobre os quais versarão as lições serão retirados do próprio campo vivencial dos alunos:

- | | | |
|---------------|-----------------------|-------------------------|
| 1 - Greetings | 6 - Boys and girls | 11 - The week |
| 2 - Family | 7 - Parts of the body | 12 - Months and seasons |
| 3 - Pets | 8 - In the morning | 13 - A birthday party |
| 4 - School | 9 - In the afternoon | 14 - Going on holiday |
| 5 - Food | 10 - In the evening | 15 - Telling a story. |

3ª série

Visar-se-á, então, fornecer aos alunos um vocabulário mais variado; daí a maior diversidade de assuntos:

- | | | |
|-------------------------|----------------------|------------------------------|
| 1 - By land | 8 - A visit | 15 - A library |
| 2 - In town | 9 - Farm animals | 16 - Going fishing |
| 3 - A visit to the zoo | 10 - At the seaside | 17 - Cooking |
| 4 - School sports | 11 - At the cinema | 18 - Packing for the holiday |
| 5 - Life in the country | 12 - A pic-nic | 19 - A holiday trip |
| 6 - Our homeland | 13 - Going shopping | 20 - In school |
| 7 - Our flag | 14 - A football game | |

4ª série

Aproveitar-se-á o grande entusiasmo e o quase ilimitado interesse que caracterizam a adolescência para a diversificação na escolha de temas a serem estudados na 4ª série; além disso, será oportuna, a escolha de textos que reflitam a cultura inglesa da atualidade:

- | | |
|--|-----------------------------------|
| 1 - The countryside | 10 - An English Village |
| 2 - English and American Civilization | 11 - Climbing Mount Everest |
| 3 - Life in English speaking countries | 12 - Collecting Stamps |
| 4 - English Character | 13 - A visit to London |
| 5 - In the British | 14 - New York |
| 6 - The British Empire | 15 - Christmas and New Year Cards |
| 7 - Great men in American Literature | 16 - Christmas Carol |
| 8 - Benjamin Franklin | 17 - English Literature |
| 9 - Shakespeare | 18 - Romeo and Juliet. |

LATIMOBJETIVOS: I - de caráter prático :

- a)- aperfeiçoar os conhecimentos do Português;
- b)- possibilitar melhor compreensão das línguas românicas.

II - de caráter formativo :

- a)- desenvolver a inteligência;
- b)- aguçar a capacidade de reflexão;
- c)- robustecer a memória.

III - de caráter cultural :

- a)- conhecimento da cultura e civilização romana;
- b)- conhecimento das bases da nossa civilização;
- c)- reconhecimento da herança latina : formação patriótica;
- d)- compreensão da cultura ocidental.

JUSTIFICAÇÃO : a)- Sem o estudo do Latim, não é possível um estudo científico das línguas modernas;

- b)- os textos latinos nos revelam as origens da nossa civilização e cultura;
- c)- os textos latinos e a mitologia nos esclarecem a literatura portuguesa;
- d)- a morfologia robustece a memória;
- e)- a tradução desenvolve a capacidade de reflexão.

PROGRAMA : Vocabulário : estudo das famílias etimológicas.Leitura de textos, acompanhada de comentários :

2ª série - inscrições, provérbios e sentenças.

3ª série - idem, fábulas de Pedro, Eutrópio.

4ª série - César.

GRAMÁTICA E LINGUAGEM:

2ª série - 1ª e 2ª declinação.

Indicativo da voz ativa das 4 conjugações.

O verbo essa

3ª série - Morfologia.

4ª série - Sintaxe.

O ensino do Latim será feito através de traduções de trechos genuínos, não versões. Não seguirá as gramáticas feitas sob modelos franceses, italianos e alemães; mostrar-se-ão as diferenças entre a gramática latina e a portuguesa.

O estudo do vocabulário será facilitado pelo estudo das famílias.

O estudo das conjugações será feito sob um modelo único. As semelhanças dos casos serão ressaltadas.

Da literatura serão apresentadas unicamente noções gerais.

Muitas noções de morfologia e sintaxe serão dadas, não sistematicamente, mas ao correr das traduções.

Chamar-se-á a atenção, sempre, sobre as coincidências com a língua portuguesa, como por exemplo, as nossas formas literárias.

ARTES APLICADAS

OBJETIVOS PRÁTICOS : Colaborar com as demais disciplinas no sentido de ilustrar os temas estudados facilitando, assim, a fixação da aprendizagem; favorecer a aquisição de idéias nítidas e precisas sobre medidas e proporções do que resultará uma melhor compreensão da realidade; desenvolver a habilidade manual e fornecer os meios que facilitarão a expressão artística.

OBJETIVOS FORMATIVOS : desenvolver o espírito de observação, a imaginação e o juízo crítico; formar hábitos de ordem, disciplina e de boa apresentação dos trabalhos.

OBJETIVOS SOCIAIS : desenvolver a sociabilidade, a cooperação, o respeito pelo direito dos outros; ensinar a ocupar as horas de lazer com atividades úteis e proveitosas.

Além disso as Artes Aplicadas, enriquecendo a vida afetiva pelo prazer de realizar e produzir, serão excelentes meios de liberação das tensões emocionais e funcionarão como instrumento de saúde mental.

1ª e 2ª Séries:-

Nas duas primeiras séries serão empregadas técnicas e instrumentos muito simples de acordo com a natureza dos tipos de trabalho que os alunos poderão realizar : recorte e cartonnagem

trabalho em madeira e couro
tecelagem
modelagem
cerâmica etc.

3ª e 4ª Séries :-

Poderá haver preocupação pelo desenvolvimento de maiores recursos técnicos afim de possibilitar aos educandos a execução de trabalhos mais artísticos e úteis de vóz que estarão atravessando uma fase de vida em que os interesses construtivos ocupam lugar de destaque.

Respeitando sempre as preferências individuais poder-se-á levar os alunos à aprendizagem de vários tipos de trabalhos manuais, tais como : Aeromodelismo

Trabalhos em madeira, feitos em oficinas

Encadernação de livros

Trabalhos em metal

Pintura de móveis

Colocação de vidros

Instalação de campainhas

Tipografia, etc.

Acabado o trabalho será feita a crítica pelo próprio aluno que o executou.

Todos os trabalhos ficarão em exposição na classe, afim de que os alunos os examinem, discutam e julguem.

MÚSICA E CANTO ORFÔNICOOBJETIVOS GERAIS :

- 1 - contribuir para o desenvolvimento da acuidade auditiva e para o aprimoramento do ouvido musical;
- 2 - desenvolver o sentido do ritmo;
- 3 - dar conhecimentos rudimentares sobre Teoria Musical para possibilitar uma melhor apreciação da Música;
- 4 - ministrar Cultura Musical e ampliar a Cultura Geral;
- 5 - dar oportunidade para o aparecimento de vocações musicais;
- 6 - desenvolver o sentimento cívico e patriótico;
- 7 - educar a respiração e favorecer a boa articulação verbal;
- 8 - possibilitar a liberação das tensões emocionais;
- 9 - favorecer o desenvolvimento do espírito social.

1ª Série

- a) - Iniciação do estudo da Teoria Musical, tanto quanto possível, em forma recreativa e concreta : nota, pauta, linhas suplementares, clave de sol e de fá; valores; compasso;
- b) - Solfejos fáceis;
- c) - Hinos oficiais, canções folclóricas, de cordialidade, etc;
- d) - Prática de Bandinha Rítmica;
- e) - Confecção de instrumentos para a mesma.

2ª Série

- a) - Teoria : acidentes, ligaduras, pontos de aumento e de diminuição; sinais de repetição e de expressão; escalas e graus; vozes;
- b) - Solfejos;
- c) - Hinos oficiais, canções a duas vozes, especialmente folclóricas;
- d) - Exercícios rítmicos variados;
- e) - Conhecimento dos instrumentos musicais.

2ª Série

- a) - Teoria : quiáloras, intervalos, acordes, andamentos;
- b) - Hinos oficiais, canções a duas ou três vozes;
- c) - Música brasileira : influência ameríndia, africana e portuguesa;
- d) - Palestras sobre compositores nacionais, audições de discos comentadas.

3ª Série

- a) - Ampliação do estudo da Teoria Musical, atendendo as necessidades e interesses dos alunos;
- b) - Hinos oficiais, canções a três e quatro vozes;
- c) - Cultura musical : História da Música; Genêros musicais; Vida e obra dos grandes compositores, através de audições de discos comentadas;
- d) - Frequência a concertos da Juventude Musical Brasileira".

Atividades extra-curriculares :- com alunos excepcionalmente dotados de aptidão musical, poder-se-á organizar uma orquestra estudantil, a partir da 3ª série.

O ensino do Desenho terá como principais objetivos :

- a) - Dotar o aluno de um instrumento de cultura;
- b) - Dotar o aluno de meio de expressão e de representação.

Sob êsse critério serão visados especialmente :

- 1 - Incutir no aluno o hábito de observar racional e conscientemente;
- 2 - Desenvolver no aluno a habilidade manual;
- 3 - Desenvolver no aluno : a capacidade de se exprimir livremente, o senso estético, o interesse pelas atividades plásticas, o senso crítico, a capacidade criadora;
- 4 - Dotar o aluno de : informações, conhecimentos e técnicas elementares para estudos ulteriores; de técnicas auxiliares para estudo das outras disciplinas; de um meio de criação pessoal;
- 5 - Dotar o aluno de meios para afirmação de sua personalidade através a criação, a originalidade, as possibilidades de expressão pelas artes plásticas.

ORDENAÇÃO PROVÁVEL DA AÇÃO DIDÁTICA

Os Desenho do Natural , Decorativos , de Memória , serão aprendidos paralelamente da primeira à última série.

Na 1ª e 2ª séries, visando o desenvolvimento da habilidade manual do aluno, insistir-se-á no desenho à mão livre. O Desenho do Natural será iniciado com modelos planos, recortes de cartolina, fôlhas, etc; seguidos pelos objetos em forma de revolução. Vencendo, o aluno, gradativamente as dificuldades seguir-se-ão os modelos de forma prismática e piramidal.

Na 3ª série os modelos, até então desenhados isoladamente, serão agrupados atendendo ao problema de posição e proporção entre os mesmos. Atender-se-á, também, agora, às sombras própria e projetada.

Na 4ª série serão abordadas as dificuldades de proporção entre os objetos e o suporte.

O Desenho Decorativo iniciar-se-á com ornatos simples, lineares. Desde o princípio e até o final do curso o aluno será encorajado a copiar, a inventar, a criar. A faixa e o pincel decorativo, a decoração de superfícies planas limitadas, o desenho decorativo em função do objeto a decorar serão ótimas oportunidades para levar o aluno a agir como autor.

O Desenho de Letras acompanhará sempre os outros tipos de Desenho, será usado nos títulos, notas, etc. As letras tipo bastão, em faixa, fantasia, terão aplicação em cartazes; letras góticas e romana para o aluno interessado no assunto.

Na 4ª série serão dados os princípios básicos de concordância para aplicação no Desenho Decorativo.

O Desenho de Memória acompanhará o Desenho do Natural atendendo em especial à fixação de regras de formação perspectiva aprendidas intuitivamente na execução mesma do Desenho do Natural.

Constantemente relacionar-se-á o Desenho com suas aplicações na vida prática. Sempre que oportuno o ensino do Desenho relacionar-se-á com as outras disciplinas para dar ao aluno uma visão do curso como um " todo " constituído de partes interdependentes, mas um todo.

Durante todo o Curso procurar-se-á levar o aluno a perceber a função estrutural do Desenho nas artes plásticas. Atendendo a esse objetivo e também a formação cultural do aluno, ministrar-se-á gradualmente, noções dos diversos estilos artísticos em função das linhas dominantes nos mesmos.

Dar-se-á ao aluno liberdade e oportunidade de expressar, por meio do Desenho, seus sentimentos e emoções. Havendo meios empregar-se-á o gouache que, possibilitando a representação das grandes massas, permitirá ao aluno maior liberdade de expressão.

Observação : O Desenho Geométrico será aprendido com o professor de Matemática em " Construções Gráficas ".

ATIVIDADES FÍSICAS

A orientação das atividades físicas e recreativas nas Classes Experimentais fundamentar-se-á, nas exigências da vida social, nas necessidades e interesses do indivíduo durante as diferentes etapas de seu crescimento, no progresso da ciência, no estado atual da cultura e no nível alcançado pelas ciências da educação.

Através dos recursos de que dispõe as atividades físicas e recreativas, visar-se-á, não só o desenvolvimento físico, como também, em colaboração com as outras disciplinas, proporcionar condições que favoreçam o desenvolvimento mental, emocional e social do educando.

Na realização do programa de atividades físicas empregar-se-á métodos e procedimentos ativos que permitam o completo desenvolvimento da personalidade dos alunos, e que ofereçam meios para a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes úteis ao indivíduo e a coletividade.

O programa de atividades físicas constará de um número bastante variado de atividades : desde jogos, esportes, ginástica, danças, excursões e acampamentos, até as brincadeiras mais calmas de salão; desde as atividades individuais, até aquelas que exigem grande cooperação; desde aquelas que pedem obediência a um conjunto de regras pré determinadas até aquelas que demandam iniciativa, interpretação e espírito creador.

A atenção vigilante na observação dos fatos, o cuidado escrupuloso de se documentar e a prudência nas conclusões, deve ser a orientação seguida. O controle científico dos resultados, dos métodos e processos educativos empregados na atividade física, será feito não só pela apreciação do aproveitamento evidenciado, como também, pelas novas formas de conduta individual e social empregadas pelos alunos no decorrer da vida escolar.

Comportamento

Aluno: _____

Março	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
Ótimo	*					*							*							*							*				
Bom	*					*							*							*							*				
Regular	*					*							*							*							*				
Péssimo	*					*							*							*							*				

Esta ficha deverá ser entregue pelo próprio aluno, no Departamento de Orientação Educacional das Classes Integrais, no último dia do mês.

PROGRAMAÇÃO

OBJETIVOS:

- Gerais :-
- 1 - Fornecer elementos necessários à aquisição de conhecimentos para o perfeito uso da linguagem falada e escrita, de modo que o educando possa ter participação apropriada e ativa no meio social; e desenvolva a capacidade de pensar.
 - 2 - Possibilitar ao aluno o perfeito manejo da língua vernácula, ensinando-o a amá-la e a orgulhar-se dela, tratando-a com carinho pois " um povo só começa a perder a sua independência, a sua dignidade, a sua existência autônoma, quando começa a perder o amor pelo idioma natal ".
 - 3 - Convencer o discente de que a linguagem é recurso e instrumento de todas as disciplinas, fazendo a associação constante das formas linguísticas com os conhecimentos que as mesmas devem exprimir.

Específicas : Leitura :-

- 1 - Fazer o educando ler com compreensão, desembaraço e boa dicção.
- 2 - Fixar o hábito da boa leitura, tanto como fonte de informações úteis como motivo de recreação.
- 3 - Mostrar ao aluno as vantagens da leitura como instrumento de cultura, familiarizando-o com os escritores cujas obras propiciam elevada formação moral e cívica.
- 4 - Proporcionar enriquecimento do vocabulário.

Exposição oral e escrita :-

- 1 - Habituat o aluno a exprimir com clareza e correção o próprio pensamento.
- 2 - Ensinar ao educando a falar e a escrever com agilidade, a legância e desembaraço, fazendo-o compreender a necessidade desses instrumentos de intercomunicação na vida prática.
- 3 - Aperfeiçoar a dicção e a caligrafia.

Gramática:-

Despertar no educando o desejo de falar e escrever corretamente, fazendo com que o uso constante da forma correta se transforme em hábito.

1ª Série -

- I - Leitura e interpretação. Vocabulário. Cópia. Ditado. Exposição oral. Conversação. Recitação. Exercícios escritos de redação. Ortografia.
- II - Substantivos, adjetivos, pronomes e suas flexões comuns. Preposições simples. Advérbios. Interjeições. Verbos regulares e os irregulares de uso corrente. Vozes verbais. Formação dos imperativos. Noções de concordância nominal e verbal. Análise léxica. Análise sintática de período simples.

2ª Série -

- I - Leitura e interpretação. Vocabulário. Exposição oral. Conversação. Recitação. Exercícios escritos de redação. Ortografia.
- II - Emprego dos substantivos, adjetivos e pronomes. Locuções prepositivas e adverbiais. Complemento circunstancial. Verbos irregulares. Verbos pronominais. Tempos compostos. Concordância e regência. Conjunções coordenativas. Análise léxica. Análise sintática de período composto por coordenação.

3ª Série -

- I - Leitura e interpretação. Vocabulário. Exposição oral. Exercícios escritos de redação. Ortografia.
- II - Plural dos substantivos e adjetivos compostos. Formação de palavras. Colocação dos pronomes átonos. Crase. Modificações do advérbio. Partículas. Infinitos. Verbos defectivos. Concordância e regência. Conjunções subordinativas. Análise léxica. Análise sintática de período composto por coordenação e subordinação.

4ª Série -

- I - Leitura e interpretação. Vocabulário. Exposição oral. Exercícios escritos de redação. Ortografia.
- II - Estudo complementar de formação de palavras. Verbos irregulares e defectivos. Tempos e modos. Figuras de sintaxe. Linguagem afetiva. Linguagem figurada. Noções de fonética fisiológica. Noções de versificação. Análise léxica. Análise sintática de período composto.

Agnes Alves

PROJETO PARA ORGANIZAÇÃO DE CLASSES EXPERIMENTAIS
DO CURSO GINASIAL

(Para discussões e críticas)

Dante Moreira Leite

PROJETO PARA ORGANIZAÇÃO DE CLASSES EXPERIMENTAIS DO CURSO GINASIAL

(Para discussões e sugestões)

Dante Moreira Leite

Objetivos e justificação da experiência

Parece hoje indiscutível, a todos os que se ocupam de problemas educacionais, que o ginásio tende a tornar-se uma escola não mais destinada apenas aos futuros acadêmicos de escolas superiores, mas a uma grande parte de toda a população. Este fenômeno não é peculiar à educação brasileira; ao contrário, tem sido observado em todos os países onde se deu a industrialização. A extensão da escolaridade resulta da maior complexidade do trabalho e do ajustamento do indivíduo à sociedade industrializada, ou em processo de industrialização.

Dêsse fenômeno resultam objetivos tão amplos e diversificados para a escola secundária, que muitos os julgam inconciliáveis. A multiplicidade de objetivos tem levado os organizadores de escolas à criação de currículos paralelos (como é o caso da Inglaterra) ou a um sistema de algumas disciplinas obrigatórias e outras optativas (como é geralmente o caso das escolas americanas). Neste projeto, adotou-se uma posição que, diante da experiência de outros países, poderá parecer um retrocesso, na medida em que o currículo é mais rígido, e comum a todos os alunos. Procurou-se levar em conta a situação real das nossas escolas e as condições de trabalho de nossos professores; pensando-se nessas condições concretas, parece ainda prematura a introdução de currículos paralelos e disciplinas optativas, pelo menos no curso ginasial. Considere-se, além disso, que a escola secundária brasileira prevê alunos de onze anos, quando a criança não amadureceu suficientemente para a escolha. De outro lado, é possível pensar que o processo de adaptação — a qualquer profissão ou a estudos mais adiantados — exige conhecimentos fundamentais e indispensáveis.

O projeto, aqui apresentado, procura atender a essa formação básica e, além disso, permitir o ajustamento individual do educando.

Possibilidade de realização

Parece difícil, senão impossível, realizar a experiência deste projeto em classes que funcionem juntamente com outras turmas, do mesmo nível (1ª série ginasial). Deve-se considerar a resistência de professores que estejam trabalhando no sistema atual; as desconfianças de pais e crianças, tanto das classes experimentais quanto das comuns. Haveria também as pequenas dificuldades como estabelecimento de horários diferentes, a simultaneidade de sistemas diversos de promoção, etc.

Considerada uma escola isolada (ou um período independente para as 1.ªs séries ginasiais), a maior dificuldade estará em conseguir professores capazes e dispostos a tentar o trabalho. Como se verá, o currículo inclui algumas disciplinas até agora não lecionadas em nossas escolas secundárias. É o caso, sobretudo, de Ciências Sociais. Argumentar-se-á — e o argumento foi apresentado há algum tempo atrás, na discussão de um dos projetos de reforma da escola secundária — que não existem professores com formação para lecionar Ciências (ou Estudos) Sociais no curso ginasial. O erro, neste caso, está em supor que o aluno de onze anos seja capaz de receber e integrar, por si mesmo, o ensino de disciplinas diferentes, como História, Geografia, Instrução Moral e Cívica (e por que não Sociologia, Economia, Psicologia — disciplinas que, em alguns casos, lidam problemas mais próximos da criança?).

Esta pequena digressão tenta demonstrar que haverá, em muitos casos, alguma dificuldade em preparar os professores para exercer as suas funções numa escola diferente. Esse é, entretanto, o processo normal e inevitável de uma transformação educacional: as novas exigências criam as necessidades de formação que as Faculdades de Filosofia e outras escolas especializadas (de Música, Educação Física, Desenho, Trabalhos Manuais) procurarão satisfazer. No caso dos professores atuais, haverá, evidentemente, fórmulas de organização para sua redistribuição pelas novas disciplinas (seria o caso dos professores de Geografia e História para Ciências Sociais, dos de Latim

e Francês para Português).

* * * * *

I - Currículo

O currículo das classes experimentais, como já foi mencionado, procura atender a duas necessidades fundamentais: a) dar ao aluno os conhecimentos indispensáveis ao seu ajustamento social; b) permitir a expressão e organização das tendências e necessidades individuais.

Para isso, o currículo apresenta um número relativamente pequeno de disciplinas, ao contrário de nossa tradição escolar: a idéia aí presente é permitir um aprendizado sólido nas noções fundamentais, com as quais o educando estará preparado para desenvolver-se em diferentes especializações ou profissões.

Quanto ao conhecimento que se denominaria acadêmico, o currículo decorre da idéia de que o pensamento humano se refere a dois grandes domínios: a natureza e o homem.

A disciplina denominada Ciências Sociais deve despertar e satisfazer o interesse pelo conhecimento do homem e da sociedade, de sua vida presente e de seu passado. A disciplina Ciências Naturais deve levar ao estudo da natureza e das realizações científicas e técnicas do homem.

A Matemática e a Linguagem são os instrumentos de que nos valemos para procurar conhecer ou exprimir nosso conhecimento. Além disso, a Linguagem deve conduzir o educando a uma das formas de expressão artística (a literatura). Como língua estrangeira, deu-se preferência ao Inglês, por ser atualmente a que permite maiores oportunidades — não só para extensão de conhecimento como para as profissões. O ensino de francês poderá ser introduzido nas 3ª e 4ª séries, atendendo ao fato de que faz parte de nossa tradição cultural (além disso, muitos estudos podem e outros devem ser feitos nessa língua). Esta divisão parece a melhor, mas não é exclusiva, isto é, admite-se a possibilidade de inverter a posição de Francês e Inglês. O que parece prejudicial é o ensino simultâneo de duas (no currículo atual, três, se con-

sideramos o Latim) línguas estrangeiras, antes que a criança tenha segurança em uma delas.

Desenho e Trabalhos são disciplinas que perdem o caráter de ensino autônomo e são, ora auxiliares de outras (para Ciências Sociais, Ciências Naturais e Matemática), ora formas de expressão espontânea do educando. Música e Canto fazem parte de todo o currículo ginásial, sem o caráter de ensino teórico.

Educação Física e Jogos serão dados durante todo o curso ginásial.

O ponto fundamental do projeto não se refere tanto às disciplinas quanto ao seu entrosamento. Não haverá programas independentes, isto é, os programas das várias disciplinas serão sincronizados, de tal forma que um mesmo assunto seja apresentado e discutido pelos vários professores. Quando isto não seja possível, o ensino de uma disciplina será fundamentado no que foi ensinado em outra. O currículo apresenta as seguintes disciplinas para as quatro séries ginásiais: Português, Inglês, Ciências Sociais, Ciências Naturais, Matemática, Educação Física e Jogos, Canto e Música. Considera-se a possibilidade de introduzir Francês nas duas últimas séries.

O estudo das várias disciplinas

Já se disse antes que o currículo da classe experimental, quanto ao conhecimento, se dirige para o estudo da natureza (Ciências Naturais) e do homem (ciências sociais). As outras disciplinas são entendidas ora como instrumentos dessa aprendizagem (é o caso das línguas), ora como disciplinas de formação e expressão da personalidade do educando (é o caso do Desenho, da Música, de Trabalhos Manuais, de Educação Física e Jogos, da apreciação da Literatura e da expressão literária). Esta separação, entretanto, destina-se à compreensão dos princípios em que se fundamenta a escola; na realidade, supõe-se a possibilidade de que o currículo seja um todo orgânico, em que as várias partes se complementam, e no qual as diferentes crianças possam exprimir-se e desenvolver-se de acordo com suas tendências.

Por isso mesmo, o estudo de Ciências deve ser compreendido como núcleo do currículo, capaz de centralizar as demais atividades, sem que estas

percam o seu sentido ou funções peculiares. Para facilidade de exposição, serão discutidos vários componentes do currículo, subentendendo-se sempre essa norma geral, e lembrando-se o princípio de que não existem programas in dependentes para as várias disciplinas.

a) O ensino de Ciências Naturais - Reconheça-se que a grande dificuldade do ensino de Ciências Naturais reside, precisamente, no seu grande desenvolvimento atual. Uma tendência muito frequente — e muito compreensível — é pretender mergulhar o adolescente na enorme complexidade dos conhecimentos científicos à nossa disposição, apresentando-os sob forma quantitativa, e dentro de esquemas teóricos extremamente refinados. Ora, o fenômeno analisado pelo cientista é sempre uma depuração da realidade sensível que está ao alcance da observação da criança e do adolescente (como do adulto não cientista). É impossível supor que, recebendo a interpretação científica, a criança seja capaz de voltar ao fenômeno diretamente observável, e a partir daí refazer o processo científico. Não admira, por essa razão, que o estudante de Ciência seja incapaz de entender o que encontra, e se limite à memorização de fórmulas cujo sentido desconhece.

Se a apresentação dos resultados científicos não é suficiente para interessar a criança pela ciência (e, em alguns casos, formar cientistas), não se pode pensar, também, que a apresentação direta da natureza possa fazê-lo. Não é possível supor, com efeito, que a criança ou o adolescente sejam capazes de, a partir de uma observação ingênua da realidade física, chegar a formular questões de sentido científico.

O que se propõe, para as classes experimentais, é um ponto intermédio entre esses dois extremos. O ensino de Ciências deve apresentar-se, inicialmente, como estudo qualitativo, onde a ligação com os fenômenos diretamente observáveis é mais fácil. Mas esse estudo deve referir-se não apenas à natureza, mas também às realizações científicas — pois não se pode esperar que a criança refaça todo o caminho já percorrido pela ciência. Tome-se, ao acaso, o exemplo do som. É possível dar ao adolescente o princípio geral da transmissão do som, indicar-lhe os processos de verificação, ao la-

do de informação geral a respeito de algumas realizações científicas (como o rádio, o telégrafo, o telefone, etc.).

Observe-se que, neste caso, estar-se-á evitando tanto uma análise quantitativa, matematizada, quanto uma descrição ingênua da realidade: isto permitirá que o adolescente perceba as situações que apresentam problemas, dos quais nasce a ciência. Esta é, com efeito, a grande dificuldade do ensino: evitar a apresentação de um conhecimento aparentemente completo, onde o educando não perceba problemas e pelo qual não se interesse. E o ensino de Ciências pode despertar o interesse e provocar a imaginação (que é a origem da criação científica) se conseguir traduzir, para termos acessíveis, os problemas científicos.

b) O ensino de Ciências Sociais - Os mesmos princípios, válidos para o ensino de Ciências Naturais, aplicam-se ao estudo de Ciências Sociais. Se as situações de desequilíbrio na natureza, levam o homem a formular as Ciências Naturais, são também situações de desequilíbrio que provocam a curiosidade humana e conduzem ao estudo da História, da relação do homem com o ambiente, da produção econômica, da distribuição e consumo de bens materiais, da relação dos homens entre si e de sua organização coletiva.

Observe-se que, no ensino como é feito usualmente, a criança é levada ao estudo da História sem que perceba a sua relação com o presente, isto é, com as situações que vive e conhece. É claro que para o adulto, capaz de ver a História como um todo, ligado ao momento presente, a História pode ser elemento precioso para a compreensão das situações reais (muito embora o adulto possa também viver o passado como fuga do presente — o que não parece desejável transmitir à criança). O educando não tem ainda essa compreensão ampla do desenvolvimento humano: o seu interesse está voltado para o momento em que vive. O estudo de Ciências Sociais não deve afastá-lo desse interesse, mas ampliar a sua compreensão, enriquecer a sua experiência para a compreensão e explicação dos fatos de que participa.

Afirmar que o estudo da natureza e do homem deve partir de situa-

ções de desequilíbrio ou tensão pode, à primeira vista, parecer uma revolução de métodos e processos utilizados na educação. É, entretanto, uma revolução inevitável, se pretendemos que a escola seja vivida pela criança e que seu aprendizado não seja apenas uma forma de obter diplomas. Na realidade, é impossível imaginar o que seria o desenvolvimento humano, se a criança não enfrentasse, praticamente a partir do nascimento, situações de desequilíbrio (como a fome, a sede, o ciúme, o calor, o frio, as coisas que não consegue compreender), que procura reequilibrar ou reavaliar. É possível afirmar, como já o fizeram vários psicólogos, que a inteligência se manifesta ou se desenvolve diante de tais situações. Por isso, o interesse e a capacidade criadora da criança só podem manifestar-se ao enfrentar situações ainda não resolvidas pelo educando e não diante de um conhecimento apresentado como completo ou perfeito. A partir destes princípios será fácil concluir que o estudo de Ciências Sociais deve começar pelo presente, por aquelas situações concretas que a criança enfrenta e não sabe como resolver. Esta a razão pela qual o currículo não cuida do ensino de História, Geografia, Educação Moral e Cívica, Sociologia, Economia, Psicologia, como disciplinas autônomas. Na idade dos alunos do ginásio, devem eles ser auxiliados a compreender os fenômenos sociais que vêem a todo momento: o uso do dinheiro, os mecanismos de câmbio, a organização política, o sistema de transporte, a organização industrial, a vida de família, e assim por diante. Claro está que a partir do presente, e para solucionar os problemas existentes, a criança pode ser levada ao passado — mas ao passado social, intelectual, econômico, não ao passado militar ou político. O educando pode ser levado à Geografia, mas esta será inicialmente o conhecimento de sua cidade, de seus problemas, e a partir daí aprenderá a vida de outras cidades, de outras regiões. Em caso algum podrá ser a gigantesca tarefa de memorizar — apenas para os exames — uma série imensa de acidentes, rios, números absolutos de populações, etc.

É certo que o especialista deve estudar a História, a Geografia, a Sociologia, a Psicologia, como domínios específicos do conhecimento; o que se supõe, neste projeto, é que a criança deve receber sínteses e orientações coerentes e unificadas. Se os adultos são incapazes de fazer as sínteses,

se não conseguem passar de um conhecimento para outro, é, pelo menos, incoerente exigir que a criança o faça. De outro lado, se não é para entender o presente, ser auxiliada a solucionar ou tentar a solução de seus problemas, parece errado que a criança estude História — tanto do Brasil, como a chamada História Geral. Que sentido tem para a criança aprender que Martin Afonso de Souza veio ao Brasil em 1530, a não ser na medida em que a compreensão da História da colonização e do povoamento tem consequências para toda a organização do país? Para compreender a colonização, deve entender a economia européia da época, o sistema de transporte e de trabalho então existente. A não ser assim, não chegará a enriquecer sua vida e sua compreensão do mundo em que vive. A experiência do educando é o ponto de partida e o ponto de chegada da educação.

c) O ensino de línguas - A consideração, já mencionada, de que as línguas são instrumentos para aprendizagem ou formas para sua expressão, conduz à tentativa de ensinar a linguagem como forma de expressão, onde a gramática passa para uma posição secundária e auxiliar. Isto é verdade para o ensino de Português como para o ensino de Inglês. Nos dois casos, o educando será levado à leitura e análise literária de textos significativos. Isto importa em modificação radical das antologias e daquilo que procuram transmitir. Serão escolhidos textos adequados à idade dos alunos e temas correspondentes a seus interesses e aspirações. Admite-se, evidentemente, a enorme dificuldade a ser enfrentada nesta realização, pois os nossos livros primários (com uma ou duas exceções entre duas centenas de textos) não revelam o menor conhecimento dos variados interesses das crianças em diferentes idades. Nas antologias para curso secundário a situação não é melhor, e é talvez pior. Por isso, é de se esperar que a organização do ensino de Português, nas classes experimentais, não seja satisfatória nos primeiros anos de trabalho.

O ensino de Inglês não oferece a mesma dificuldade, dada a existência, em grande número, de textos americanos e ingleses para diferentes idades (e muitos organizados, especificamente, para a aprendizagem do Inglês co

mo língua estrangeira). A mesma afirmação é válida para o ensino de Francês. Em qualquer caso, o ensino da língua estrangeira (Francês ou Inglês) deve ser feito pelo método direto, os alunos sendo levados a falar, escrever e ler (não apenas o texto de classe).

d) O ensino de Matemática - Ainda não foi possível estabelecer a direção fundamental a ser obedecida no ensino de Matemática. Admite-se que o programa de Matemática será feito depois de um exame mais prolongado dos conhecimentos efetivos que as crianças trazem da escola primária. Além disso, pode-se estabelecer que o ensino de Matemática será ligado estreitamente ao ensino de Ciências Naturais e Ciências Sociais.

e) O ensino de Desenho, Trabalhos Manuais, Canto e Música, Educação Física e Jogos - Já se disse que estas disciplinas não existem como estudo independente. O seu programa dependerá dos outros (isto é, das disciplinas denominadas acadêmicas) e, principalmente, das aptidões e tendências dos alunos. Nas horas livres de que dispõem os educandos, serão organizados grupos para essas atividades, de acordo com interesses ou deficiências. Isto implica em redistribuição das classes, sendo reunidos os alunos cujo maior interesse é a Música, ou Desenho, ou Trabalhos Manuais; os alunos deficientes nessas atividades terão oportunidade de receber assistência especial.

O exemplo de Trabalhos Manuais pode esclarecer esta disposição. Suponha-se uma tarefa determinada pelo estudo de Ciências Naturais. Haverá os capazes de realizá-la com grande facilidade, e outros com grande dificuldade. Estes últimos serão estimulados e terão maior assistência. O mesmo pode ocorrer com uma tarefa de Desenho, necessária para o estudo de Ciências Sociais ou Matemática. Prevê-se também que alunos especialmente dotados para essas atividades poderão ter programas especiais. Esta foi a forma encontrada para estimular a atividade dos bem dotados, sem que os menos dotados sejam colocados numa competição que lhes seria totalmente desfavorável.

Projetos de grupo

As atividades e os estudos poderão coordenar-se em projetos reali-

zados por todo o grupo: o estudo de uma época da História, o conhecimento de uma região, a organização de uma festa, a reconstrução de uma biografia. Os projetos de grupo tendem não só a provocar a atividade coletiva e portanto a cooperação, mas distribuir tarefas compatíveis com o gosto e a capacidade das várias crianças.

II - Horário

Os alunos terão um período escolar de aproximadamente cinco horas, durante seis dias por semana. Parece inconveniente o estabelecimento de dois períodos (um de manhã e outro à tarde) para a mesma classe, em primeiro lugar porque as condições de transporte coletivo numa grande cidade fariam com que a criança passasse uma grande parte do dia viajando de um lugar para outro. Além disso, os resultados não seriam válidos, dada a evidente impossibilidade de que nossas escolas possam aceitar alunos por dois períodos (quando muitas escolas funcionam em prédios inadequados e insuficientes para um só período). O período escolar não será empregado apenas em aulas (preleções do professor) mas também em atividades dos alunos. Por isso, o horário estabelece quatro preleções diárias de 40-45 minutos, tendo os alunos duas horas para recreação e atividades de biblioteca, oficina e laboratório. Nessas atividades, haverá professores presentes e o seu tempo será considerado de aula efetiva.

A distribuição das aulas será a seguinte:

Português (inclusive leitura, trabalhos orais e escritos)	5
Inglês	3
Ciências Sociais	4
Ciências Naturais	4
Matemática (inclusive problemas concretos e Desenho)	5
Educação Física e Jogos	2
Canto e Música	<u>1</u>
Total	24 preleções semanais

(As aulas de Desenho e Trabalhos Manuais se incluem em atividades fora da sa la de aula ou são dadas em conjunto com outras disciplinas).

Os professores de Trabalhos Manuais e Desenho, a partir da verificação das tendências dos alunos, poderão sugerir tarefas especiais, seja para corrigir deficiências, seja para estimular os bem dotados.

III - Organização do corpo docente

Os professores serão selecionados pelo diretor a partir de entrevistas e da apresentação dos objetivos das classes experimentais. Caberá aos professores, trabalhando com o diretor, o estabelecimento dos programas específicos de cada disciplina, e o seu ajustamento às condições peculiares dos alunos. Para as disciplinas acadêmicas (Ciências Sociais, Ciências Naturais, Português, Inglês e Matemática) serão selecionados licenciados por Faculdades de Filosofia, a partir de indicação de professores dos vários departamentos.

IV - Seleção dos alunos

O primeiro critério para seleção é a limitação de idade: serão escolhidas crianças entre 11 e 12 anos.

Os alunos para as classes serão selecionados a partir de sorteio, ao acaso, dentre os aprovados em exames de admissão, se este critério for possível. A vantagem da escolha ao acaso é organizar classes representativas da população escolar (ou que mais se aproximem dessa representatividade), de tal forma que os resultados obtidos possam ser estendidos a outras classes. Devem ser organizadas, pelo menos, duas classes masculinas e duas femininas, para evitar a possibilidade de classes muito pequenas, a partir da 3ª ou 4ª série, o que prejudicaria a verificação dos resultados.

V - Verificação do rendimento e condições de aprovação dos alunos

A divisão, para a promoção e estabelecimento de programas, será

feita por semestres e não por ano letivo: 1A e 1B; 2A, 2B, etc. O primeiro semestre de 1º de março (ou 15 de fevereiro) a 30 de junho; o segundo, de 1º de agosto a 15 de dezembro. Os professores estabelecerão verificações mensais — dando preferência, quando possível, à realização de trabalhos e não à verificação apenas de memorização. As notas serão graduadas entre A e D. A para o trabalho considerado ótimo, B para o trabalho bom, C para o trabalho satisfatório e D para o trabalho insuficiente. Os alunos que obtiverem grau D serão convidados a refazer o trabalho (ou a verificação, quando fôr o caso). A partir dos resultados, as classes serão reorganizadas, tentando-se a maior homogeneização.

A motivação do aluno deve ser positiva, isto é, mostrando os aspectos bons e apreciáveis do que fez, com indicações dos aspectos falhos. Em nenhum caso a nota deve ser considerada como ponto a atingir e deve ser eliminada qualquer preocupação com maneiras de passar de ano. Por isso, não existem exames finais e as provas mensais serão realizadas em ambiente normal de aula.

Esta programação se baseia na verificação — realizada prática e experimentalmente — de que os grupos motivados positivamente (isto é, que recebem aplauso pelo que fazem) produzem muito mais que aqueles em que predomina o castigo ou a condenação.

De forma coerente com essa verificação, os alunos são promovidos automaticamente ao final de cada semestre, qualquer que seja a nota obtida. A promoção automática deve ser válida até a 3ª série, ou talvez por todo o ginásio.

Como esta questão de promoção automática é muito discutida em alguns países (e começa, agora, a ser discutida entre educadores brasileiros), convém insistir sobre algumas de suas possíveis desvantagens e algumas de suas vantagens. Em primeiro lugar, não teria sentido pensar em promoção automática em escolas superiores ou profissionais, porque estas conferem direitos e regalias para os quais se exigem conhecimentos específicos. Neste caso, a sociedade tem obrigação de fiscalizar o conhecimento adquirido ou a habilidade do candidato. A escola primária e a secundária, que não dão habili

tação para profissão alguma, não têm o mesmo problema. A sua função é tornar o educando mais capaz e permitir o seu desenvolvimento em direções socialmente desejáveis. Neste caso, o importante é manter a criança na escola, estimulando suas tendências mais úteis e construtivas. Reprovar — sobretudo por critérios arbitrários ou cuja justiça não é provada para o aluno — significa passar-lhe um atestado de incapacidade para essas atividades socialmente aprovadas. O resultado freqüente da reprovação é a desistência do aluno, ora por desinteresse, ora por desânimo. Em muitos casos, o aluno reprovado tem problemas emocionais que, uma vez superados, não impedirão o prosseguimento de seus estudos; nesse caso, a reprovação é ainda mais injusta. É claro, entretanto, que a promoção automática não pode ser introduzida isoladamente numa escola cujos critérios de avaliação sejam as notas, e não o trabalho do educando. Por isso, a promoção automática é introduzida nas classes experimentais ao lado da atividade em que o aluno está interessado; a suposição básica, portanto, é que a criança deseja conhecer e explicar as coisas, deseja realizar, e manifestará essas tendências se tiver ambiente adequado.

* * * * *

Observações

Considera-se desnecessário — e talvez prejudicial — preestabelecer os programas a que os vários professores deverão obedecer em suas disciplinas. Os professores, a partir da orientação geral aqui delineada — e que será mais desenvolvida nos próximos meses — estabelecerão os programas mínimos para cada ano letivo. Não se deve esperar, no entanto, que as classes experimentais, cujo objetivo é diverso daquele existente para as classes atuais, possam ter seus resultados aferidos pelos mesmos padrões. Vale a pena lembrar aqui uma observação freqüentemente feita, por brasileiros, a respeito do estudante americano: a de que este não sabe, sequer, as capitais de todos os países do mundo. Por esse critério, o estudante americano, mesmo de Universidade, é extremamente ignorante. Mas cabe perguntar qual a utili-

dade (ou necessidade) de saber o nome das capitais de todos os países. E, depois disto, perguntar se, em vez de saber o nome das capitais dos vários países, não é mais útil conhecer os princípios da alimentação sadia, saber trabalhar em grupos, enfrentar os problemas imediatos da localidade ou do bairro em que se vive. Sob um outro aspecto, importa perguntar pelos resultados efetivos — e não verbais — de um ensino enciclopédico, como se a tarefa da escola fôsse ensinar tudo que alguém deve ou precisa saber, e não apenas dar os elementos básicos que tornem a aprendizagem possível. Com isto, quer-se dizer que os resultados das classes experimentais não podem ser avaliados em exame verbalista. Devem ser procurados no ajustamento do adolescente, em sua maneira de enfrentar os problemas reais, em seu interesse pelo estudo, pela experimentação, pela explicação das coisas. Mais tarde, pela sua capacidade de realização efetiva, nas profissões ou nas carreiras acadêmicas.

Não se pretende também que as classes experimentais — tal como foram aqui esquematizadas em suas linhas mais gerais — representem uma resposta final para o problema da escola secundária brasileira. Haverá problemas sérios, aparecerão alunos desajustados e pais insatisfeitos, as lições e os livros deverão ser repensados e refeitos periodicamente. O que se pode desejar é que as transformações e os ajustamentos necessários resultem da participação de professores, diretores, alunos, pais e autoridades. Se conseguirmos essa participação e esse interesse, poderemos esperar uma escola viva e útil para a criança e a sociedade.

MEMORANDUM CONCERNING REPORT OF SECONDARY EDUCATION

Robert J. Havighurst
September, 1958

My thinking about ways of bringing about improvement of secondary education in Brazil may not be applicable to the situation in Brazil, but I will put down my ideas for what they may be worth.

I assume that no general reform, as an official action of the federal government, is possible. Rather, there should be a cautious, experimental approach which gives people a chance to see and judge for themselves whether certain reforms are possible and desirable.

There seem to be two general possibilities:

- + 1. By the example of a demonstration school.
- 2. By working on specific sections of the curriculum, for which there is some generally recognized need of reform.

Demonstration School

I have taken part in two such ventures. One was the establishment of the Ohio State University Demonstration School in 1932, when a completely new school with a new faculty was established. We had a good director, a highly selected and well-paid faculty, and we worked for about four years, starting with only two grades of secondary school and adding a new grade each year. At the end of four years we had a program which we were prepared to describe and to defend.

The other experience was that of the Dearborn, Michigan High School, in one of the suburbs of Detroit. A new high school was to be established, and they selected the faculty and sent them all to the University of Chicago for a year of work together before the school opened. In this way the new faculty worked out its program and made itself ready for its new job.

From these experiences, I would say that the most important things are a good director, a good faculty, and time in which to work out the program.

Work on Specific Aspects of the Program, assuming the results will be applied in the average school.

For this type of approach, I should think that a Commission should be set up, consisting of University and Secondary School people with high status. The Commission would sponsor studies, and would eventually publish recommendations. The Commission would have a staff to make studies and write its report. Possible area of work are:

Physical Sciences

There is general agreement that a reorganization of teaching in physical science is needed, because of the revolutionary advances in these sciences, and because the society needs to recruit and train so many young people for work in this field.

The Commission might send two people to Massachusetts Institute of Technology in Boston, to work with the Physical Science Group that is developing a physical science program for American secondary schools, supported by the National Science Foundation. This group has made a revolutionary approach to the teaching of physics and chemistry in secondary school. They have a mimeographed text-book, and they have trained 750 high school teachers to teach the new courses this year. The best scientists in the USA are back of this project. The new course is quite difficult and could never be called "soft" by the severest critics.

Such a project would probably have the support of Brazilian scientists who have worked in the USA, such as Cesar Lattes. It would have the advantage of making educational reform respectable, since it could not be accused of being "progressive education". At the same time, it might loosen the hold of tradition on the curriculum, since the new curriculum would be a revolutionary departure from the old.

Mathematics

7 The same argument can be made for an experimental curriculum backed by a National Commission in Mathematics. There is need for basic reorganization of the teaching of mathematics, and the engineers and scientists of the country would agree with this. Here we have L.N.H. Bunt's very useful report, with examples of new courses to go into a new sequence. His report might be the starting point of the work of a Commission.

Social Sciences

ask From my point of view reform in the teaching of the Social Sciences is extremely important, but I do not know whether it could be managed with as much approval from the University people as could be secured in Science and Mathematics. Certainly some kind of integration of the modern social sciences with geography and history is indicated. But there probably would be some controversies over the selection and organization of content. I would be inclined to the question - Can a Commission be created of prominent people who will support a new program in Social Sciences against its critics?

Putting the program into practise

Assuming that a new course of study was prepared in any of the fields mentioned, what would be the next step? I believe the next step would be to get several of the outstanding secondary schools to try out the program, commencing by sending selected teachers to an in-service training course of two or three months. These people would make collections of teaching materials, would get used to the new text-books, and would build up their morale for the campaign to reform the curriculum.

- CLASSES SECUNDARIAS EXPERIMENTAIS NO -
- ESTADO DE SÃO PAULO -

- PLANO GERAL - 58 -

- CLASSES SECUNDÁRIAS EXPERIMENTAIS NO
ESTADO DE SÃO PAULO

Na análise da situação educacional brasileira, constatamos a falência da escola em preparar as gerações para as exigências das novas condições econômicas, políticas e sociais da Nação. No ensino primário e médio, principalmente, ela é notória.

Desconhecem-se, através dos currículos, as novas formas de abordagem da natureza proporcionadas pela ciência e tecnologia e novas concepções de vida e do universo. Nessas condições, a escola desajusta, ao invés de ajustar, deforma, ao invés de formar. O impacto é violento quando o escolar constata a distância e as diferenças entre a realidade existencial e o mundo descrito em classe ou por obsoletos livros didáticos. Obviamente, conflitos de toda ordem, afloram à mente das novas gerações, determinando comportamentos os mais variados possíveis, na maioria das vezes, de maneira brutal e dolorosa para a sociedade.

Os recém-adultos não querem ou não sabem, por que não lhes foi ensinado, manipular os novos valores científicos e morais, em benefício do bem pessoal e coletivo. "A fonte de tudo isso não jaz no mundo exterior nem na parte puramente cognitiva de nossa natureza, pois temos agora muito mais conhecimentos do que os homens de outrora. Jaz em nossas paixões, em nossos hábitos emocionais, nos sentimentos instilados na juventude e nas fobias criadas na infância. A cura para nossos problemas está em fazer os homens sãos e para fazê-los sãos é preciso educá-los de maneira sã".

"O mundo moderno se caracteriza, "afirma Kilpatrick", pelo pensamento baseado na experimentação. Só aceitamos como verdadeiro, aquilo que fôr passível de comprovação experimental". Da mesma maneira, as instituições escolares brasileiras por experiências, provaram a sua inadequação para a solução dos problemas nacionais. O academismo beletrista não é mais energia impulsionadora de um país em marcha acelerada para a industrialização e niveladora democratização.

O novo edifício educacional terá de buscar os elementos indispensáveis às necessidades de construção na sua própria vivência.

Educação não é artigo de importação e exportação. Os pontos positivos e adaptáveis das classes novas francêsas e da diversificada escola norte-americana por certo contribuirão. Porém, os alicerces e acabamento deverão refletir a pujança de uma nova mentalidade, dinâmica e renovadora; os problemas do homem universal e do brasileiro em particular.

Tendo em vista estas perspectivas e outras mais, houve por bem o Ministério da Educação e Cultura, atendendo também os reclamos de muitos educadores, autorizar o funcionamento de classes experimentais em colégios idôneos. Esta medida de grande alcance, que permite entre estas coisas, a supressão e acrescentamento de matérias, de introdução de novos métodos e da modificação do regime de promoção, talvez seja o marco da grande e radical reforma de que tanto necessita o ensino médio brasileiro.

AUTORIZAÇÃO MINISTERIAL

Portaria nº 1, de 3/1/59

O Ministro de Estado da Educação e Cultura, usando das atribuições que lhe confere o art. 94 da Lei Orgânica do Ensino Secundário, combinado com o art. 3º da Lei nº 1821, de 12 de março de 1953 e, atendendo ao que consta do Proc. 103.826/58, resolve:

Art. 1º - Fica autorizado o funcionamento das classes experimentais cujos planos tenham sido apreciados favoravelmente pelo Conselho Nacional de Educação.

Parágrafo único - Os cursos ministrados nas classes experimentais são equivalentes, para todos os efeitos, aos do ensino secundário no ciclo correspondente.

Art. 2º - A Diretoria do Ensino Secundário expedirá as instruções complementares para o funcionamento das classes experimentais e os atos administrativos referentes a cada caso.

CLOVIS SALGADO

INSTRUÇÕES SOBRE A NATUREZA E A ORGANIZAÇÃO DAS CLASSES EXPERIMENTAIS

Tendo o Senhor Ministro da Educação e Cultura homologado os pareceres nº 31/58, do Conselho Nacional de Educação e nº 77/58, da Consultoria Jurídica do Ministério, poderão ser organizadas classes experimentais do curso ginasial ou colegial, para funcionamento a partir de 1959, atendidos os requisitos constantes da exposição de motivos da Diretoria do Ensino Secundário e dos pareceres acima citados.

2 - As classes experimentais têm por objetivo ensaiar a aplicação de métodos pedagógicos e processos escolares bem como de tipos de currículo compatíveis com a legislação do ensino médio. Vêm sendo reclamadas constantemente pelos educadores brasileiros como medida da maior necessidade, diante das perspectivas de diversificação do ensino secundário, já prevista nos projetos de lei em curso no Congresso Nacional sob a forma de disciplinas optativas ou da própria ramificação dos cursos do primeiro e do segundo ciclo.

3 - São características das classes experimentais:

- a) - aplicação de métodos e processos de ensino bem como o ensaio de novos tipos de currículo;
- b) - organização de métodos de idoneidade incontestável e de condições pedagógicas que possibilitem a experiência, sendo particularmente indicados para isso o Colégio Pedro II e os Colégios de aplicação das faculdades de Filosofia;
- c) - organização inicial para o primeiro ciclo, podendo, porém, estender-se, a juízo do Ministério, ao segundo;
- d) - experiência inicial com um número mínimo de classes (uma por série, começando da primeira), podendo ser ampliadas depois de verificados os resultados;
- e) - prévio consentimento dos pais ou responsáveis dos alunos matriculados, depois de convenientemente esclarecidos;
- f) - professores especialmente credenciados;
- g) - assistência especial da Diretoria do Ensino Secundário;

- h) prévia autorização do Ministério da Educação e Cultura, através da Diretoria do Ensino Secundário, depois de ou vido o Conselho Nacional de Educação;
- i) número reduzido de estabelecimentos nos quais serão instaladas.

4 - As classes experimentais deverão ser organizadas atendendo, entretanto, às seguintes normas gerais:

- a) na organização dos currículos, ter-se-á em vista não a especialização nesta ou naquela direção de estudos, mas a preparação geral com um sólido conteúdo de formação humana e maiores oportunidades de atendimento das aptidões individuais;
- b) maior articulação do ensino das várias disciplinas e maior coordenação das atividades escolares;
- c) número máximo de trinta alunos em cada classe, para que o ensino se possa adaptar melhor a cada aluno;
- d) o número de professores nas classes iniciais do ginásio poderá ser reduzido para evitar os inconvenientes da transição brusca do regime primário para o secundário. Os professores terão assim convívio mais demorado com os alunos, podendo melhor examinar-lhe as tendências e exercer uma orientação mais eficiente.
- e) reuniões periódicas dos professores de cada classe para a apreciação da classe nos seus aspectos psicológicos e sua melhor e mais homogênea orientação pedagógica;
- f) possibilidade de opções que correspondam às aptidões dos alunos;
- g) acentuação da função educativa da escola, oferecendo para isso oportunidade aos alunos de maior permanência diária na escola e de participação nas atividades extra curriculares;
- h) atividade dirigida, planejada de modo que o aluno dela possa participar ativamente, para adquirir seu método próprio de trabalho e hábitos de vida consciente entre a obra educadora da escola e da família.

5 - A transferência de alunos de um para outro estabelecimento, em meio de curso, será feita nos termos do Decreto 34.330 ou, quando o estabelecimento de destino puder atender ao aluno, mediante cursos de adaptação das disciplinas que não tiverem

sido estudadas no estabelecimento de origem. Tendo em vista que o Decreto acima citado não permite a transferência de alunos no decorrer do ano letivo, deve evitar-se a matrícula em classes experimentais de alunos cujos pais ou responsáveis estejam sujeitos a remoções ou transferências mais ou menos imprevistas.

- 6 - O certificado de conclusão de curso dos alunos das classes experimentais é o mesmo expedido para os demais alunos do curso ginásial ou colegial.
- 7 - Dada a natureza da escola secundária e o número limitado de estabelecimentos que poderão realizar a experiência, será dada preferência às classes experimentais cujo funcionamento transcorra em horário integral e só excepcionalmente será permitida a organização de classes em turno noturno.

- COMO ORGANIZAR CLASSES EXPERIMENTAIS -

- 8 - O pedido para funcionamento de classes experimentais deverá ser apresentado até o último dia de agosto à Inspetoria Seccional e cuja jurisdição pertencer o estabelecimento, acompanhado dos seguintes elementos:
 - a) objetivos da experiência, sua fundamentação, conveniência, exequibilidade e demonstração da impossibilidade de realizá-la dentro do regime normal de funcionamento do curso ginásial ou colegial;
 - b) características principais da experiência, atendendo a todos ou a alguns dos seguintes itens:
 - I - currículo
 - II - horário
 - III - organização do corpo docente
 - IV - seleção dos alunos
 - V - verificação do rendimento e condições de aprovação dos alunos.
 - VI - atividades complementares
 - VII - métodos e processos de ensino
 - VIII - orientação Educacional
 - IX - atendimento das diferenças individuais
 - X - ajustamento de alunos transferidos
 - XI - orientação de alunos excepcionais.

XII - previsão do desenvolvimento

XIII - aferição final dos resultados da experiência.

- c) o plano deverá ser elaborado por uma comissão de três professores presidida pelo Diretor; quando houver congregação será aprovado por ela; quando se tratar de estabelecimento oficial, deverá ser aprovado pela autoridade educacional a que estiver subordinado;
- d) o plano deverá ser feito para execução em um período de quatro anos no curso ginasial, correspondendo ao curso completo dos que iniciaram a experiência, devendo as modificações que se fizerem necessárias ser propostas anualmente, juntamente com o relatório do desenvolvimento da experiência;
- e) a experiência poderá atingir a qualquer aspecto da vida escolar, devendo ser considerados os diferentes aspectos do atual curso secundário que têm sido susceptíveis de críticas, entre os quais podem ser citados os seguintes:
- pequena duração do ano letivo;
 - número excessivo de disciplinas ministradas no ano escolar;
 - falta de flexibilidade;
 - ensino verbalista;
 - dissociação das necessidades e interesse do aluno;
 - excesso de provas;
 - supervalorização das notas;
 - falta de articulação com o ensino primário e superior e ainda outros.
9. Só será permitido o funcionamento de classes experimentais em estabelecimentos que mantenham Orientação Educacional.
10. Ao receber o pedido de funcionamento de classes experimentais formulado por um estabelecimento de ensino, a Inspeccional solicitará da Diretoria do Ensino Secundário a designação do educador que deverá acompanhar a experiência. Caso o estabelecimento deseje, a designação do educador poderá ser feita antes da apresentação do plano para que nele já colabore o educador indicado pela Diretoria do Ensino Secundário.
11. Ao parecer apresentado pelo educador incumbido de acompanhar a experiência, poderá a Inspetoria Seccional acrescentar informações quando ao funcionamento da instituição, à formação pedagógica de seu corpo docente e administrativo, às demais condições educacionais que indicam ou contra-indicam a realização da experiência e outros esclarecimentos úteis para o julgamento do pedido.

12. Apresentando plano à Diretoria do Ensino Secundário, desde que esta o julgue em condições de ser aprovado, submetê-lo-á à apreciação do Conselho Nacional de Educação.
13. Poderão funcionar, em 1959, as classes experimentais a cujo funcionamento o Conselho Nacional de Educação se manifeste favoravelmente até o dia 31 de janeiro daquele ano.

- AUTORIZAÇÃO ESTADUAL -

Decreto nº 35.069, de 11 de Junho de 1959.

Dispõe sobre a instalação e funcionamento de classe experimentais em estabelecimentos oficiais de ensino secundário e dá outras providências.-

CARLOS ALBERTO A. DE CARVALHO PINTO, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, usando de suas atribuições legais

DECRETA:

Artigo 1º - Em estabelecimentos de ensino secundário mantidos pelo Estado, poderão ser instaladas - classes experimentais, com o objetivo de ensaiar novos tipos de currículo e de renovar métodos e processos de ensino.

Artigo 2º - A criação e o funcionamento das classes experimentais ficarão subordinadas à regulamentação baixada pelo Ministério da Educação e Cultura e às instruções que forem expedidas pela Secretaria da Educação.

Artigo 3º - A autorização para a criação de classes experimentais far-se-á por ato do Secretário da Educação mediante proposta do Diretor Geral do Departamento de Educação.

Artigo 4º - Para a instituição e o funcionamento de classes experimentais, a Secretaria da Educação, mediante proposta do Diretor Geral do Departamento de Educação, poderá estabelecer convênio com outros órgãos da administração pública ou com entidades interessadas nos problemas da educação e da cultura.

Artigo 5º - O Departamento de Educação promoverá de preferência nos períodos de férias, cursos, seminários e outras atividades para o aperfeiçoamento do pessoal docente e técnico necessário ao trabalho de classes experimentais e

para a apresentação e discussão dos resultados obtidos em experiências realizadas.

Artigo 6º - A atividade do professor de classes experimentais decorrente da participação na experiência e que não constitua aulas comuns, será remunerada à base de aulas excedentes.

§ Único - O número de aulas excedentes semanais atribuídas ao professor, para o efeito deste artigo, não poderá exceder ao número de aulas ordinárias ministradas pelo professor à respectiva classe experimental.

Artigo 7º - O pessoal docente, técnico e administrativo ligado ao funcionamento de classes experimentais, terá direito à requisição de passes e pagamento de diárias, quando tiver de deslocar-se da sede de exercício, por força do aludido serviço.

Artigo 8º - A Secretaria da Educação, pelo Departamento de Educação, baixará instruções para regular a instalação e o funcionamento das classes experimentais, bem como para a verificação de seus resultados.

Artigo 9º - Para a supervisão e coordenação dos trabalhos pedagógicos e administrativos ligados ao funcionamento das classes experimentais, que forem instituídos nos termos deste Decreto, será designado, mediante indicação do Diretor Geral do Departamento de Educação, membro do magistério secundário e normal do Estado.

Artigo 10º - O disposto neste Decreto aplica-se no que couber ao Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Artigo 11º - A execução deste Decreto será feita na medida em que o comportem as verbas próprias do orçamento.

Artigo 12º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Artigo 13º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 11 de junho de 1959.

CARLOS ALBERTO A. DE CARVALHO PINTO

Antonio de Queiroz Filho

Publicado na Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo, aos 11 de junho de 1959.

João de Siqueira Campos
Diretor Geral, Substituto.

ESTABELECIMENTOS QUE VÊM REALIZANDO A EXPERIÊNCIA NO ESTADO
DE SÃO PAULO

CAPITAL

COLÉGIO MACKENZIE
COLÉGIO SANTANA
COLÉGIO DAS CÔNEGAS DE SANTO AGOSTINHO (DES OISEAUX)
COLÉGIO SANTA CRUZ
COLÉGIO SANTA MARIA
COLÉGIO PIO XII
COLÉGIO SÃO MIGUEL ARCANJO
COLÉGIO SION

INTERIOR

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO "NARCISO PIERONI" DE SOCORRO

Dos estabelecimentos acima enumerados, somente o Colégio Mackenzie e o Instituto de Educação "Narciso Pieroni" de Socorro, permitira a coleta de dados de maneira completa.

O Colégio Santana limitou-se, na pessoa de sua diretora, a preencher os questionários e autorizar que as professoras também o respondessem; alegando possíveis perturbações dos trabalhos escolares, não permitiu que percorressemos todas as instalações em período normal de aulas, o que fizemos, fora daquele período, de modo a não podermos apreender tudo quanto quizeramos, para bem informarmos.

O Colégio das Cônegas de Santo Agostinho, na pessoa da madre encarregada da Classe Experimental, preencheu o questionário do diretor, e conseguimos, depois de muitos esforços, que três docentes preenchessem dos professores. Também fomos impedidos de visitar a Classe em funcionamento, sendo repetido o mesmo argumento: poderia perturbar os trabalhos escolares.

No Colégio Santa Cruz, o encarregado da Classe Experimental, Padre Invon Lafrance, além de preencher apenas 50% do questionário do diretor, tratou o autor do presente relatório de maneira descortês, recusando-se a dar outra qualquer colaboração.

Quanto ao Colégio Santa Maria, apenas conseguimos o preenchimento do questionário do diretor. Nada mais.

Nos Colégios Pio XII e São Miguel Arcanjo não conseguimos re-haver os questionários, entregues pessoalmente. No tocante a êstes dois colégios deixamos de insistir na coleta de dados por sugestão da senhora Inspectora Seccional.

Finalmente, o Colégio Sion negou-se a responder, por escrito, a qualquer pergunta.

Do exposto, facilmente se conclui, da falta de compreensão dos propósitos da presente pesquisa, por parte da direção da maioria dos colégios citados.

Ponto focalizado por J.

- É' fundamental para a ci-
ticia ou quem evolui os
muitos dos ci.º xp.

• Não é compreensível a divul-
gar um plano, para
só a imitar

- Não a dual, em caráter
oficial, considera-se em
aquele plano com mais
interessante pois isto prepa-

• dicar o caráter expor-
tismo do que os clérigos
dizer, para fazer

-



No ponto em que as "classes experi-
mentais" se encontram, sem estado mais
dele nem poder ter como objecto a
avaliação ~~com~~ crítica de seu funcio-
^{no a avaliação de seus resultados,}
namento, trata-se, ~~de~~ ^{precisamente,}
~~de~~ ^{de} torná-las como índices da realidade
do estado actual da educação
neste sentido de que o acolhi-
mento, ^{para a educação} da possibilidade de experi-
mentação, ^{liberdade para a educação} ~~dos~~ ^{dos} padrões rápidos
exigentes, bem assim as dificuldades
gerais a que obedecem os esforços
de actualização de suas possibilidades,
indicam o grau em que havia
no ensino secundário de 1950
e suficiente mente eficazes de obter
melhor ajustamento entre o tra-
balho das escolas e as neces-
sidades e funções a que elas devem
satisfazer.

Dever forma; o estado vem prin-
cipalmente aos seguintes objecti-
vos:

1. Verificar em que grau e de que forma os princípios e colações inspiram a possibilidade de inovações curriculares e didáticas, perante o contexto experimental.
2. Segundas que linhas se tentaram estas inovações e em que medida as tentativas se achem subordnadas a princípios pedagógicos insuficientemente definidos.
3. Criticar alguns princípios - e é este o único nível em que o estudo tem objetivos críticos - mediante o estudo das ^{diversas} ~~questões~~ ^{experiências} ~~princípios~~ ^{adotadas} ~~das~~ ^{de cada uma} ~~das~~ ^{das} várias experiências, entre si e com ~~as~~ ^{as} recomendações da psicologia e da didática que se possam considerar insustentáveis de discussões.
4. As características de os planos gerais, escolas e currículos de cada uma das experiências:

b) pré-estudo: seleção, pré-história, região de trabalho

c) currículo, metodologia de ensino, planejamento didático

d) avaliação do rendimento da aprendizagem

e) características da disciplina

f) orientação educacional

g) articulação da escola com a família e a comunidade

h) responsáveis das aulas sobre o conjunto da vida da escola

i) estudos dirigidos

j) atividades extracurriculares

k) custo, comparado com o das outras escolas

ANEXO 1Instruções sobre a natureza e a organização das classes experimentais

Tendo o senhor ministro da Educação e Cultura homologado os pareceres número 31/58 do Conselho Nacional de Educação e 77/58 da Consultoria Jurídica do Ministério, poderão ser organizadas classes experimentais do curso ginasial ou colegial, para funcionamento a partir de 1959, atendidos os requisitos constantes da exposição de motivos da Diretoria do Ensino Secundário e dos pareceres acima citados.

2 - As classes experimentais têm por objetivo ensinar a aplicação de métodos pedagógicos e processos escolares bem como de tipos de currículo compatíveis com a legislação do ensino médio. Vêm sendo reclamadas constantemente pelos educadores brasileiros como medida da maior necessidade diante das perspectivas de diversificação do ensino secundário já prevista nos projetos de Lei em curso no Congresso Nacional sob a forma de disciplinas optativas ou da própria ramificação dos cursos do primeiro e do segundo ciclo.

3 - São características das classes experimentais: a) aplicação de métodos e processos de ensino bem como o ensaio de novos tipos de currículo; b) organização em colégios de idoneidade inconteste e de condições pedagógicas que possibilitem a experiência, sendo particularmente indicados para isso o Colégio Pedro II e os Colégios de Aplicação das Faculdades de Filosofia; c) organização inicial para o primeiro ciclo, podendo porém, estenderem-se a juízo do Ministério, ao segundo; d) experiência inicial com um número mínimo de classes (uma por série, começando da primeira), podendo ser ampliada depois de verificados os resultados; e) prévio consentimento dos pais ou responsáveis dos alunos matriculados, depois de convenientemente esclarecidos; f) professores especialmente credenciados; g) assistência especial da Diretoria do Ensino Secundário; h) prévia autorização do Ministério da Educação e Cultura, através da Diretoria do Ensino Secundário, depois de ouvido o Conselho Nacional de Educação; i) número reduzido de estabelecimentos nos quais serão instalados.

4 - As classes experimentais deverão ser organizadas atendendo, entre outras, às seguintes normas gerais: a) na organização dos currículos, ter-se-á em vista não a especialização nesta ou naquela direção de estudos, mas a preparação geral com um sólido conteúdo de formação humana e maiores oportunidades de atendimento das aptidões individuais; b) maior articulação do ensino das várias disciplinas e maior coordenação das atividades escolares; c) número máximo de

trinta alunos em cada classe, para que o ensino se possa adaptar melhor a cada aluno; d) o número de professores nas classes iniciais do ginásio poderá ser reduzido para evitar os inconvenientes da transição brusca do regime primário para o secundário. Os professores terão, assim, convívio mais demorado com os alunos, podendo melhor examinar-lhes as tendências e exercerem uma orientação mais eficiente; e) reuniões periódicas dos professores de cada classe para a apreciação da classe nos seus aspectos psicológicos e sua melhor e mais homogênea orientação pedagógica; f) possibilidade de opções que correspondam às aptidões dos alunos; g) acentuação da função educativa da escola, oferecendo para isso oportunidade aos alunos de maior permanência diária na escola e de participação nas atividades extra-curriculares; h) atividades dirigidas, planejadas de modo que o aluno dela possa participar ativamente, para adquirir seu método próprio de trabalho e hábitos de vida conscientes e dinâmicos; i) articulação mais estreita entre professores e pais, tão necessária para a harmonia que deve existir entre a obra educadora da escola e da família.

5 - A transferência de alunos de um para outro estabelecimento, em meio de curso, será feita nos termos do Decreto 34530 ou, quando o estabelecimento de destino puder atender ao aluno, mediante cursos de adaptação das disciplinas que não tiverem sido estudadas no estabelecimento de origem. Tendo em vista que o Decreto acima citado não permite a transferência de alunos no decorrer do ano letivo, deve-se evitar a matrícula em classes experimentais de alunos cujos pais ou responsáveis estejam sujeitos a remoções ou transferências mais ou menos imprevistas.

6 - O certificado de conclusão de curso dos alunos das classes experimentais é o mesmo expedido para os demais alunos do curso ginasial ou colegial.

7 - Dada a natureza da escola secundária e o número limitado de estabelecimentos que poderão realizar a experiência, será dada preferência às classes experimentais cujo funcionamento transcorra em horário integral e só excepcionalmente será permitida a organização de classes em turno noturno.

Como organizar classes experimentais:

8 - O pedido para funcionamento de classes experimentais deverá ser apresentado até o último dia de agosto à Inspetoria Seccional a cuja jurisdição pertencer o estabelecimento, acompanhado dos seguintes elementos:

- a) objetivos da experiência, sua fundamentação, conveniência, exequibilidade e demonstração da impossibilidade de realizá-la dentro do regime normal de funcionamento do curso ginasial ou colegial.
- b) características principais da experiência, atendendo a todos ou a alguns dos seguintes itens:
 - 1) currículo
 - 2) horário
 - 3) organização do corpo docente
 - 4) seleção de alunos
 - 5) verificação do rendimento e condições de aprovação dos alunos
 - 6) atividades complementares
 - 7) métodos e processos de ensino
 - 8) orientação educacional
 - 9) atendimento das diferenças individuais
 - 10) ajustamento de alunos transferidos
 - 11) orientação de alunos excepcionais
 - 12) previsão do desenvolvimento
 - 13) aferição final dos resultados da experiência
- c) O plano deverá ser elaborado por uma comissão de três professores, presidida pelo Diretor; quando houver congregação, será aprovado por ela; quando se tratar de estabelecimento oficial, deverá ser aprovado pela autoridade educacional a que estiver subordinado;
- d) O plano deverá ser feito para execução em um período de quatro anos no curso ginasial, correspondendo ao curso completo dos que iniciarem a experiências, devendo as modificações que se fizerem necessárias serem propostas anualmente com o relatório do desenvolvimento da experiência;
- e) A experiência poderá atingir a qualquer aspecto da vida escolar, devendo ser considerados os diferentes aspectos do atual curso secundário que têm sido susceptíveis de críticas, entre os quais podem ser citados os seguintes:
 - pequena duração do ano letivo, número excessivo de disciplinas

ministradas no ano escolar, falta de flexibilidade, ensino verbalista, dissociação nas necessidades e interesses do aluno, excesso de provas, supervalorização das notas, falta de articulação com o ensino primário e superior e ainda outros.

9 - Só será permitido o funcionamento de classes experimentais em estabelecimentos que mantenham orientação educacional.

10 - Ao receber o pedido de funcionamento de classes experimentais formulado por um estabelecimento de ensino, a Inspetoria Seccional solicitará da Diretoria do Ensino Secundário a designação do educador que deverá acompanhar a experiência. Caso o estabelecimento deseje, a designação do educador poderá ser feita antes da apresentação do plano para que nêle já colabore o educador indicado pela Diretoria do Ensino Secundário.

11 - Ao parecer apresentado pelo educador incumbido de acompanhar a experiência, poderá a Inspetoria Seccional acrescentar informações quanto ao funcionamento da instituição, à formação pedagógica de seu corpo docente e administrativo, às demais condições educacionais que indicam ou contra-indicam a realização da experiência e outros esclarecimentos úteis para o julgamento do pedido.

12 - Apresentado o plano à Diretoria do Ensino Secundário, desde que esta o julgue em condições de ser aprovado, submete-lo-á à apreciação do Conselho Nacional de Educação.

13 - Poderão funcionar em 1959, as classes experimentais a cujo funcionamento o Conselho Nacional de Educação se manifeste favoravelmente até 31 de janeiro daquele ano.

ROTEIRO PARA O OBSERVADOR DAS "CLASSES SECUNDÁRIAS EXPERIMENTAIS"

- 1 - As notas aqui apresentadas não pretendem ser um rígido questionário de perguntas e respostas e sim um quadro de referências sugestivas de aspectos julgados importantes na observação a fazer.
- 2 - Seriam elas, talvez, dispensáveis, não fôra a necessidade de dar uma certa unidade na abordagem, observação e análise do problema, que enseje ulteriores cotejos comparativos.
- 3 - Em livros correntes, em português, como os de Luís Alves de Mattos, "Sumário de Didática Geral", Lourenço Filho, "Introdução à Escola Nova", A.N. Aguayo, "Didática da Escola Nova", etc, estão explicitados os conceitos didáticos modernos cuja vigência se busca apurar nas "classes experimentais".
- 4 - O funcionamento das classes experimentais deve ser visualizado como um todo, integrado pelas tarefas de classe e extra-classe, aulas, serviços, atividades que integram de um modo geral o seu funcionamento.

Notas para o trabalho de observação

- A - O observador deve acompanhar, pelo tempo necessário (dois dias no mínimo) a sequência do desenvolvimento do dia escolar, do início ao término, condensando e fazendo as observações pertinentes, considerando, entre outros, aspectos como os a seguir enumerados.
- B - O trabalho didático considera apenas os objetivos previamente fixados pelo professor ou aprova objetivos imeditos dos alunos? Como se conciliam esses dois objetivos?
- C - A formulação dos objetivos docentes é apenas em termos de conteúdo de matéria, logicamente organizados, ou em termos de formas de comportamento dos alunos? Nessa última hipótese assegura-se o efetivo domínio de informações e conhecimentos?
- D - O trabalho escolar estimula a capacidade de iniciativa individual?

- E - Há a preocupação de desenvolvimento social dos alunos?
- F - Como se busca socializar e integrar o educando na comunidade?
- G - Como planejam os professores suas atividades didáticas?
- H - Que modalidades de atividades integram o planejamento didático?
- I - Como é feita a elaboração do currículo?
- J - Quais são os programas de ensino adotados: os oficiais? Feitos pelos professores?
- K - Há planejamento de unidades do programa?
- L - Os professores elaboram planos de aulas?
- M - Como é considerado o problema de motivação?
- N - Em que medida são aproveitados os interesses espontâneos e a experiência dos alunos como pontos de partida para a aprendizagem?
- O - Que uso é feito das modalidades de motivação, positiva e negativa?
- P - Prevalece o sentido competitivo individualista ou o de cooperação entre os alunos?
- Q - Prevalece uma pedagogia de escola ativa? Aproximada de que modelo?
- R - Que técnicas de ensino prevalecem? Dominam-as bem, os professores?
- S - Ensejam-se oportunidades aos trabalhos individual e grupal? Quais as principais?
- T - Que critério prevalece na constituição dos grupos de trabalho em classe?
- W - Como é feito o estudo dirigido? Quais são seus objetivos?
- X - Quais os principais problemas em relação aos livros didáticos e manuais para o professor?
- Y - Para que disciplinas há salas-ambiente, como estão organizadas e funcionam?
- Z - Quais os recursos audio-visuais? De biblioteca? Como funcionam?

- A' - Como é coordenado o ensino das várias matérias?
- B' - Há a cooperação de contínua avaliação, pelos professores, dos resultados da aprendizagem?
- C' - Que processos são seguidos para o controle dos resultados da aprendizagem? Há uso de medidas objetivas?
- D' - Como é encarado o problema da disciplina? Há problemas especiais da mesma, nas classes experimentais?
- E' - Há serviço organizado de orientação educacional? Como funciona? Que resultados vem colhendo?
- F' - A que objetivos essenciais visa a orientação educacional?
- G' - Funciona a orientação educacional apenas para os alunos-problema ou para toda a classe?
- H' - Há preocupação de indicação de oportunidades educacionais e de orientação profissional (Classe de segundo ciclo)?
- I' - Há encarregados especiais de orientação educacional? Que participação têm, na orientação educacional, a família, o corpo docente e administrativo da classe?
- J' - Que utilização vêm tendo as atividades da orientação educacional na vida escolar?
- K' - Aproxima-se o serviço de orientação educacional da linha do movimento americano de "counseling psychology", no qual, mais que conselhos se busca promover uma auto-direção descobridora e utilizadora de dotes naturais, tomando ciência das fontes de treinamento disponíveis, de modo a tirar o máximo proveito para si e para a sociedade?

ALUNOS - O observador deverá entrevistar, informalmente, alunos das classes experimentais e registrar as informações obtidas.

Será importante tentar caracterizar, entre outros aspectos, os seguintes:

- a) se gostam da classe;
- b) se acham dificuldades e em que matéria;
- c) como julgam a situação de sua classe em relação às classes comuns;
- d) se julgam estar aprendendo bem;
- e) se seus pais estão satisfeitos com os resultados obtidos.

OBSERVADOR DO MEC - O observador deverá tentar obter, para leitura e anotação, o relatório desse observador da DES junto às classes e ouvi-lo, em entrevista pessoal, para a qual se sugere, como referências significativas, entre outras, aquelas constantes do "Roteiro para o Observador das Classes Secundárias Experimentais".

DOCUMENTOS SOBRE A EXPERIÊNCIA - O observador deve obter toda a documentação escrita, existente sobre as classes: currículo, programas, fichas de alunos, testes, instruções, objetivos, etc.etc. e anexá-la ao relatório sobre cada colégio.

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSOR

Estabelecimento

Cidade e Estado

Dados gerais sobre o professor:

Nome

Disciplina

Outras responsabilidades específicas

Sexo, idade, estado civil e naturalidade

Qualificação

Tempo de magistério

Tempo de serviço no estabelecimento

Remuneração total: R\$

Leciona também em classes comuns

Número de horas diárias de trabalho

Leciona em outros estabelecimentos

Qual?

Informações relacionadas com a participação nas classes experimentais:

- Porque aceitou participar das classes experimentais?
- Está satisfeito com essa participação?
- Pretende continuar no próximo ano?
- Em caso negativo, porque?
- Que diferenças essenciais há em sua atuação nas classes comuns e nas classes experimentais?
- Atribui importância à existência das classes experimentais? Porque?
- Que resultados espera que tenham as classes experimentais sobre o ensino secundário?
- Que pontos julga mais interessantes nas classes deste colégio?
- Acha que a experiência deve continuar segundo as mesmas linhas?
- Que modificações sugeriria?

Colégio Nova Friburgo - Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro

- currículo tradicional, modificada a seriação;
 - estudo dirigido;
 - horário variável por semana;
 - professores de tempo integral residentes no próprio estabelecimento;
 - ensino por unidades didáticas;
 - ausência de inspetores de disciplina;
 - atividades extraclasse;
 - fusão da geografia e ciências naturais nas duas primeiras séries;
 - fusão do latim e do Português na 3ª e 4ª séries;
 - ensino de inglês a partir da 3ª série;
 - reunião de todas as disciplinas de natureza prática e artística sob a denominação de Educação Artística.
 - aprovação por conceito.
-

ROTEIRO PARA O OBSERVADOR DAS "CLASSES E SONDÁGIAS EXPERIMENTAIS"

- 1 - As notas aqui apresentadas não pretendem ser um rígido questionário de perguntas e respostas e sim um quadro de referências sugestivas de aspectos julgados importantes na observação a fazer.
- 2 - Seriam elas, talvez, dispensáveis, não fôra a necessidade de dar uma certa unidade na abordagem, observação e análise do problema, que enseje ulteriores cotejos comparativos.
- 3 - Em livros correntes, em português, como os de Luís Alves de Mattos, "Sumário de Didática Geral", Lourenço Filho, "Introdução à Escola Nova", A.N. Aguiar, "Didática da Escola Nova", etc, estão explicitados os conceitos didáticos modernos cuja vigência se busca apurar nas "classes experimentais".
- 4 - O funcionamento das classes experimentais deve ser visualizado como um todo, integrado pelas tarefas de classe e extra-classe, aulas, serviços, atividades que integram de um modo geral o seu funcionamento.

Notas para o trabalho de observação

- A - O observador deve acompanhar, pelo tempo necessário (dois dias no mínimo) a sequência do desenvolvimento do dia escolar, do início ao término, condensando e fazendo as observações pertinentes, considerando, entre outros, aspectos como os a seguir enumerados.
- B - O trabalho didático considera apenas os objetivos previamente fixados pelo professor ou aprova objetivos imediatos dos alunos? Como se conciliam estes dois objetivos?
- C - A formulação dos objetivos docentes é apenas em termos de conteúdo de matéria, logicamente organizados, ou em termos de formas de comportamento dos alunos? Nessa última hipótese assegura-se o efetivo domínio de informações e conhecimentos?
- D - O trabalho escolar estimula a capacidade de iniciativa individual?

- E - Há a preocupação de desenvolvimento social dos alunos?
- F - Como se busca socializar e integrar o educando na comunidade?
- G - Como planejam os professores suas atividades didáticas?
- H - Que modalidades de atividades integram o planejamento didático?
- I - Como é feita a elaboração do currículo?
- J - Quais são os programas de ensino adotados: os oficiais? Feitos pelos professores?
- K - Há planejamento de unidades do programa?
- L - Os professores elaboram planos de aulas?
- M - Como é considerado o problema de motivação?
- N - Em que medida são aproveitados os interesses espontâneos e a experiência dos alunos como pontos de partida para a aprendizagem?
- O - Que uso é feito das modalidades de motivação, positiva e negativa?
- P - Prevalece o sentido competitivo individualista ou o de cooperação entre os alunos?
- Q - Prevalece uma pedagogia de escola ativa? Aproximada de que modelo?
- R - Que técnicas de ensino prevalecem? Dominam-as bem, os professores?
- S - Ensejam-se oportunidades aos trabalhos individual e grupal? Quais as principais?
- T - Que critério prevalece na constituição dos grupos de trabalho em classe?
- W - Como é feito o estudo dirigido? Quais são seus objetivos?
- X - Quais os principais problemas em relação aos livros didáticos e manuais para o professor?
- Y - Para que disciplinas há salas-ambiente, como estão organizadas e funcionam?
- Z - Quais os recursos audio-visuais? De biblioteca? Como funcionam?

- A' - Como é coordenado o ensino das várias matérias?
- B' - Há a preocupação de contínua avaliação, pelos professores, dos resultados da aprendizagem?
- C' - Que procedimentos são seguidos para o controle dos resultados da aprendizagem? Há uso de medidas objetivas?
- D' - Como é encarado o problema da disciplina? Há problemas especiais da mesma, nas classes experimentais?
- E' - Há serviço organizado de orientação educacional? Como funciona? Que resultados vem colhendo?
- F' - A que objetivos essenciais visa a orientação educacional?
- G' - Funciona a orientação educacional apenas para os alunos-problema ou para toda a classe?
- H' - Há preocupação de indicação de oportunidades educacionais e de orientação profissional (Classe de segundo ciclo)?
- I' - Há encarregados especiais de orientação educacional? Que participação têm, na orientação educacional, a família, o corpo docente e administrativo da classe?
- J' - Que utilização vêm tendo as atividades da orientação educacional na vida escolar?
- K' - Aproxima-se o serviço de orientação educacional da linha do movimento americano de "counseling psychology", no qual, mais que conselhos se busca promover uma auto-direção descobridora e utilizadora de dotes naturais, tomando ciência das fontes de treinamento disponíveis, de modo a tirar o máximo proveito para si e para a sociedade?

ALUNOS - O observador deverá entrevistar, informalmente, alunos das classes experimentais e registrar as informações obtidas.

Será importante tentar caracterizar, entre outros aspectos, os seguintes:

- a) se gostam da classe;
- b) se acham dificuldades e em que matéria;
- c) como julgam a situação de sua classe em relação às classes comuns;
- d) se julgam estar aprendendo bem;
- e) se seus pais estão satisfeitos com os resultados obtidos.

OBSERVADOR DO MEC - O observador deverá tentar obter, para leitura e anotação, o relatório desse observador da DEE junto às classes e ouvi-lo, em entrevista pessoal, para a qual se sugere, como referências significativas, entre outros, aquelas constantes do "Roteiro para o Observador das Classes Secundárias Experimentais".

DOCUMENTOS SOBRE A EXPERIÊNCIA - O observador deve obter toda a documentação escrita, existente sobre as classes: currículo, programas, fichas de alunos, testes, instruções, objetivos, etc.etc. e anexá-la ao relatório sobre cada colégio.

Dia 25 - 3^a fev. { Instituto de Educação.
 8 hs - Contato c/ a classe +
 10 hs - Contato c/ as profs. +
 12 hs - Alunôço na pp. escola.
 13,30 hs - Visita à Seccional -
 Ginásio Pio XII
 14,30 hs - Contato c/ as profs.

Dia 26 - 4^a fev. { Ginásio "Pio XII"
 8 hs - Contato c/ a classe
 Colégio Americano
 10,30 hs - Contato c/ a classe
 12 hs - Alunôço - (na escola)
 13,30 hs - Contato c/ os profs.

Dia 27 - 5^a fev. { Ginásio "Infante Dom Henrique"
 8 hs - Contato c/ a classe
 10,30 hs - Contato c/ as profs.
 12,30 hs - Alunôço
 Colégio de Aplicação
 14,30 hs - Contato c/ as profs.

Dia 28 - 6^a fev. { Colégio de Aplicação
 8 hs - Contato c/ a classe

dia 25
 3ª feira

Instituto de Educação.
 8 hs. - Contato c/ a classe
 10 hs. - Contato c/ os profs.
 12 hs - Almoço.
 13,30hs - Visita à Seccional
 Ginásio Pio XII
 14,35 - Contato c/ a classe

dia 26
 4ª feira

8 hs - ~~Contato c/ os profs.~~
 Colégio Americano
 10 hs - Contato c/ a classe
 12 hs - Almoço
 13,30hs - Contato c/ os profs.
 Gin. Infante Dom Henrique
 15,30hs - Contato c/ os profs.

dia 27
 5ª feira

8hs - Contato c/ a classe
 Colégio de Aplicação
 10hs - Contato c/ a classe
 13,30hs - Contato c/ os profs.

~~Programa~~ para a permanência de
Programa e ser realizado durante a
permanência do Sr. Jayme Abreu
- de 24 a 28 de julho -

Dia 24 - Chegada às 17h. - Receber as pessoas
condutas ao hotel - Consulta sobre
programa previsto. Apresentação do
material recolhido nos J. E.
às 20h. - jantar -

Dia 25 - 3ª feira

— Instituto de Educação —
8h. - Contato com as classes.
10h - Exposição de material
12h. Almoço
14h - Contato com professores.
16h - Inspectoria Seccional
Contato com inspetores e
observadores.

Dia 26 - 4ª feira

— Colégio Americano —
8h. - Contato com as classes.
11h - Entrevista com os profs.
12h - Almoço
13h - Continuação entrevista
14,30 - J. E. Pio XII
15h - Contato com os professores.

Dia 27 - 5ª feira

8h - J. Pio XII - Contato com as classes.
10h. - J. Infante Dom Benizque
10,30 - Entrevista com professores
13,45 - Contato classes.

Dia 28 - 6ª feira -

8h - Colégio de Aplicações.

Em relação as relações apresentadas



Características:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

E classe social

- 1) A composição etária, e por sexo da classe. Q.I. 111.1
- 2) A "emergência" das instalações materiais. Equipamento didático.
- 3) O trabalho individual e em grupo na classe.
- 4) O agrupamento por sociogramas. V. C. Apl.
- 5) Idade, experiência doente, sexo dos professores
- 6) A direção geral da classe
- 7) Articulação entre a direção, professores, orientação educacional
- 8) A permanência dos alunos na escola
- 9) O processo de promoção (detalhes) - Há atividades de recuperação?
- 10) O método didático: monismo?
- 11) O custo do aluno-ano x
- 12) A remuneração e as condições de trabalho do docente (Tempo integral na escola? equipamento ao seu dispor?)
- 13) O currículo de currículo e seu planejamento: Simples curso de estudos ou todas as atividades dos alunos sob a direção da escola?
- 14) O estudo dirigido? Como é feito? Integrando o plano docente?
- 15) O papel e os problemas do livro adequados ao espírito das classes e o material de ensino?
- 16) O rendimento estatístico (por matéria e em conjunto) e educativo da classe? (1º ano)
- 17) Há classe secundária comum? Há colégios comparáveis de rendimento? Sumário de diferenças básicas entre ambos.
- 18) Há fusão de matérias, como, por exemplo, estudos sociais?
- 19) Há professores comuns a mais de uma matéria?
- 20) Usa-se o método de projetos?
- 21) Qual a periodicidade de reuniões de professores, pais e professores?

Colojar no relatório geral a proporção entre alunos, em Porto Alegre, na classe secundária comum e na experimental e nesta a incidência dos sexos, número de professores delas, sexo, formação. J. A. 1.17.

Número de violências contra um 1º ano primário, em Porto Alegre.

Σμαιο Πρωτοῦ -
Σ. Εμπειρική Μανι Μαντινών.

Movimento dos alunos da Escola Experimental "Mária Montessori" nos anos de 1953,

1954 e 1955, levando em consideração o nº de turmas em cada série.

1953.	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	agosto	Setembro	Outubro	Novembro
	M F T	M F T	M F T	M F T	M F T	M F T	M F T	M F T	M F T
1ª série	18 14 35	18 17 35	18 17 35	17 17 34	17 14 34	16 15 31	14 13 27	15 14 29	15 14 29
1ª "	17 15 32	17 15 32	17 15 32	18 8 26	18 8 26	18 7 25	15 7 22	15 9 24	15 9 24
1ª "	22 9 31	22 9 31	23 9 32	18 14 35	17 16 33	14 15 29	14 14 28	13 11 24	14 11 25
1ª "	8 7 15	7 7 14	8 8 16	16 11 27	15 9 24	14 10 24	14 10 24	14 9 23	14 9 23
1ª "	16 13 29	16 13 29	17 13 30	- - -	- - -	- - -	- - -	- - -	- - -
2ª série	10 13 23	10 13 23	10 13 23	10 13 23	9 13 22	12 12 24	12 12 24	12 10 22	12 10 22
2ª "	14 14 28	14 14 28	15 14 29	15 13 28	15 12 27	11 13 24	11 13 24	11 13 24	10 13 23
3ª série	17 18 35	17 16 33	17 15 32	15 13 28	13 12 25	12 11 23	12 10 22	12 10 22	12 10 22
4ª "	16 3 19	16 3 19	17 3 20	16 3 19	13 3 19	16 3 19	14 3 17	14 3 17	14 3 17
1954	M F T	M F T	M F T	M F T	M F T	M F T	M F T	M F T	M F T
1ª série	9 14 23	10 13 23	11 14 25	9 14 23	8 13 21	7 13 20	8 12 20	7 11 18	8 11 19
1ª "	16 5 21	17 6 23	17 4 21	17 4 21	15 4 19	14 3 17	11 3 14	11 3 14	11 4 15
1ª "	18 19 37	17 19 36	16 18 34	15 17 32	15 17 32	14 16 30	12 16 28	12 15 27	12 15 27
1ª "	22 16 38	23 15 38	23 15 38	23 14 37	20 14 34	20 13 33	18 12 30	17 10 27	17 10 27
2ª série	19 12 31	19 12 31	20 12 32	20 13 33	19 13 32	18 12 30	17 13 30	17 19 36	17 11 28
2ª "	23 22 45	22 22 44	21 20 41	20 21 41	17 20 37	20 21 41	18 20 38	17 11 28	18 19 37
3ª série	25 13 38	24 13 37	24 13 37	24 13 17	21 13 34	19 13 32	19 12 31	18 12 30	18 12 30
4ª "	21 12 33	21 12 33	21 12 33	20 10 30	20 10 30	19 10 29	19 10 29	19 10 29	19 10 29
1955									
1ª série	20 16 36	20 15 35	19 14 33	18 14 32	18 13 31	16 13 29	12 13 25	12 12 24	12 12 24
1ª "	12 19 31	13 18 31	12 18 30	13 18 31	12 19 31	12 20 32	12 20 32	12 20 32	13 20 33
1ª "	10 20 30	10 20 30	10 21 31	10 20 30	10 20 30	10 21 31	10 22 32	9 19 28	9 19 28
2ª "	16 14 30	19 14 33	19 14 33	19 14 33	19 14 33	18 13 31	16 13 29	16 12 28	16 13 29
2ª "	22 7 29	22 9 31	22 9 31	21 9 30	22 8 30	20 5 25	20 6 26	16 6 22	16 6 22
3ª "	14 9 23	14 9 23	14 9 23	14 8 22	14 9 23	13 8 21	13 7 20	13 7 20	13 7 20
3ª "	19 16 35	18 15 33	18 15 33	18 15 33	18 13 31	17 14 31	17 13 30	17 12 29	17 12 29
4ª "	16 12 28	15 12 27	15 12 27	15 12 27	15 11 26	15 9 24	15 9 24	15 9 24	15 9 24

1953: 3 turmas de 1ª série

2 " " 2ª "
1 turma " 3ª "
1 " " 4ª "

247

1951

1954:

4 turmas de 1ª série

2 " " 2ª "
1 turma " 3ª "
1 " " 4ª "

1955:

3 turmas de 1ª série

2 " " 2ª "
2 " " 3ª "
1 turma " 4ª "

E. EXPERIMENTAL MONTESSORI
- PRIMÁRIO - 1953, 54, 55 -

Movimento dos alunos da
Escola Experimental "maria montessori"
nos anos de 1953, 1954 e 1955.

Movimento dos alunos da Escola Experimental "Maria Montessori".
Anos de 1953, 1954 e 1955.

1953 -	fevereiro			março			abril			maio			junho			agosto			setembro			outubro			novembro			Promovidos			Reprovados			56%
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T				
1ª série	81	61	142	80	61	141	83	62	145	69	53	122	67	50	117	62	47	109	57	44	101	57	43	100	58	43	101	32	25	57	26	18	44	
2ª "	24	27	51	24	27	51	25	27	52	25	26	51	24	25	49	23	25	48	23	25	48	23	23	46	22	23	45	9	13	22	13	10	23	
3ª "	17	18	35	17	16	33	17	15	32	15	13	18	13	12	25	12	11	23	12	10	22	12	10	22	12	10	22	11	9	20	1	1	2	
4ª "	16	3	19	16	3	19	17	3	20	16	3	19	16	3	19	16	3	19	14	3	17	14	3	17	14	3	17	8	1	9	6	2	8	

1954 -	Janeiro			março			Abril			maio			junho			agosto			setembro			outubro			novembro			Promovidos			Reprovados					
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T						
1ª série	65	54	119	67	53	120	67	51	118	64	49	113	58	48	106	55	45	100	49	43	92	47	39	86	48	40	88	29	18	47	19	22	41			
2ª "	42	34	76	41	34	75	41	32	73	40	34	74	36	33	69	28	33	61	35	33	68	34	30	64	35	30	65	29	29	58	6	1	7			
3ª "	25	13	38	24	13	37	24	13	37	24	13	37	21	13	34	19	13	32	19	12	31	18	12	30	18	12	30	17	12	29	1	1	2			
4ª "	21	12	33	21	12	33	21	12	33	20	10	30	20	10	30	19	10	29	19	10	29	19	10	29	19	10	29	19	10	29	0	0	0			
	166																																			

[illegible]

Questionário a ser preenchido pelos alunos
da classe experimental do ginásio.....

(Nome do Estabelecimento)

Cidade:

Estado:

Nome do aluno:

Data: - - - - -

- 1 - Idade: Nasceu em:
- 2 - Sexo:
- 3 - Tem irmãos?
- 4 - Quantos?
- 5 - Com quem mora?
- 6 - Tem amigos?
- 7 - Moram perto de sua casa?
- 8 - Com quantos anos você entrou para a escola primária?
- 9 - Frequentou o jardim de infância?
- 10 - Escreva o nome das escolas onde você estudou:
- 11 - No curso primário, gostava de estudar?
- 12 - E, no curso secundário, você gosta de estudar?
- Gosta dos trabalhos que você faz em sua classe?
- 13 - Após os trabalhos escolares, você costuma estudar? — Durante quanto tempo? — Onde estuda?
- 14 - Depois do estudo que faz você?
- 15 - Entre as matérias que você vem estudando, qual é a que lhe agrada mais?
- 16 - Pretende você concluir o curso ginasial?
- 17 - Costuma você falar com seus pais acerca de seus trabalhos escolares?

Plano Inicial de "Observação" da Classe Experi- mental de Guaratinguetá

- 1- Estudar pormenorizadamente o plano
- 2- Que objetivos da Escola Secundária visa atingir, com mais ênfase?
- 3- Que meios são empregados para atingi-los?
- X 4- Que oportunidades oferece para manifestação e desenvolvimento de aptidões?
- X 5- Que meios emprega para socializar e integrar o educando na comunidade?
- X 6- Que oportunidades oferece para trabalhos individuais e coletivos?
- 7- Há preocupação de formar o eleitor?
- 8- Como é realizado o trabalho de Orientação Educacional?
- 9- Há preocupação de orientação profissional?
- X 10- Que técnicas de ensino são empregadas, com preponderância?
- X 11- Que particularidades oferece com relação a técnicas de ensino?
- X 12- Como é feita a articulação da direção e professores com os alunos?
- 13- Como é feita a articulação da classe (com) e da escola, enfim, com a família?
- 14- Como é feita a articulação da classe com a comunidade?
- 15- Qual a qualificação pedagógica do professorado?
- X 16- Como é tratado o problema de "disciplina"?

Relatório

- 1) A observação é: roteiro traçado deve ser em face a toda disciplina não sobre a classe em geral.
- 2) Descrição do trabalho ^{ou atividade} assistido.
- 3) Especial atenção aos ^{a proposta} ~~maiores~~ ^{sub 3. eus entradas} de ^{a proposta} ~~desempenho~~ ^{desempenho} do rendimento escolar.
- 4) Levantamento do custo do aluno ^{ano} por escola.
- 5) Ver como os profs. planejam o trabalho.
- 6 - Currículo envolvendo todas as atividades escolares: estudos dirigidos, etc.
- 7 - Francês e inglês são entre si discipl. optativas.
- 8) + detalhes sobre Glossários, programas, planos, etc. material didático, livros, usados, manuais.
- 9) Data de fundação do ginásio e estabelecimento.
- 10) Verificar se a classe é muito distinguida, em trato, das demais.
- 11) Funcionamento do serviço de B.E.
- 12) Diferenças entre esta classe e as comuns.
- 13 - Livro texto

14 - Levantamento do aproveitamento escolar do aluno no primário, estudando se viola escolar progressiva.

15 - Frequência - citar a mínima necessária. 2/3.

16 - Como se ajustam os profs. ao trabalho da classe?

17 - Deveres do aluno em casa, em seu estudo pessoal - o q. envolve a seleção da matéria q. não deve ser enciclopédica.

18 - Quanto por cento de licença dos h.c. no corpo docente

Livros solicitados a Sr. Jayme
por Evlis Mabilde, prof. de ciên-
cias da classe experimental
do Instituto de Educação:

- a) Iniciação às Ciências, edição
do I.N.E.P.
- b) Plenos exemplares da Revista
do J. B. F. C. C. (seção de S. Paulo)
- c) Revista, publicação do C. F. P. F.
que aborda o tema: "Monopólio
Estatal Educacional."

d) E outros, que o I.N.E.P. ou o C.B.P.F. têm.

Este material poderia, na
medida do possível, ser envia-
do aos demais Estabelecimentos
que mantêm classe experi-
mental, ou seja:

- a) Colégio Americano
- b) Ginásio Pio XII (já ~~está~~ 4º)
- c) Ginásio "Infante Dom Henrique"
- d) Colégio de Aplicação.

"CLASSES EXPERIMENTAIS SECUNDÁRIAS"

Os Diretores do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Professores Anísio ^{Spínola} Teixeira e Almir de Castro, de acôrdo com a estabelecido na alínea i, da seção 1.3, e p, da seção 2.7, do Plano de Organização do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e Centros Regionais, aprovado pelo Ministério da Educação e Cultura, que estabelece, entre outras providências, a de "estudo da organização da escola, nos diversos níveis, tendo em vista ajustá-la às descobertas da investigação científica e às necessidades do meio social ambiente", e "descrições monográficas a serem confiadas a educadores dos diferentes Estados, sobre situações educacionais específicas ou sobre aspectos gerais da educação", resolvem aprovar a realização de uma ^{estudo} ~~investigação~~ cuja finalidade ² ~~descrever~~, analisar e interpretar o funcionamento das "classes experimentais" em ginásios e colégios do país.

Histórico

As "classes experimentais" ^{se tornaram} ~~foram tornadas~~ possíveis, em vista de autorização do Ministro da Educação e Cultura, conforme solicitação feita em exposição ^{de 1952} ~~do~~ Diretor do Ensino Secundário, ^{Ce manifestação favorável} ~~ouvidos~~ do Consultor Jurídico do Ministério e do Conselho Nacional de Educação. No corrente ano, a Diretoria do Ensino Secundário, ouvido o Conselho Nacional de Educação conforme ^{sugeriram} ~~recomendaram~~ aquela exposição e os pareceres dos órgãos mencionados, recomendou ao Ministro a autorização para funcionamento de "classes experimentais" em 34 estabelecimentos públicos e particulares, assim distribuídos:

Distrito Federal	9
Estado de São Paulo	17
Estado do Rio Grande do Sul	5
Estado do Rio de Janeiro	1
Estado de Minas Gerais	1
Estado do Ceará	1

2

Universe ^{estudo} do ~~investigação~~

O universo da ^{estudo} ~~investigação~~ será total, isto é, abrangerá as 34 escolas que realizam no Brasil a aplicação ^{de novos métodos e processos de ensino e o ensaio de novos tipos de currículos.}

Objetivos da ^{pesquisa} ~~investigação~~

No ponto em que as "classes experimentais" se encontram, isto é, no primeiro ano de seu funcionamento, seu estudo não deve nem pode ter como objetivo principal ~~a crítica de seu funcionamento~~ ^{mas} a avaliação de seus resultados. Trata-se, principalmente, de tomá-las como índices ou sintomas do estado atual do ensino secundário brasileiro, neste sentido de que o acolhimento, pelos colégios, da possibilidade de experimentação — libertos para esse fim dos padrões rígidos vigentes, — bem assim as diretrizes gerais a que obedecem os esforços de atualização dessa possibilidade, indicam o grau em que havia no ensino secundário desejo real e suficientemente lúcido de obter melhor ajustamento entre o trabalho das escolas e as necessidades e funções a que elas devem dar satisfação.

Dessa forma, os objetivos da ^{pesquisa} ~~investigação~~ podem ser esquematizados nos seguintes itens:

1. Verificar em que grau e de que forma os ginásios e colégios reagiram à possibilidade de inovações curriculares e didáticas, ~~sujeitas a controle experimental.~~
2. ~~Segunda~~ ^{Em} ~~quelas~~ ^{quelas} se tentaram essas inovações e em que medida as tentativas se acham subordinadas a princípios pedagógicos suficientemente ~~préciosos~~ definidos.
3. Crítica desses princípios — e é este o ~~primeiro~~ nível em que a investigação terá objetivos críticos — mediante o cotejo dos princípios adotados em cada uma das várias experiências entre si e com aquelas recomendações ^{pedagógicas} ~~de psicologia e de didática~~ que se pode considerar ~~insuscetíveis de discussão~~ ^{válidas.} ~~válidas.~~
4. As características de organização ^(escolar,) ~~curricular~~ e didática de cada uma das experiências:

- a) direção e orientação técnica;
- b) professorado: seleção, preparo prévio, regime de trabalho, supervisão;

- c) currículo, organização de programas, planejamento didático, métodos e processos de ensino ;
- d) ^{processos de} avaliação do rendimento da aprendizagem ;
- e) ^{livros didáticos e material de ensino} características do disciplinado ;
- f) orientação educacional ;
- g) articulação da escola com a família e a comunidade ;
- h) atividades extra-~~escolares~~ ^{classe} ;
- i) estudo dirigido ;
- j) disciplina ;
- k) ^{interpretação} repercussões das classes sobre o conjunto da vida escolar de cada estabelecimento ;
- l) custo das classes experimentais comparado com o das classes comuns .

Métodos de trabalho

Serão estudados ^{criticamente} os planos apresentados pelas escolas e realizada ^{da} observação pessoal, direta, do funcionamento das classes, ~~xxxx~~ bem como realizadas entrevistas com roteiro pre-estabelecido e aplicados questionários (diretores, professores, ^{alunos} etc.).

Autoria do projeto

^{Coordenador da DEPE, Prof.}
A realização do projeto ficará a cargo dos ^{dos} profs. Jayme Abreu e ^{do especialista em ensino secundário da mesma} Geraldo Bastos Silva. Está assentado, em princípio, que o primeiro observará as classes dos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, e o segundo as do Distrito Federal, ^{dos} Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Ceará. Prevê-se, ^{quanto ao interior do Estado de} no caso de São Paulo e talvez em mais ^{em mais} algum outro ^{caso} que haja casos de delegação de tarefas, cuja execução será controlada pelos ^{coordenadores} ~~responsáveis~~ do projeto.

Relatório final

Como tópicos a constarem do relatório final, figuram os seguintes:

1 -

Duração do projeto —

Orçamento do projeto —

Refer. anexo
do documento
A breu

Rio de Janeiro de julho de 1959

RELAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS QUE MANTÊM CLASSES EXPERIMENTAIS (31)

1. DISTRITO FEDERAL (9)

- 2 - Colégio da Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia
- 1 - Colégio Andrews
Praia de Botafogo, nº
- 4 - Ginásio Brasileiro do Almeida
- 5 - Colégio Jacobina
Rua São Clemente, nº
- 9 - Colégio São Fernando
Rua Marquês de Olinda, nº
- 8 - Colégio Santa Úrsula
- 7 - Colégio Sacré Coeur ^{da Maria} - Internato
- 6 - Colégio Sacré Coeur ^{da Maria} - Externato
- ~~Colégio das Cênegas de Sto. Agostinho São Paulo~~
~~R. São Paulo, 222 São Paulo~~
- 3 - Colégio de Aplicação da Universidade do Rio de Janeiro

RELATÓRIO DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO CLASSE E EXPERIMENTAISESTADO DE SÃO PAULOCapital

Colégio Mackenzie - Rua Itambé, 45, Higienópolis

Colégio Santa Cruz - Av. Beethoven, s/n, Alto de Pinheiros

Colégio Nossa Senhora de Sion, Av. Higienópolis, s/n

Ginásio São Miguel Arcanjo, Rua Campos Novos, 19-Vila Zelinda (*)

Colégio de Aplicação da U.S.P. - R. Gabriel Santos, 30 (Sts. Cecília)

Ginásio Santa Maria (cl. exp. de 1º e 2º ciclos) - Estrada Pedreira-Vila Betânia, Santo Amaro

Colégio Estadual Dr. Alberto Conte - Pr. Floriano Peixoto, 73-Santo Amaro

Ginásio Santana - Rua Voluntários da Pátria, 2968, Santana

Colégio Estadual Fernão Dias Paes - Rua Pedroso de Moraes, 230 - Pinheiros

Colégio Estadual Antônio Firmino Preença - Rua da Mooca, 363

Colégio das Côrreges de Santo Agostinho - Rua Caio Prado, 232

Interior

Colégio Estadual do Instituto de Educação Conselheiro Rodrigues Alves - Rua Visconde de Guaratinguetá, 204 - Guaratinguetá

Colégio Estadual do Instituto de Educação de Jundiaí - Rua Barão de Jundiaí, 842 - Jundiaí

Colégio Estadual e Escola Normal Dr. Álvaro Guião - Praça Barão do Rio Branco, 2190 - São Carlos

Ginásio Estadual do Instituto de Educação Carlos Gomes - Largo das Andorinhas, s/n - Campana

Colégio Estadual do Instituto de Educação de Instituto de Educação Júlio Prestes de Albuquerque, - Av. Eugênio Salerno, 204 - Salerno

Colégio Estadual do Instituto de Educação de Socorro - Rua 15 de Novembro, 222 - Socorro

(*) A entidade mantenedora do Ginásio São Miguel Arcanjo (Congregação das Irmãs Francis Sarvas de Deus) requereu autorização para o funcionamento, ainda este ano, de outro estabelecimento: Ginásio Pio XII, já com classes experimentais.

3. ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (5)

- Colégio Americano
- Ginásio Estadual Presidente Roosevelt
- Ginásio do Instituto de Educação
- Colégio de Aplicação da Universidade do Rio Grande do Sul
- Ginásio Estadual Paula Soares

4. ESTADO DO RIO DE JANEIRO (1)

- Colégio Nova Friburgo
- Nova Friburgo

5. ESTADO DO CEARÁ (1)

- Ginásio Capistrano de Abreu

6. ESTADO DE MINAS GERAIS (1)

- Colégio Estadual de Uberlândia

PESQUISA SÔBRE CLASSES EXPERIMENTAIS

Dirigida pelo Prof. Jayme de Abreu, do C.B.P.E.

Dados coligidos

Instituto de Educação

Professôra coordenadora da classe experimental: Esther Mena Barreto Costa

- 1) Questionário da escola - Entrevista com a Diretora: 1
- 2) Entrevista com Professôres: 3
- 3) Questionário para os Professôres: 0
- 4) " " " alunos: 22
- 5) Rascunhos manuscritos para Relatórios: 1
- 6) Apontamentos manuscritos sôbre a visita do Dr. Jayme Abreu ao Instituto de Educação: 1
- 7) Impressões sôbre a classe especial: 1
- 8) Horário: 1

Outros dados

Matrícula da classe experimental - 30 alunas

11 anos: 27

12 " : 3

Número de professôras que lecionam na classe experimental: 11

Sexo: feminino

Formação: segue relação

Relação de Professôras das classes experimentais do Instituto de Educação, por ordem das disciplinas que lecionam.

PORTUGUÊS:

Esther Mena Barreto Costa

Curso Normal (4 anos) - pela Escola Complementar de P. Alegre - atual Inst. de Educ.

Registrada na cadeira de Português

MATEMÁTICA:

Ignês Iruleguy Mena

Curso Normal (4 anos) - pela Esc. Compl. de P. Alegre - atual Inst. de Educ.

Registrada na cad. de matem.

HISTÓRIA:

Helvécia Jrendene Arone - C

Curso de Geog. e Hist. pela Fac. Cat. de Filos.

Curso de Didát. da Fac. Cat. de Filos.

Curso sobre Hist. do Rio Grande do Sul pela
Secretaria de Educ. e Cultura
- Registrada nas cadeiras de Hist. e Geog. no
1º e 2º ciclo

GEOGRAFIA:

Zaira Acauan Severo

Curso Normal - pela Esc. Compl. de P. Alegre,
atual Inst. de Educação
Registrada na cadeira de Geog.

CIÊNCIAS:

Eivlys Helvécia Mabilde - Certificado de Registro:

Da Diretoria do Ens. Secund. - nº D - 2243 -
Ciências Físicas e Naturais - 1º ciclo.

Em 1/3/1947

Da Diretoria do Ensino Industrial - nº 7945 -
Psicologia Educacional - Metodologia - Hist.
da Indústria e do Ensino Ind. - Orien-
tação e Seleção Profissional - Curso
Pedagógico - Em 30/6/1956

DESENHO:

Cyra L. Reif - Diplomas:

Professor Primário - Curso de Aperfeiçoamento
da Es. Normal Flores da Cunha, atual
Instituto de Educ. - Curso Ginásial e
Inst. de Belas Artes, U.R.G.S.

MÚSICA

E

Suely de Abreu Lima - Instituto de Belas Artes de
Porto Alegre e Conservatório de Can-
to Orfeônico do Rio de Janeiro

RELIGIÃO

ATIVIDADES PRÁTICAS:

Isa Parreira - Instituto de Belas Artes - Curso In-
tensivo Expressão Criadora Infantil

FRANÇAIS

Linda Sukamy Ainhorn - Curso Normal - pela Esc. Nor-
mal Gal. Flores da Cunha atual Inst. de
Educ. - Certificados de exames de Li-
cença Ginásial - Diploma Superior de
Littérature Française - Concedido pela
"Aliança Française". - Diploma d'Etudes
Française - de la Faculté des Letres de
l'Université de Nancy. - Diploma Supérieur
de Langue et de Littérature Française -
de la Faculté des Letres de l'Université
de Nancy (classificada em 1º lugar entre
todos os candidatos do Brasil)
Registrada na cadeira de Francês

INGLÊS:

Méri Andrade Galant - Curso de Letras - Anglo Germâni-
cas da Pontifícia Universidade Cat. do
R.G. do Sul. - Curso de Didática da PUC.
Curso do Instituto Cultural Brasileiro
Norte-Americano - Curso de Conversação -
Instituto Cultural Brasileiro Norte-Ame-
ricano. - Curso de Hist. Americana Inst,
Cult. Bras. Norte-Americano. - Lower Cam-
bridge Course - Sociedade Bras. de Cult. Inglesa.

(' virar ')

EDUCAÇÃO FÍSICA-MARISA JUNG LOPES-- CURSOS: NORMAL- ESCOLA SUPE-
PERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA- CURSO DE RECREACIO-
NISTA- CURSO DA ESCOLA DE BAILADOS "BALET".
Nº DE REGISTRO-I463, EM EDUCAÇÃO FÍSICA:

Instituto de Educação

Relação das professoras que lecionam na classe experimental

- Português - Prof. Esther Mena Barreto Costa
Curso Normal (4 anos) pela Esc. Compl. de P. Alegre -
atual Inst. de Educ.
Registr. na cadeira de Português.
- Matemática - Prof. Ingês Iruleguy Mena -
Curso Normal (4anos) pela Esc. Compl. de P. Alegre -
atual Inst. de Educ.
Regist. na cadeira de Matemática.
- História - Prof. Heloécia *Freudone* Arone
Curso de Geog. e Hist. pela Faculdade Cat. de Filosofia
Curso de Didát. da Fac. Cat. de Filosofia
Curso sobre Hist. do R.G. do Sul pela SEC
Registr. nas cadeiras de Hist. e Geog. no 1º e 2º ciclo.
- Geografia - Prof. Zaira Acauan Severo Kúpke
Curso Normal - pela Esc. Compl. de P. Alegre, atual
Inst. de Educação
Registr. na cadeira de Geografia.
- Ciências - Prof. Eivlys Helvécia Mabilde
Certificado de Registro:
Da Diret. do Ens. Secund. - nº D-2243 - Ciências Físicas
e Naturais - 1º ciclo. Em 1/3/1947.
Da Diretoria do Ensino Industrial - Nº 7945 - Psicologia
Educativa - Metodologia - Hist. da Indústria e do Ens.
Industrial - Orientação e Seleção Profissional - Curso
Pedagógico - Em 30/6/1956.
- Desenho - Prof. Cyra L. Reif - Diplomas:
Prof. Primário - Curso de Aperf. da Esc. N. Flôres da Cunha, atual Inst. de Educ. - Curso Ginásial e Inst. de Belas Artes, URGs.
- Música e religião - Prof. Suely de Abreu Lima
Inst. de Belas Artes de P. Alegre e Conservatório de Canto Orfeônico do Rio de Janeiro.
- Atividades práticas - Prof. Isa Parreira
Inst. de Belas Artes - Curso Intensivo Expressão Criadora Infantil.
- FRANCÊS - Prof. Linda Sukany *frany* Ainhorn
Curso Normal, pela Esc. N. Gen. Flôres da Cunha atual Inst. de Educ. - Certificados de exames de Licença Ginásial - Diploma Superior de Littérature Française - Concedido pela "Alta-ça Française". - Diploma d'Etudes Française - de la Faculté des Lettres de l'Université de Nancy. - Diploma Supérieur de Langue et de Littérature Française - de la Faculté des Lettres de l'Université de Nancy (classificada em 1º lugar entre todos os candidatos do Brasil) - Regist. na cad. de Fr.
- Inglês - Prof. *Mari* Andrade Galant - Curso de Letras - Anglo Germanicas da PUC do R.G. do Sul - Curso de Didát. da PUC do RGS - Curso do Inst. Cult. Norte-Americano Curso de Conversação - Inst. Cult. Norte-Americano - Curso de História Americana Inst. Cult. Bras. Norte-Americano. Lower Cambridge Course - Socied. (virar)) Brasileira de Cultura Inglesa.

EDUCAÇÃO FÍSICA - MARISA JUNG LOPES - CURSOS: NORMAL - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA- CURSO DE RECREACIONISTA-
CURSO DA ESCOLA DE BAILADOS "BALET".

Nº DE REGISTRO - 1463, EM EDUCAÇÃO FÍSICA.

RELAÇÃO DE PROFESSORAS DAS CLASSES EXPERIMENTAIS DO
GIN. DET. " PIO XII ", POR ORDEM DAS DISCIPLINAS QUE LECIONAM.

PORTUGÊS:

Maria da Conceição Ramos.

Disc. em que é regist. - Port., Latim e Grego.

Cursos que possui - Letras Clássicas.

FRANCÊS:

Aglaé Mercia Leal

Disc. em que é regist.- Francês

Cursos que possui- Bacharelato e Licenci. em Línguas Neolatinas.

Insiá Salerno Dariano

Disc. em que é regist.- Francês, Lat., Espanhol

Cursos que possui- Licenci. em Línguas Neolatinas.

INGLÊS

Lilian Fritscher

Disc. em que é regist.- Ing., Latim, Port.

Cursos que possui- Línguas Anglogermânicas, Didática da Fac. de Filos.,
Aperf. de Ing. nos EE.UU.

Maria Zita Englert

Disc. em que é regist.- Ing., Lat., Port.

Cursos que possui- Letras Anglogermânicas

MATEMÁTICA

Irene Rodrigues Corrêa

Disc. em que é regist.- Mat., Fís., Desenho

Cursos que possui- Co pl., Bach. e Licenci. em Matem.

Sylvia Vaz da Silva

Disc. em que é regist.- Mat., Hist. Ger. e do Brasil, Filos.

Cursos que possui- Licenci. em Pedagogia

CIÊNCIAS

Ione Rangel de Castro

Disc. em que é regist.- Ciênc. Nat. e Mat.

Cursos que possui- Fac. de Filos. da PUC

Weyde Gauland D'Ávila

Disc. em que é regist.- Hist. Nat.

Cursos que possui- Hist. Nat. e Didática

HISTÓRIA

Lidia Benício da Fonseca

Disc. em que é regist.- Hist. e Geog.

Cursos que possui- Form. de Magist. Prim., Licenci. em Hist. e Geog.,
Filosofia.

Ursula Liselotte Schmidt

Disc. em que é regist.- Hist. e Geog.

Cursos que possui- Hist. e Geog. pela URG

GEOGRAFIA

Marila Fay de Azambuja

Disc. em que é regist. - Geog. E Hist.

Cursos que possui- Geog. e Hist. Fac. Cat. de Filos.

ARTES

Benie Vasconcellos Caminha Muniz

Disc. em que é regist.- Desenho

Cursos que possui- Artes Plásticas, Didática

Francisca Rolla Duarte

Disc. em que é regist.- Desenho (1º e 2º ciclos) Tr. Man. (1º Ciclo)

Cursos que possui- Artes Plásticas (IBA), Espec. em Des. e Artes Apl.,

CANTO ORFEÔNICO

Eunice Nielsen Zani

Disc. em que é regist.- Canto Orf.

Cursos que possui- Gin., Norm., Sup. de Piano, Canto Orf., Arte Infantil e Harmonia (sup.)

Ida Francisca Paolini

Disc. em que é regist.- Mus. e Canto Orf.

Cursos que possui- Curso Sup. de Mus., Piano (IDA), Espec. em Canto Orf.- Cons. Nac.

EDUCAÇÃO FÍSICA

Ademira Tagliari Crusius

Disc. em que é regist.- Ed. Fís.

Cursos que possui- Esc. Sup. de Ed. Fís.

HISTÓRIA

E

Luzia Mello

GEOGRAFIA

Disc. em que é regist. - Hist. e Geografia

Cursos que possui - Hist. e Geog. - Didática

Thays Antunes Casagrande

Disc. em que é regist. - Geog. Geral do Brasil e Hist. Geral

do Brasil

Cursos que possui - Geog. e Hist. - Didática (Fac. Cat. de Filos)

COLEGIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA URS.

PROFESSORES DAS CLASSES EXPERIMENTAL

1ª SÉRIE - 1959

SÉRIE	MATERIA	PROFESSOR	FACULDADE	CURSO	Nº REG.
1ª	Português	Cleia Viana	Fac.Filosofia	Neolatinas	F-8161
1ª	Matemática	Maria Albina Gomes	"	Matemática	-
1ª	Francês	Iolanda Dipe	"	Neolatinas	F- 4533
1ª	Inglês	Vera Veríssimo	"	A.Germânicas	-
1ª	História	Elita Copstein	"	História	F - 5634
1ª	Geografia	Miriam R.L.Saraiva	"	Geografia	F. 7945
1ª	Ciências	Lélia C. Hilgert	"	H.Natural	-
1ª	Artes	Maria Annita Linck	Inst.B.Artes	Artes	-
1ª	Canto	Oscar Zander	Inst.B.Artes	Aperf.na Alemanha	-

1ª SÉRIE - 1960

SÉRIE	MATERIA	PROFESSOR	FACULDADE	CURSO	Nº REG.
1ª	Português	Rebeca Poyastro	Fac.Filosofia	Neolatinas	-
1ª	Matemática	Vera Vizeu	"	Matemática	-
1ª	Francês	Iolanda Dipe	"	Neolatinas	F.4533
1ª	Inglês	Lilian Fritscher	"	A.Germânicas	-
1ª	História	Elita Copstein	"	História	F.5634
1ª	Geografia	José A. Moreno	"	Geografia	-
1ª	Ciências	Lélia C.Hilgert	"	H.Natural	-
1ª	Artes	Maria A.Linck	Inst.B.Artes	Artes	-
1ª	Canto	Adelheide Bantel	Fac.Filosofia	Música e Geografia	-

2ª SÉRIE - 1960

2ª	Português	Donaldo Schüller	"	Clássicas	-
2ª	Matemática	Maria Albina Gomes	"	Matemática	-
2ª	Francês	Iolanda Dipe	"	Neolatinas	F.4533
2ª	Inglês	Lilian Fritscher	"	A.Germânicas	-
2ª	História	Elita Copstein	"	História	F.5634
2ª	Geografia	Miriam R.L.Saraiva	"	Geografia	F.7945
2ª	Ciências	Lélia C.Hilgert	"	H.Natural	-
2ª	Artes	Maria A.Linck	Inst.B.Artes	Artes	-
2ª	Canto	Adelheide Bantel	Fac.Filosofia	Cursos de Música e Geo grafia.	-

COLÉGIO AMERICANO

1885 - 1955

DR. LAURO OLIVEIRA, 71
PORTO ALEGRE — R. G. DO SUL
CAIXA POSTAL 637

= CLASSE EXPERIMENTAL =

= CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO - ANO LETIVO DE 1959 =

M A T É R I A	NOME DO PROFESSOR	CURSOS E TÍTULOS QUE POSSUE
EDUCAÇÃO FÍSICA	ANTONIA SETTZ PETZOLD	Curso da Escola Superior de Educação Física. Aperfeiçoamento em danças e bailados clássicos, na Europa. Registro nº 24125.
RECREAÇÃO DIRIGIDA	DONNA JANE MAC MURRAY	Musigan College - Ohio, USA
I N G L Ê S	EDLA MEDEIROS PEREZ	Cursos de: Economia Doméstica - Extensão Universitária de Frances, na URGs. - Madureza, no Colégio Bennett, Rio de Janeiro. - Orientação Educacional, URGs, em fase de conclusão. - Língua Francesa e Literatura Francesa, na Aliança Francesa, RS. - Registro nº D-1351
CIVISMO	GLADYS BROMBERG	Curso Normal do Colégio Americano. Curso de Orientadora Educacional, na URGs, em fase de conclusão.
MATEMÁTICA	MARIA DIAS FERREIRA	Bacharel em Matemática pela URGs. - Licenciada em Matemática pela FUC - Registro nº F-7523
CLUBE DE CIÊNCIAS	NELY FERRARI	Licenciada em Química pela URGs. - Curso de Extensão nos EUA. - Peabody College, Nashville, Tennessee. - Membro da Comissão da Reforma da Escola Normal "Carmen Chacon" - Diretora da Escola Normal "Carmen Chacon". - Diretora do Curso de Economia do Lar - Curso de Aperfeiçoamento em Química - Ministério Educação e Cultura - CADES - Rio de Janeiro - Registro nº F-4015
PORTUGUÊS e ESTUDOS SOCIAIS	SARAH MEDEIROS GAVIOLI	Curso de Madureza, Universidade, SP. Curso Normal no Colégio Batista de São Paulo. - Curso de Especialização em História e Geografia e Literatura, anexo a Universidade de S. Paulo. Registro 20877
EDUCAÇÃO RELIGIOSA - COORDENAÇÃO DOS TRABALHOS	SÔNIA JAEGER	Licenciada em Pedagogia - PUC-RS. Curso para Orientadores Educacionais PUC-RS. - Membro da Comissão da Reforma da Escola Normal "Carmen Chacon" - Orientadora Educacional do curso do 2º ciclo, do Colégio Americano. - Registro nº F-5978
ARTES PLÁSTICAS	ZELY GEYER BELANÇA	Curso de Artes Plásticas - Trabalhos Manuais - Desenho - Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul - Licenciada em Desenho pela URGs. Registro nº D-18022



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Professôres que participaram da "Classe Experimental " em 1959, com os respectivos títulos.

Ginásio Estadual Infante Dom Henrique"

Português- Sara Bueno

Licenciada em Letras Neo- Latinas

Matemática e Orientação Educacional- Maria Ineressa Leindecker

Curso de Formação de Professôres Primários

Licenciada em Pedagogia

Curso de Orientação Educacional

História- Dalva Gomes Martins

Curso Normal

Registro de Professor de História

Geografia - Nilma Brzinska

Curso Normal com Aperfeiçoamento

Curso Superior de Educação Física

Licenciada em História e Geografia

Ciências - Alzira Bán

Licenciada em História Natural

Desenho- Isa Bins Parreira

Curso de Artes Plásticas do I.B.A.

Educação Física- Nelci Schimitt

Curso Normal

Curso Infantil de Educação Física

Curso Superior de Educação Física

Francês- Lucy Vincent Berthier Brasil

Licenciada em Letras Neo- Latinas

Inglês- Laura Lopes Candelot

Curso Complementar

Registro de Inglês

Trabalhos Manuais- Maria Guilhermina Vianna

Registro em Trabalhos Manuais

Música- Anita Scotto da Silveira

Curso Normal

Curso de Piano

Curso de Aperfeiçoamento com o Maestro Villa Lobos no Rio de Janeiro.

M. Indalor
Dirutora

Assunto:

THE RIO DE JANEIRO - Instrução sobre
a natureza e a organização do trabalho
ministrado.

Ficha 5

N. Protocolo

3 0-7.
18.7.58.

Procedência:

Dir. Ins. Secundário
Cartão - 17.7.58.

Referência:

Dir. Ins. Secundário - Dir. do Ins. Secundário

Andamento:

Dir. - 18.7.58. -



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO

M. E. C.
INSTITUTO NACIONAL
EX 31 D. 00 COS
18 JUL 1958
P. M. O. C. O. L. O.
Nº 3847/58

CPPE

Com os cumprimentos de

À Sr. Jayme Abreu
para publicar na Revista
do Inep com um comentário
sua

17/7/58

M. L. A.

Gilvane

C. B. P. E.
ENTRADA
18 JUL 59
Nº 1917/58

Gildásio Amado
Diretor do Ensino Secundário

S. J. S.

INSTRUÇÕES SOBRE A NATUREZA E A
ORGANIZAÇÃO DAS CLASSES EX-
PERIMENTAIS

Tendo o Senhor Ministro da Educação e Cultura homologado os pareceres nº 31/58, do Conselho Nacional de Educação e nº 77/58, da Consultoria Jurídica do Ministério, poderão ser organizadas classes experimentais do curso ginasial ou colegial, para funcionamento a partir de 1959, atendidos os requisitos constantes da exposição demotivos da Diretoria do Ensino Secundário e dos pareceres acima citados.

2. As classes experimentais têm por objetivo ensaiar a aplicação de métodos pedagógicos e processos escolares bem como de tipos de currículo compatíveis com a legislação do ensino médio. Vêm sendo reclamadas constantemente pelos educadores brasileiros como medida da maior necessidade diante das perspectivas diversificação do ensino secundário já prevista nos projetos de Lei em curso no Congresso Nacional, sob a forma de disciplinas optativas ou da própria ramificação dos cursos do primeiro e do segundo ciclo.

3. São características das classes experimentais:

- a) aplicação de métodos e processos de ensino bem como o ensaio de novos tipos de currículo;
- b) organização em colégios de idoneidade incontesteável e de condições pedagógicas que possibilitem a experiência, sendo particularmente indicados para isso o Colégio Pedro II e os Colégios de Aplicação das Faculdades de Filosofia;
- c) organização inicial para o primeiro ciclo, podendo porém, estenderem-se, a juízo do Ministério, ao segundo;
- d) experiência inicial com um número mínimo de classes (uma por série, começando da primeira), podendo ser ampliada depois de verificados os resultados;
- e) prévio consentimento dos pais ou responsáveis dos alunos matriculados, depois de convenientemente esclarecidos;
- f) professores especialmente credenciados;
- g) assistência especial da Diretoria do Ensino Secundário;
- h) prévia autorização do Ministério da Educação e Cultura, através da Diretoria do Ensino Secundário, depois de ouvido o Conselho Nacional de Educação;
- i) número reduzido de estabelecimentos nos quais se vão instalar.

4. As classes experimentais deverão ser organizadas atendendo, entre outras, às seguintes normas gerais:

- a) na organização dos currículos, ter-se-à em vista não a especialização nesta ou naquela direção de estudos, mas a preparação geral com um sólido conteúdo de formação humana e maiores oportunidades de atendimento das aptidões individuais;
- b) maior articulação do ensino das várias disciplinas e maior coordenação das atividades escolares;
- c) número máximo de trinta alunos em cada classe, para que o ensino se possa adaptar melhor a cada aluno;
- d) o número de professores nas classes iniciais do ginasio poderá ser reduzido para evitar os inconvenientes da transição brusca do regime primário para o secundário. Os professores terão assim convívio mais demorado com os alunos, podendo melhor examinar-lhes as tendências e exercerem uma orientação mais eficiente;
- e) reuniões periódicas dos professores de cada classe para a apreciação da classe nos seus aspectos psicológicos e sua melhor e mais homogênea orientação pedagógica;
- f) possibilidade de opções que correspondam às aptidões dos alunos;
- g) acentuação da função educativa da escola, oferecendo para isso oportunidade aos alunos de maior permanência diária na escola e de participação nas atividades extracurriculares; (*extra-classe*);
- h) atividade dirigida, planejada de modo que o aluno dela possa participar ativamente, para adquirir seu método próprio de trabalho e hábitos de vida conscientes e dinâmicas;
- i) articulação mais estreita entre professores e pais, tão necessária para a harmonia que deve existir entre a obra educadora da escola e da família.

5. A transferência de alunos de um para outro estabelecimento, em meio de curso, será feita nos termos do Decreto 34.330 ou, quando o estabelecimento de destino puder atender ao aluno, mediante cursos de adaptação das disciplinas que não tiverem sido estudadas no estabelecimento de origem. Tendo em vista que o Decreto acima citado não permite a transferência de alunos no decorrer do ano letivo, deve evitar-se a matrícula em classes experimentais de alunos cujos pais ou responsáveis estejam sujeitos a remoções ou transferências mais ou menos imprevistas.

6. O certificado de conclusão de curso dos alunos das classes experimentais é o mesmo expedido para os demais alunos do curso ginasial ou colegial.

7. Dada a natureza da escola secundária e o número limitado de estabelecimentos que poderão realizar a experiência, será dada preferência às classes experimentais cujo funcionamento transcorra em horário integral e só excepcionalmente será permitida a organização de classes em turno noturno.

COMO ORGANIZAR CLASSES EXPERIMENTAIS

8. O pedido para funcionamento de classes experimentais deverá ser apresentado até o último dia de agosto à Inspetoria Secional a cuja jurisdição pertencer o estabelecimento, acompanhado dos seguintes elementos:

a) objetivos da experiência, sua fundamentação, conveniência, exequibilidade e demonstração da impossibilidade de realizá-la dentro do regime normal de funcionamento do curso ginasial ou colegial;

b) características principais da experiência, atendendo a todos ou a alguns dos seguintes itens:

- I - currículo
- II - horário
- III - organização do corpo docente
- IV - seleção dos alunos
- V - verificação do rendimento e condições de aprovação dos alunos
- VI - atividades complementares
- VII - métodos e processos de ensino
- VIII - orientação educacional
- IX - atendimento das diferenças individuais
- X - ajustamento de alunos transferidos
- XI - orientação de alunos excepcionais
- XII - previsão do desenvolvimento
- XIII - aferição final dos resultados da experiência

c) o plano deverá ser elaborado por uma comissão de três professores presidida pelo Diretor; quando houver congregação será aprovado por ela; quando se tratar de estabelecimento oficial, deverá ser aprovado pela autoridade educacional a que estiver subordinado;

d) o plano deverá ser feito para execução em um período de quatro anos no curso ginasial, correspondendo ao curso completo dos que iniciarem a experiência, devendo as modificações que se fizerem necessárias serem propostas anualmente juntamente com o relatório do desenvolvimento da experiência;

e) a experiência poderá atingir a qualquer aspecto da vida escolar, devendo ser considerados os diferentes aspectos do atual curso secundário que têm sido susceptíveis de críticas, en

tre os quais podem ser citados os seguintes:

- pequena duração do ano letivo
- número excessivo de disciplinas ministradas no ano escolar
- falta de flexibilidade
- ensino verbalista
- dissociação nas necessidades e interesses do aluno
- excesso de provas
- supervalorização das notas
- falta de articulação com o ensino primário e superior

e ainda outros.

9. Só Será permitido o funcionamento de classes experimentais em estabelecimentos que mantenha orientação educacional.

10. Ao receber o pedido de funcionamento de classes experimentais formulado por um estabelecimento de ensino, a Inspeção Seccional solicitará da Diretoria do Ensino Secundário a designação do educador que deverá acompanhar a experiência. Caso o estabelecimento deseje, a designação do educador poderá ser feita antes da apresentação do plano para que nele já colabore o educador indicado pela Diretoria do Ensino Secundário.

11. Ao parecer apresentado pelo educador incumbido de acompanhar a experiência, poderá a Inspeção Seccional acrescentar informações quanto ao funcionamento da instituição, à formação pedagógica de seu corpo docente e administrativo, às demais condições educacionais que indicam ou contra-indicam a realização da experiência e outros esclarecimentos úteis para o julgamento do pedido.

12. Apresentado o plano à Diretoria do Ensino Secundário, desde que esta o julgue em condições de ser aprovado, submetê-lo-á à apreciação do Conselho Nacional de Educação.

13. Poderão funcionar em 1959, as classes experimentais a cujo funcionamento o Conselho Nacional de Educação se manifeste favoravelmente até 31 de janeiro daquele ano.

O presente roteiro foi elaborado tendo em vista as tendências no sentido da renovação dos métodos e processos de ensino e educação que vêm sendo advogadas mais insistentemente entre nós.

Ele não pressupõe, contudo, a aceitação do que possa ser considerado uma doutrina pedagógica ou didática, nem seus vários tópicos, que devem ser considerados meramente indicativos, pretendem ~~xxxxxxx~~ ~~xxxxxxxxxxx~~ compendiar uma concepção do que deva ser a escola secundária.

Mas, para melhor ficar assegurada o entendimento dos tópicos relacionados e, em consequência, a necessária unidade de atitude na observação das classes experimentais, é conveniente que o encarregado da observação consulte, se julgar necessário, os textos correntes sobre didática moderna.

A título de exemplos, citamos os seguintes: Luiz Alves de Mattos, "Sumário de Didática Geral" (Rio, Editora Aurora, 1957) , Imideo Giuseppe Nerici, "Didática Geral" (São Paulo, Editora Brasil, 1959). Subsidiariamente, podem ser consultados ainda: Lourenço Filho, "Introdução à Escola Nova" (Cia. Melhoramento de São Paulo, várias edições), A. M. Aguiar, "Didática da Escola Nova" (Editora Nacional, São Paulo, várias edições), Teobaldo Miranda dos Santos, "Noções de Didática Geral" (São Paulo, Editora Nacional, 1956, segunda parte).

- ~~Em que medida~~ Há a preocupação de contínua avaliação, pelos professores, dos resultados da aprendizagem?

- Que processos são seguidos para o controle dos resultados da aprendizagem?

- Que extensão tem o emprego de medidas objetivas de aprendizagem?

- Os processos de medida do rendimento escolar adotados se mostram adequados?

- Como é tratado o problema da disciplina?

- As classes experimentais visam, de modo específico, a resolver problemas de disciplina ocorrentes nas classes comuns? Quais são estes?

- Problemas imprevistos de disciplina têm afetado as classes experimentais? Quais?

- Há serviço organizado de orientação educacional? Como funciona? Que resultados vem obtendo?

- A que objetivos essenciais visa a orientação educacional?

- Cuida a orientação educacional somente de alunos problemas, ou visa aos alunos de modo geral?

- Há preocupação de orientação profissional? (classes de segundo ciclo).

- Há encarregados especiais da orientação educacional? Que participação e responsabilidade têm, na orientação educacional, os professores e a direção da escola?

- Que utilização vêm tendo as atividades da orientação educacional na vida escolar?

- Aproxima-se o serviço de orientação educacional da linha dos movimentos americanos de "counseling psychology", em que, muito mais do que conselhos, se busca despertar uma auto-direção do indivíduo, fazendo-o descobrir e usar seus dotes naturais, tomar ciência das fontes de treinamento disponíveis, de modo a tirar o máximo proveito para si e para a sociedade?

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DAS CLASSES EXPERIMENTAIS

Original e 4 cópias

I - Durante dois dias, no mínimo, o observador deve acompanhar os trabalhos ~~escolares~~, desde o seu início ao seu término, registrando minuciosamente ~~o~~ seu desenvolvimento e fazendo as observações pertinentes.

II - Durante esses dois dias, assim como em outras oportunidades destinadas à observação de aspectos especiais dos ~~trabalhos~~ escolares, o observador deverá considerar particularmente os seguintes aspectos, entre outros:

- Predominam no trabalho didático os objetivos previamente fixados pelo professor, ou há aproveitamento dos objetivos imediatos dos alunos? Como se conciliam as duas coisas?

- Os objetivos do professor são formulados em termos de conteúdos de matéria, ^{lógicamente organizados} ou em termos de formas de comportamento dos alunos? No caso desta última hipótese, como se assegura que haja efetivo domínio de informações e conhecimentos?

- ~~Em que medida~~ o trabalho escolar obedece ao objetivo de desenvolver a capacidade de iniciativa individual?

- ~~Em que medida~~ há a preocupação de desenvolvimento social dos alunos?

- Que meios se empregam para socializar e integrar o educando na comunidade?

- A atuação dos professores obedece a um planejamento didático satisfatório?

- Que modalidades de atividades constituem o planejamento didático?

- Quais são os programas de ensino adotados: os oficiais, programas elaborados pela direção da escola, ou pelos professores?

- Os professores elaboram planos de cursos? ^{Individualmente? Em conjunto?}

- Há planejamento de partes do programa (unidades)?

- Os professores elaboram planos de aula?

- Como é cominciado etc . . .



x. Será o aluno a dizer "eu não sei" ou "eu não entendi"?

- Considerações*
- Como é ~~tratado~~ o problema da ~~distinção~~ motivação?
 - Em que medida são aproveitados os interesses espontâneos e a experiência do aluno como pontos de partida para a aprendizagem?
 - Que uso fazem os professores das modalidades de motivação negativa?
 - Que técnicas de motivação positiva são preponderantemente usadas?
 - Que oportunidades se oferecem para a manifestação e desenvolvimento de aptidões individuais?
 - Predomina o sentido de emulação ou de cooperação entre os alunos?

- Parece uma planície de escola ativa? Aproximada de que níveis?

- Que técnicas de ensino são empregadas com preponderância?
- Que particularidades as classes apresentam em relação às técnicas de ensino?
- Os professores se mostram suficientemente hábeis e experimentados no emprego de técnicas de ensino variadas e adaptadas às ocasiões?
- Que oportunidades se oferecem para trabalhos individuais e em grupos dos alunos?
- Quais as principais modalidades de atividades individuais e coletivas dos alunos?
- Qual o critério preponderantemente seguido para a constituição de grupos de trabalho (agrupamento homogêneo/ segundo aptidões/ ou aproveitamento, agrupamento por interesses espontâneos, etc.)
- Se há estudo dirigido, ^{com o aluno} em que medida visa êle ao objetivo de individualização do ensino?
- E a que objetivo principal visa êle: desenvolver hábitos de estudo ou pesquisa ou organização de conteúdos?
- Que problemas se têm oferecido em relação a compêndios e livros-fonte, e como têm sido resolvidos?
- Para que disciplinas há salas ambientes, como estão organizadas e como vêm sendo utilizadas?
- Quais as disponibilidades de meios audio-visuais, e como têm sido utilizadas?
- ^(São suficientes as) ~~Quais as~~ disponibilidades bibliográficas? Como têm sido utilizadas?
- Em que medida o ensino das diversas disciplinas é ~~coordenado~~ ^{coordenado} e de que modo se promove essa coordenação?
- Em que medida é atingido o objetivo de organização e integração da aprendizagem?
- Quais as formas e técnicas adotadas para integração e fixação da aprendizagem?

- Como é tratado o problema da motivação?
- Em que medida são aproveitados os interesses espontâneos e a experiência dos alunos como pontos de partida para a aprendizagem?

Rio de Janeiro,
16 de junho de 1959

Ilmo. Sr.
Artur F. Byrnes
International Cooperation Administration
United States of America
Operation Mission-Po. Brazil Point Four
Av. Marechal Canara, 350 - 8º andar
M e s t a

Ref.: Projeto CBPE: Classes Secundárias Experimentais.

Tenho a satisfação de anexar, para o seu conhecimento, cópia de expediente que nos está endereçando a Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Nele é exposto o desejo de contar, por intermédio desse serviço, com a cooperação de perito norte-americano em construção de currículo para a escola secundária.

Esse perito deveria estar no Brasil por março de 1960 e permanecer aqui o tempo necessário ao desempenho das seguintes tarefas, para as quais receberia a assistência necessária do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais:

a) curso de conferências no Rio de Janeiro e em São Paulo sobre os fundamentos, organização e resultados da experiência norte-americana em matéria de currículos na escola secundária;

b) visita de observação às escolas brasileiras que estão realizando essa experiência, com elaboração posterior de relatório a respeito, com as críticas e sugestões pertinentes.

Essas conferências e esse relatório deveriam ser publicados pelo CBPE integrando a série editorial "Currículos, Métodos e Programas".

Convém salientar que o CBPE, pela sua DPEP, já vem realizando estudo preliminar sobre essas classes secundárias experimentais no Brasil, que facilitara bastante a tarefa do especialista visado para 1960.

Na expectativa de que o assunto, pela importância que encerra, mereça desse serviço toda cooperação possível, na oportunidade, firmo-me,

Atenciosamente,

Anísio S. Teixeira
Diretor-Geral do CBPE-INEP

Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1959

Ilm^o Sr.

Professor Oswaldo Vieira Gonçalves
DD Diretor do Colégio Estadual de
Uberlândia

Prezado Professor,

Antes de tudo deve-lhe apresentar minhas desculpas por somente hoje estar escrevendo ao senhor. Mais cedo não o fiz devido as ocupações numerosas, as quais, contudo, não me levaram a esquecer-me da obrigação em que estava de escrever-lhe, isto não somente para expressar meus agradecimentos pela gentil acolhida que o senhor me proporcionou quando de minha presença aí, como também para enviar-lhe, conforme prometi, o meu trabalho sobre cursos noturnos. Este segue anexo e com o único objetivo de tornar presente ao senhor as sugestões que nele se contêm sobre esse assunto a respeito do qual conversamos. Não tem ele nenhum mérito intrínseco, mas ficaria eu muito satisfeito se da benevolente leitura que o senhor fizesse algo de útil pudesse resultar no sentido da realização de um curso noturno aí no Colégio de Uberlândia, conforme é seu desejo.

Nesta oportunidade, desejo-lhe manifestar meus votos no sentido de que tenham continuado com o mesmo ritmo os trabalhos das classes experimental e de todo esse Colégio que o senhor dirige com tanto carinho e competência. Sobre a classe experimental, aguardo a remessa pelo senhor dos questionários que aí deixei, o que desde já agradeço muito penhorado.

Fazendo votos de saúde para o senhor e sua família, aqui fica o

Admirador cordial,

Geraldo Bastos Silva

Em 22 de outubro de 1959

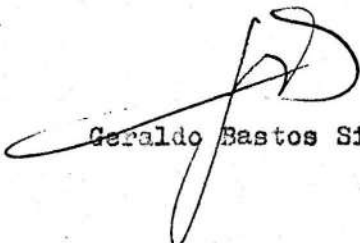
Ao Senhor Coordenador da DEPE

Comunico-vos que de acôrdo com vossas determinações e para o fim de execução do projeto CBPE-80-DEPE-14/59, viajarei no próximo dia 28 dêste, 4ª feira, para Uberlândia, Minas Gerais, a fim de observar o funcionamento da "classe experimental" do Colégio Estadual aí situado.

Esclareço que minha chegada àquela cidade se fará no mesmo dia, ao fim da tarde, devendo dedicar dois dias - 5ª feira, 29, e 6ª feira, 30 - ao objetivo que motiva a viagem.

Solicito vossas providências no sentido de requisição de passagem aérea pela REAL, Rio-Uberlândia, ida e volta, via Belo Horizonte, assim como de me ser feito adiantamento para despesas de locomoção e estadia.

Atenciosamente,



Geraldo Bastos Silva

U R G E N T E

INSPECTOR SECCIONAL LAURO OLIVEIRA LEHA
RUA BARÃO RIO BRANCO 1204 2º ANDAR
FORTALEZA CIARA

190 30 11 59

REITERO PEDIDO RESPOSTA URGENTE MINHA CARTA DOIS OUTUBRO pt
SAUDAÇÕES GERALDO BASTOS SILVA

Gerardo Bastos L. (DEPE)



Rio de Janeiro
29 de junho de 1959

Sr. Diretor-Executivo do
C B P E

Projeto CBPE-DEPE- 80-14/59
"Classes Secundárias Experimentais".

Estamos encaminhando, para os devidos fins, descrição sumária e o orçamento de despesas do projeto supra-mencionado, da DLPE.

Objetivos - Visa o mesmo a uma caracterização, interpretação e análise crítica de como se vem montando no Brasil as "classes secundárias experimentais".

O universo da investigação será total, isto é, abrangerá as 34 escolas que realizam no Brasil a experiência, no Distrito Federal, São Paulo, Rio Grande do Sul, Estado do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Ceará.

Como tópicos a constarem do relatório final figuram:

1 - Caracterização da organização, objetivos e clientela da escola secundária brasileira (Reformas Rocha Vaz - Francisco de Campos e Gustavo Capanema).

2 - Breve caracterização das "Classes nouvelles" na França. A escola secundária norte-americana - A escola secundária inglesa.

3 - Origens legais das classes secundárias experimentais no Brasil. A iniciativa da Diretoria do Ensino Secundário. A posição jurídica e pedagógica do Ministério da Educação e Cultura.

4 - Características básicas, gerais da organização das classes secundárias experimentais em São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Ceará.

5 - Filosofia educacional subjacente às iniciativas. Currículos. Programas, Métodos e Técnicas. Instalações e equipamento. A clientela escolar. Direção, Disciplina e assistência à experiência. Previsão. Custo de sua manutenção.

6 - As diretrizes educacionais prevaletentes na experimentação em curso. Pontos de semelhança e dissimelhança. Perspectivas da experiência em relação à educação nacional. Seus pontos fortes e fracos. Adequação à conjuntura educacional brasileira.

Métodos de trabalho - Essas escolas serão observadas diretamente, em seu funcionamento, pelos Profs. Geraldo Bastos Silva e Jayme Abreu, estando assentado, em princípio que o primeiro observará as do Distrito Federal, Estado do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Ceará e o segundo as de São Paulo e Rio Grande do Sul. Preve-se, no caso de São Paulo e talvez em mais algum outro que haja casos de delegação de tarefas, controladas por parte dos coordenadores do projeto.

Serão realizadas entrevistas com roteiro pré-estabelecido, aplicados questionários e realizada observação pessoal, direta, no curso do trabalho.

Duração do projeto - Estima-se o prazo até 31 de dezembro próximo vindouro para elaboração do relatório final do projeto.

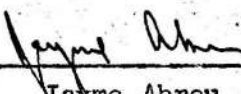
Orçamento do projeto - As despesas previstas no projeto, até entrega do relatório final são as seguintes, que deverão ser empenhadas no Orçamento da DEPE, para 1959 - Novos projetos - :

Despesas de passagens e de manutenção.....	R\$ 65 000,00
Tarefas de terceiros.....	R\$ 35 000,00
T o t a l.....	R\$ 100 000,00

A previsão de viagens abrange as viagens necessárias a São Paulo, (Capital e Interior) Porto Alegre, Belo-Horizonte, Fortaleza, Estado do Rio de Janeiro (Friburgo).

Estamos solicitando de V.Sa autorização de empenho da verba aqui pedida para este projeto, que estamos enviando a V.Sa com cópia para a contabilidade, para os devidos fins.

Atenciosamente,



Jayme Abreu
Coordenador da DEPE do CBPE

1959

1960

CBPE

Nº - 20/59

GUIA DE RECOLHIMENTO

CREDITE CONTA 215

R\$ 2.800,00

O Sr. GERALDO BASTOS SILVA - PESQUISADOR

recolheu à Caixa a importância de Dois Mil e Oitocentos Cruzeiros

proveniente de adiantamento de nº 121 de 23/10/59 para atender suas despesas em Uberlândia - Minas Gerais, a serviço do projeto "CALSES SECUNDÁRIAS EXPERIMENTAIS".

VISTO

EPM
Chefe dos S. A.

Rio de Janeiro, 5 de novembro de 19 59

Jenny Lina Boulton
O Caixa

Diário Escolar

EDUCAÇÃO E CULTURA — JORNAL UNIVERSITÁRIO DE 1959

Classes Experimentais Serão Organizadas Nos Colégios Militares Visando Renovação

Em editorial da revista «Subsídios Pedagógicos», órgão da Diretoria Geral do Ensino do Ministério da Guerra, intitulado «Classes Experimentais», estão lançadas as bases da experiência que será realizada no corrente ano, nos colégios militares, visando, pela renovação pedagógica a melhoria do ensino.

«Autorizada pelo Estado-Maior do Exército, a Diretoria-Geral do Ensino pôs em curso providências no sentido de serem organizadas, nos Colégios Militares, em 1960, as «classes experimentais». Com esta iniciativa o Exército demonstra, mais uma vez, o seu interesse por tudo o que possa significar renovação pedagógica visando à melhoria do ensino.

Neste editorial propomos-nos focalizar essas classes, o seu significado e a sua importância. Em 1958, o Conselho Nacional de Educação aprovou proposta do ministro da Educação e Cultura para que determinados estabelecimentos de ensino, de reconhecida idoneidade, fossem autorizados a realizar, em classes especiais, experiências sobre currículos, sobre programas e sobre métodos. E já em 1959 vários colégios se valeram dessa autorização e deram início a seus experimentos, organizando as chamadas «classes experimentais», segundo as instruções especiais que o MEC baixou, regulamentadoras do assunto.

Com esta iniciativa das autoridades máximas do ensino no país — ministro da Educação e Conselho de Educação — ficaram os educadores brasileiros, afinal, em condições de quebrar, em parte, a extrema rigidez da atual Lei Orgânica do Ensino Secundário quanto a currículo e programas. Há muito que as mais esclarecidas e autorizadas inteligências brasileiras reclamam contra esta rigidez que impõe, irracionalmente, a todos os colégios do país, sejam os de uma grande cidade industrial como São Paulo, sejam os de regiões pastorais e agrícolas do interior, as mesmas disciplinas, a mesma seqüência, o mesmo número de horas para cada disciplina, os mesmos programas!

Agora, através das «classes experimentais», abre-se uma fresta nesse alto e largo muro de prescrições niveladoras e uniformizadoras, e já será possível a cada educador, atendendo-se embora à lista de disciplina do currículo legal, introduzir no ensino, pela seqüência que lhe pareça melhor, pelo programa que considere mais pertinente, a marca das suas concepções e da sua experiência.

Pelo plano elaborado para os Colégios Militares, por exemplo, os alunos estudarão, no ginasial, cinco matérias nas 1ª e 2ª séries e seis matérias nas 3ª e 4ª séries. Na 1ª série estudarão: Português (4 horas por semana), Francês (4 horas), Matemática (4 horas), Geografia Geral (4 horas) e Desenho (3 horas). Nos demais sempre se verificará o mesmo quadro: menor número de matérias, mais tempo para o estudo de cada uma delas.

Ainda por esse plano os alunos não estudarão, nas mesmas séries, mais de uma língua estrangeira: terão Francês apenas nas 1ª e 2ª séries ginasiais, seguindo ritmo que assegure a continuidade do ensino, com con-

tinuidade por semana, e Inglês apenas nas 3ª e 4ª séries, nas mesmas condições. O Latim deixará de ser uma disciplina, para ser apenas, nas duas últimas séries do Ginasial, uma ou duas unidades do Português.

Assim, teremos oportunidade de afeioar o currículo do ginasial às duas idéias básicas seguintes:

1ª — Impõe-se diminuir o número de matérias a estudar, em cada série.

2ª — Impõe-se diminuir os encargos do aluno quanto ao estudo de línguas, seja impedindo o estudo simultâneo do Francês e do Inglês, seja reduzindo o estudo do Latim a mero instrumental para a compreensão do Português.

Mas não fica nisto a ação reformuladora que é possível realizar no que se refere a currículo, através das «classes experimentais». Pode-se ir além, incluindo neste, ao lado das matérias ou disciplinas escolares, as «práticas educativas», por tal se estendendo uma categoria especial de ensinamentos que não estão na área do estudo acadêmico ou teórico, e sim na área dos hábitos, das atitudes e dos interesses a criar ou a desenvolver no aluno, tendo em vista a sua formação moral e cívica.

Exemplificaremos ainda com o plano proposto para os Colégios Militares. Neste plano aparecem no currículo, ao lado das matérias, e em pé de igualdade com estas quanto à sua relevância, face às finalidades do ensino secundário, as seguintes práticas educativas: «Educação Física», «Instrução Militar», «Orientação Educacional», «Atividades Extracurriculares», «Educação Artística» e «Trabalhos Manuais».

Aos executores do plano caberá compreender que estas «práticas educativas» valem o que valem as matérias, porquanto será por meio delas que se tirará o ensino secundário da estreiteza de visão em que ele vive confinado, mera aquisição de dados informativos ou de conhecimentos teóricos contidos nos livros. Será por meio delas, portanto, que se poderá realizar ensino não só informativo, mas também formativo. Dir-se-á que nada disto é novo, que a atual Lei já trata desta assunto. Não há dúvida que assim corre, de certa forma. Mas, por um lado, embora abrindo perspectivas para a realização das «práticas educativas», a verdade é que a Lei põe ênfase especial no ensino através das «disciplinas», levando, na prática, ao domínio do teórico, do acadêmico, do livresco. E, por outro lado, como arranjar tempo, no horário escolar, para as «práticas educativas», se dentro dos estreitos limites deste se acotovelam mais de dez matérias, cada uma delas com número de horas prescritos do alto e portanto intocáveis?

Por tudo isso acreditamos que somente com outro lei, ou, na vigência da atual, com o expediente das «classes experimentais», será possível colocar as «práticas educativas» no lugar que lhes compete dentro do currículo ginasial e colegial. Nisto reside um dos mais altos méritos destas classes.

Todavia, as «classes experimentais» não permitem apenas experiências sobre currículos, permitem-nas, por igual, sobre programas. Isto vale dizer que elas poderão ser adotados programas diferentes dos programas mínimos aprovados pelo Ministério da Educação em Portaria n. 66, de 2 de outubro de 1951. É fácil de compreender o largo campo que é deixado à iniciativa e à experiência do professorado, quando assim se colocam as col-

Tratando-se de assunto de interesse geral para educadores, especialmente quando está em foco o projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, transcrevemos o editorial que fundamentalmente ressalta a necessidade de encontrar-nos novos caminhos para a educação dos jovens.

É o seguinte o texto referido:

Todas as críticas justas aos programas atuais encontram pois, agora, oportunidade para se fazerem ouvidas e atendidas. Programas por demais extensos? Programas sacrificados a uma seqüência defeituosa? Programas inadequados ao nível mental dos alunos? Programas desajustados às características econômicas, sociais e culturais da região? Estas interrogações, e muitas outras, poderão ter respostas satisfatórias através dos «programas experimentais» a serem adotados.

Muitos outros seriam os aspectos das «classes experimentais» dignos de comentários, não fossem os limites restritos deste editorial. Contudo, sobre um deles não nos parece justo silenciar. Referimo-nos àquele que está expresso no próprio nome dado às novas classes pelo Ministério e pelo Conselho Nacional de Educação. Trata-se com efeito de experimental, e, conseqüentemente, de procurar caminhos novos, de fugir do rotineiro.

Este aspecto é de uma importância fundamental. Sob o regime rígido da atual Lei, os estabelecimentos de ensino foram-se amoldando ao império da rotina; impossível vê-los como centros de elaboração do pensamento pedagógico, como ambientes apropriados à indagação, à experimentação, à pesquisa; impossível vê-los entregues aos fervores da emulação ou da competição com os demais, visando à apresentação do melhor currículo, dos melhores programas, do melhor método.

Se os colégios foram assim se igualando, e se nivelando, e se entorpecendo sob a batida monótona da atual Lei, dentro deles os professores foram, por sua vez, se rendendo ao clima da rotina e da mesmice, da obediência tranqüila ao currículo imposto, à seqüência imposta, ao programa imposto. Em situação assim o professor tende a fazer hoje como fez ontem, a repetir o que foi feito por outrem, a aceitar como sendo a verdade as conclusões que lhe batizam do alto, sob a forma de decreto.

Ora, as experiências sobre currículos, sobre programas e sobre métodos variáveis através das novas classes, poderão ter o salutífero efeito de criar nos colégios, entre diretores e professores, uma atitude nova face ao ensino, qual seja a de submeterem o fato educacional a, desta forma, vivificá-lo ao calor do pensamento e da ação criadoras.

Para Heloisa

Material entregue à prof. Heloisa Martins Costa, que se encarregará de realizar a pesquisa, junto às classes experimentais de 5 ginásios.

1 - INSTITUTO DE EDUCAÇÃO:

- a) 1 questionário da escola
- b) 3 questionários de professores
- c) anotações da visita realizada pelo Dr. Jayme/Abreu

2 - INFANTE DOM HENRIQUE:

- a) 1 questionário da escola
- b) 11 questionários de professores
- c) anotações da visita

3 - PIO XII:

- a) 1 questionário da escola
- b) 9 questionários de professores
- c) anotações da visita
- d) 1 relatório da observadora do M.E.C.

4 - COLÉGIO AMERICANO:

- a) 1 questionário da escola
- b) 8 questionários dos professores
- c) 2 relatórios da classe (1959)
- d) 2 planos da classe (1958)
- e) anotações da visita

5 - COLÉGIO DE APLICAÇÃO, da Faculdade de Filosofia da/U.R.G.S.

- a) 1 questionário da escola
- b) 10 questionários de professores
- c) anotações da visita

- 6 -
- a) 1 horário do Colégio de Aplicação
 - b) 1 " " Colégio Americano
 - c) 1 " " Instituto de Educação
 - d) 1 " " Ginásio Infante D. Henrique
 - e) 1 " " Ginásio Pio XII

7 - 1 Roteiro para o observador

8 - Notas para o trabalho de observação

9 - Cópia da carta do Dr. Jayme Abreu

10- Programa das visitas feitas por Dr. Jayme aos Ginásios

11- 5 roteiros de visita (em branco)

12- 200 exemplares (em branco) do questionário a ser preenchido pelos alunos das classes experimentais

Antonieta Barone

Coord. dos Cursos do C.R.P.E.

Pólis Alegre, 26.10.59.

97. 940/59

Prezada Prof^a
Eloah Ribeiro Kunz:

Rio de Janeiro,
24 de julho de 1959.

Confirmo nossa carta de 9 dêste, pedindo dados sobre bôlsas públicas no ensino médio e venho à sua presença para tratar do assunto "Classes Secundárias Experimentais".

Creio ter tido oportunidade de lhe falar, quando de sua última presença aqui em nosso CBPE, que a nossa Divisão montou um projeto pelo qual se visa a estudar, como está nascendo, no Brasil, a tentativa das classes secundárias experimentais, para com elas colaborar criticamente e cooperar.

Ocorre que apenas 26 estabelecimentos no Brasil as realizam, / dos quais, cinco estariam em Pôrto Alegre, o que nos vai ensinar um estudo não / por amostragem, mas de todo o universo da experiência no Brasil.

São Paulo e R.G. do Sul estão sob nossa responsabilidade e Distrito Federal, Minas Gerais, Estado do Rio de Janeiro e Ceará a cargo de companheiro nosso.

Isto pôsto, pretendo, em princípio, sujeito a confirmação, ir a Pôrto Alegre, no período de 18 a 21²⁸ próximos, avistar-me com os responsáveis pela experiência, para ouvi-los e ver como a mesma se realiza.

Fizemos um levantamento preliminar no Ministério da Educação, do número de estabelecimentos que realizam a experiência e das características essenciais da mesma, à base da documentação existente.

Segundo êsses dados, se habilitaram aí à experiência:

- 1 - Ginásio do Instituto de Educação de Pôrto Alegre
- 2 - Ginásio Estadual Presidente Roosevelt
- 3 - Ginásio Estadual Paula Soares
- 4 - Colégio de Aplicação da Fac. Filosofia da U.R.G.S.
- 5 - Colégio Americano de Pôrto Alegre

Como se vê, seriam quatro estabelecimentos públicos e um privado, todos experimentando na 1ª série do 1º ciclo.

Gostaríamos de obter sua cooperação para o seguinte:

a) fazer, chegar às mãos dos diretores dos estabelecimentos ou responsáveis pela experiência o questionário anexo, em duas vias, uma para o estabelecimento, do qual os 15 primeiros itens se relacionam com a situação do Colégio em geral e do décimo sexto em diante com as experimentais;

b) conseguir, dêles, o preenchimento e a devolução a V.S^a. antes da nossa provável chegada;

c) obter dos diretores e responsáveis pelas classes, programa - ção para as entrevistas e visitas de observação que irei fazer, no prazo da nossa permanência;

d) mobilizar elemento, a seu critério, versado em educação para nos acompanhar e assistir nessa tarefa;

e) esse elemento teria também a seu cargo observar atividades dessas classes, entrevistar professores, técnicos e alunos delas (de acordo com roteiros que levaremos), coletar todo material existente em cada colégio sobre a experiência (currículos, programas, testes, fichas de alunos, enfim todo o material significativo), ouvir os observadores do Ministério sobre as classes e compulsar-lhes os relatórios, fazendo uma súmula, em pasta de cada estabelecimento, do que obtiveram.

Em S. Paulo obtive boa indicação para esse fim, de jovem inteligente e interessado, licenciado de Pedagogia da Fac. de Filosofia da U.S.P. com o qual convencionamos o pró-labore de Cr\$ 1.000,00 por relatório de cada estabelecimento, critério que propomos para aí.

Como é a primeira vez que visitarei essa grande metrópole, recomendaria a assistência desse elemento desde a nossa chegada, bem como uma vez recebido por V.S^a. nosso cabograma confirmando dia, hora e avião da chegada, pedimos a gentileza de providenciar hotel para nossa hospedagem, no prazo previsto.

Recomendaríamos um hotel de bom conforto (não de grande luxo) de quarto com banheiro e café (este último se possível) e central em relação à área em que vou trabalhar.

Os dados que já temos em mãos nos dão orientação do que se programou, mas a maior significação estará em apurar a execução.

Na confiança de contar com sua valiosa e eficaz colaboração ao êxito de nossa tarefa, subscrevemo-nos, antecipadamente gratos,

Cordialmente

Ass. Jayme Abreu

Coordenador da Divisão de
Estudos e Pesquisas Educacionais do Centro Brasileiro de
Pesquisas Educacionais - INEP

A

Prof^a Eloah Ribeiro Kunz

M.D. Diretora do Centro Regional de P.E. do Rio G. do Sul

Praça Dom Feliciano, 14

Porto Alegre - Rio Grande do Sul

Fortaleza, 6.8.59

Geraldo amigo:

Recebi sua carta e telegrafei imediatamente. Como disse es tou à sua disposição em caráter particular. Se for caso de assumir - posição funcional, peço que consulte, em meu nome, o Gildásio.

Vivemos aqui continuamente lutando por um ensino melhor e gostaria de tê-lo conosco uns dias, para você semear um pouco de sua experiência intelectual nestas "caatingas". Os livros que você me - deu frutificaram a ponto de nós considerarmos que ficamos na "ponta" em didática especial de línguas, especialmente, em português. Parece pretensão, mas é nossa opinião.

Temos uma equipe completa de ^{MTU} didática ^l especial de todas as disciplinas que está caminhando por rumos inteiramente diferentes do Mattos, mais ou menos na direção do I.N.E.P., transferindo a experiência "primária" para "secundária". Nosso psicólogo-base é Piaget. São tantas as "agitações" que contá-las seria um romance. Venha dar um pulinho para conviver conosco uns dias. Você sabe que a província deforma a perspectiva e um bafejo de fora insufla oxigênio no ambiente confinado.

Não precisa ficar muito vaidoso, mas levei para as férias e li sua monografia sobre educação e desenvolvimento. De modo que você esteve 15 dias comigo a 100 km de Fortaleza, numa das praias mais belas do Brasil. Como você consegue entrar em tantos setores intelectuais ?

Quanto à classe experimental, não é lá grande coisa, dadas as condições econômicas precárias, mas alguns fatos novos (menos com referência a currículo que a atitude) merecem estudados.

Fundamos uma biblioteca com os livrinhos da CADES para os professores cearenses, em amplo salão na nova sede da Seccional. Será que você conseguiria um estoque de livros, técnicos para ela ? Acho que é a melhor fonte para atingir o professorado. Conto com a sua ajuda.

O livro de Física do INEP, que tanta repercussão teve no Brasil, não chegou, praticamente, ao Ceará. Inúmeros professores pedem-me que interceda para que o INEP lhes mande este livro. Mas, o INEP é um grande surdo. Já não me abalança em pedir... Se você vai ficar por aí seja nosso patrono.

Convença a esse pessoal que os livros que nos derem chegarão à mãos dos professores que merecem. Novos inúmeros seminários estão morrendo por falta de bibliografia. Outros Estados que possuem CRINEP são mais felizes que o Ceará. Vi no Boletim de Recife a distribuição sistêmica do livro por todos os colégios. No Ceará todo (107 estabelecimentos) não há mais de três livros disputados gananciosamente. Que é possível fazer pelo Ceará ?

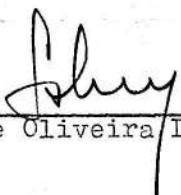
Fizemos uma reforma do ensino normal (fale com a Eni), mas a mudança política bombardeou a aplicação. Era um troço para revolucionar completamente o ensino deste tipo.

Estou procedendo a uma pesquisa sobre provas parciais. Recolhi uma amostragem em todos os colégios do Ceará, abrangendo todas as séries e disciplinas. Uma equipe de professores vai dar um parecer analítico.

Colaborei com Moreira de Sousa em pesquisa que o INEP fez no Ceará. Bem, o resto é aquele plano maluco que você viu. Está sendo executado aos pedaços no que é possível fazer sem dinheiro.

Bem, acho que com isto satisfiz sua curiosidade que, para nós do Ceará, é um estímulo.

Meu abraço amigo.



Lauro de Oliveira Lima

Rio, 2 de outubro de 1959

Prezado amigo Lauro,

Você terá razão se estiver censurando-me por ainda não ter respondido sua carta. Não há justificação, ainda que pudesse haver explicações, mas estas você certamente dispensará.

Passemos, assim, ao assunto principal. O trabalho que lhe propuz para o CBPE não tem caráter oficial. Dêsse modo creio que não é necessária autorização do Dr. Gildasio. Trata-se de você nos informar num relatório pormenorizado a que plano está obedecendo a classe experimental do Ceará, bem como o andamento que os trabalhos estão tendo. Seu relatório será usado por nós como retrato da situação, não para ser publicado, mas para análise e cotejo com as demais classes. A delegação da observação das classes, a pessoas por nós escolhidas, está sendo a norma geral adotada. Nosso objetivo é conhecer as tendências gerais das várias classes, assim como os problemas que estão surgindo e os prováveis efeitos que elas terão sobre o conjunto do ensino secundário. Não se trata de trabalho de crítica ou de avaliação de resultados, pois isto seria prematuro. Nossa atitude é essencialmente positiva e estimuladora, mas queremos baseá-la num conhecimento rigorosamente objetivo.

Remeto-lhe junto exemplares de um roteiro ou questionário geral, para servir de instrumento de coleta de informações junto ao diretor ou responsável pela classe, fichas de professores também para diretor ou responsável, e roteiro para inquirição dos professores. Além das informações assim coligidas, esperamos que você nos remeta todo o material suplementar que for possível (cópia de plano, programas, horários, fichas, normas internas, material relativo a OE, etc.). O mais será o seu relatório de observação do trabalho da classe, com indicações sobre os aspectos didáticos específicos, o modo como vem sendo aplicado o plano, a filosofia subjacente à experiência, atividades extracurriculares, inovações quanto ao caráter ativo e socializador do ensino, orientação educacional, problemas e dificuldades enfrentadas, receptividade por parte de professores, alunos e famílias, repercussão da classe na vida do estabelecimento e no conjunto do ensino secundário, etc.)

Estou devidamente autorizado para lhe propor esse trabalho, bem como a paga, contra entrega do seu relatório, da importância de cinco mil cruzeiros. Não sei se esta quantia, dado o fato de você ser uma pessoa já sobrecarregada de obrigações, será retribuição satisfatória. Você, naturalmente, tem toda liberdade para deliberar se

bre esse aspecto. Peço-lhe acusar o recebimento desta e informar-se com a possível urgência sobre a deliberação que tomou.

Quanto ao que você me pediu sobre livros para a biblioteca da Seccinnal, tenho a dizer-lhe que logo agi junto D. Elza Rodrigues. Ela se prontificou em atender a solicitação, não por causa do intermediário, mas por causa de você, que me disse já conhecer através de referências. A última informação que tive é que lhe foram mandados alguns pacotes, por intermédio da CADES, para maior brevidade, pois as remessas do INEP são por via marítima. Não consegui falar com a Jacy, para confirmar o assunto, mas espero que o material já tenha chegado aí.

Aguardando suas notícias, aqui, com a admiração de sempre,

D. 420 - 46-870
Fam. 100 - 29-3892

Agenda

~~2^a linha - Invenção a 8 hs para todos (Povo e
contato com professores.~~

2^a - 14 hs - Epimínio Toubilino de Almeida

4^a

5^a

6^a - 10 hs - Colégio Jobabina

hb.

AGENDA

~~1ª feira (12/8) - Col. de Aplicação - (Machado)~~
~~5ª feira (15/8) - Ex 1.992, Col. J. Fernandes, para assistir aula Estudo pessoal e fazer estudos de Português.~~

6ª feira (14/8) - As 8.30, Colégio de Aplicação da FNF, para entrar em contato com prof. J. Fernandes - Telefone antes para 21-3892

2ª feira (17/8) (?) - Andrews - Telefone a D. Guilherme para marcar contato pessoal. ~~Para 5ª feira?~~ Hora à 15h
 26-9787

4ª feira (19/8) - As 10 hs - Col. J. Fernandes, para receber questionário de D. Velloso Desmancon - Tel. 46-8403
 Para 5ª feira?

6ª feira (21/8) - Encontro com prof. J. Fernandes no Col. de Aplicação às 9hs.

2ª feira - Andrews, às 8 hs - Aula pessoal e contato professor-alunos

Instruções da Diretoria do Ensino Secundário Sobre Organização de Classes Experimentais

TENDO o ministro da Educação e Cultura homologado os pareceres nº 31 58, do Conselho Nacional de Educação e nº 77/58, da Consultoria Jurídica do Ministério, poderão ser organizadas classes experimentais do curso ginasial ou colegial, para funcionamento a partir de 1959, atendidos os requisitos constantes da exposição de motivos da Diretoria do Ensino Secundário e dos pareceres acima citados.

As classes experimentais têm por objetivo ensinar a aplicação de métodos pedagógicos e processos escolares bem como de tipos de currículo compatíveis com a legislação do ensino médio. Vem sendo re-

clamadas constantemente pelos educadores brasileiros como medida da maior necessidade diante das perspectivas diversificação do ensino secundário já prevista nos projetos de Lei em curso no Congresso Nacional sob a forma de disciplinas optativas ou da própria ramificação dos cursos do primeiro e do segundo ciclo.

São características das classes experimentais: a) aplicação de métodos e processos de ensino bem como o ensino de novos tipos de currículo; b) organização em colégios de idoneidade incontestável e de condições pedagógicas que possibilitem a experiência, sendo particularmente indicados para isso o Colégio Pedro II e os Colégios de Aplicação das Faculdades de Filosofia; c) organização inicial para o primeiro ciclo, podendo, porém, estender-se, a juízo do Ministério, ao segundo; d) experiência inicial com um número mínimo de classes (uma por série, começando da primeira), podendo ser ampliada depois de verificação dos resultados; e) prévio consentimento dos pais ou responsáveis dos alunos matriculados, depois de convenientemente esclarecidos; f) professores especialmente credenciados; g) assistência especial da Diretoria do Ensino Secundário; h) prévia autorização do Ministério da Educação e Cultura, através da Diretoria do Ensino Secundário, depois de ouvido o Conselho Nacional de Educação; i) número reduzido de estabelecimentos nos quais serão instaladas.

As classes experimentais deverão ser organizadas atendendo, entre outras, as seguintes normas gerais: a) na organização dos currículos, ter-se-á em vista não a especialização desta ou naquela direção de estudos, mas a preparação geral com um sólido conteúdo de formação humana e maiores oportunidades de atendimento das aptidões individuais; b) maior articulação do ensino das várias disciplinas e maior coordenação das atividades escolares;

c) número máximo de trinta alunos em cada classe, para que o ensino se possa adaptar melhor a cada aluno; d) o número de professores nas classes iniciais do ginasial poderá ser reduzido para evitar os inconvenientes da transição brusca do regime primário para o secundário. Os professores terão assim convívio mais demorado com os alunos, podendo melhor examinar-lhes as tendências e exercerem uma orientação mais eficiente; e) reuniões periódicas dos professores de cada classe para a apreciação da classe nos seus aspectos psicológicos e sua melhor e mais homogênea orientação pedagógica; f) possibilidade de opções que correspondam às aptidões dos alunos; g) acentuação da função educativa da escola, oferecendo para isso oportunidade aos alunos de maior permanência diária na escola e de participação nas atividades extracurriculares; h) atividade dirigida, planejada de modo que o aluno dela possa participar ativamente, para adquirir seu método próprio de trabalho e hábitos de vida conscientes e dinâmicas; i) articulação mais estreita entre professores e pais, tão necessária para a harmonia que deve existir entre a obra educadora da escola e da família.

A transferência de alunos de um para outro estabelecimento, em meio de curso, será feita nos termos do Decreto 34.330 ou, quando o estabelecimento de destino puder atender ao aluno, mediante cursos de adaptação das disciplinas que não tiverem sido estudadas no estabelecimento de origem. Tendo em vista que o decreto acima citado não permite a transferência de alunos no decorrer do ano letivo, deve evitar-se a matrícula em classes experimentais de alunos cujos pais ou responsáveis estejam sujeitos a remoções ou transferências mais ou menos imprevistas.

O certificado de conclusão de curso dos alunos das classes experimentais é o mesmo expedido para os demais alunos do curso ginasial ou colegial.

Dada a natureza da escola secundária e o número limitado de estabelecimentos que poderão realizar a experiência, será dada preferência às classes experimentais cujo funcionamento transcorra em horário inte-

gral e só excepcionalmente se- rá permitida a organização de classes em turno noturno.

COMO ORGANIZAR CLASSES EXPERIMENTAIS

O pedido para funcionamento de classes experimentais deverá ser apresentado até o último dia de agosto a Inspetoria Seccional a cuja jurisdição pertencer o estabelecimento, acompanhado dos seguintes elementos:

a) objetivos da experiência, sua fundamentação, conveniência, exequibilidade e demonstração da impossibilidade de realizá-la dentro do regime normal de funcionamento do curso ginasial ou colegial;

b) características principais da experiência, atendendo a todos ou a alguns dos seguintes itens: I — currículo; II — horário; III — organização do corpo docente; IV — seleção dos alunos; V — verificação do rendimento e condições de aprovação dos alunos; VI — atividades complementares; VII — métodos e processos de ensino; VIII — orientação educacional; IX — atendimento das diferenças individuais; X — ajustamento de alunos transferidos; XI — orientação de alunos excepcionais; XII — previsão do desenvolvimento; XIII — aferição final dos resultados da experiência.

c) o plano deverá ser elaborado por uma comissão de três professores presidida pelo diretor; quando houver congregação será aprovado por ela; quando se tratar de estabelecimento oficial, deverá ser aprovado pela autoridade educacional a que estiver subordinado;

d) o plano deverá ser feito para execução em um período de quatro anos no curso ginasial, correspondendo ao curso completo dos que iniciarem a experiência, devendo as modificações que se fizerem necessárias serem propostas anualmente juntamente com o relatório do desenvolvimento da experiência;

e) a experiência poderá atingir a qualquer aspecto da vida escolar, devendo ser considerados os diferentes aspectos do atual curso secundário que têm sido susceptíveis de críticas, entre os quais podem ser citados os seguintes: pequena duração do ano letivo; número excessi-

vo de disciplinas ministradas no ano escolar; falta de flexibilidade; ensino verbalista; dissociação nas necessidades e interesses do aluno; excesso de provas; supervalorização das notas; falta de articulação com o ensino primário e superior e ainda outros.

Só será permitido o funcionamento de classes experimentais em estabelecimento que mantenha orientação curricular.

Ao receber o pedido de funcionamento de classes experimentais formulado por um estabelecimento de ensino, a Inspetoria Seccional solicitará da Diretoria do Ensino Secundário a designação do educador que deverá acompanhar a experiência. Caso o estabelecimento de ensino, a designação do educador poderá ser feita antes da apresentação do plano para que nele já colabore o educador indicado pela Diretoria do Ensino Secundário.

Ao parecer apresentado pelo educador incumbido de acompanhar a experiência, poderá a Inspetoria Seccional acrescentar informações quanto ao funcionamento da instituição, à formação pedagógica de seu corpo docente e administrativo, às demais condições educacionais que indicam ou contra-indicam a realização da experiência e outros esclarecimentos úteis para o julgamento do pedido.

Apresentado o plano à Diretoria do Ensino Secundário, desde que esta o julgue em condições de ser aprovado, submetê-lo-á à apreciação do Conselho Nacional de Educação.

Estão funcionando em 1959, as classes experimentais cujos planos foram aprovados pelo Conselho Nacional de Educação até 31 de janeiro findo.

Heitor Alimonda Inaugura o «Movimento de Expansão Cultural»

A União dos Músicos do Brasil dará início no próximo dia 2, às 21 horas, no Salão Leopoldo Miguez, da Escola Nacional de Música, ao Movimento de Expansão Cultural.

Foi escolhido o pianista Heitor Alimonda para inaugurar a série.

O programa consta dos seguintes autores: Schumann, Haendel, Brahms, Camargo Guarnieri, Heitor Villa-Lobos e Kabalevsky.

Os convites para este recital, podem ser adquiridos, gratuitamente, na sede da União dos Músicos do Brasil, av. Rio Branco, 185 — s. 1316, e na Portaria da Escola Nacional de Música.

Aniversários

FAZEM ANOS HOJE:

- Sr. Boaventura Francisco França
- Sr. Antônio Braga Machado
- Sr. Armando Ramos de Azevedo Filho
- Sr. Manuel Antônio Gonçalves
- Sr. José Augusto Mendes da Silva
- Sr. José Jayvert de Sousa Lima
- Sr. Newton Cruz Vieira
- Dr. João de Assis Martins
- Sr. Tabajara Barbosa
- Sr. Aldo de Sousa Lôbo
- Sr. José Augusto do Nascimento
- Prof. José de Sousa Marques
- Srta. Mirna de Castro

Fêz anos, ontem, a menina Denise, filha do jornalista Otávio de Castro Filho e da sra. Cely Bastos de Castro.

FARÃO ANOS, AMANHÃ:

- Prof. Haroldo Franco Alves da Silva
- Sr. Manuel de Tefé
- Sr. Renato Lopes de Castro
- Sr. Luís Antônio Pimentel
- Sr. Roberto Gonçalves Lima
- Eng. Jair de Albuquerque
- Sr. Valdemar de Oliveira



As sras. Danuza Leão Walner e Leda Ribeiro.

REDEMOINHO

• Apesar de alguns jornais terem noticiado que políticos estariam disputando a futura vaga do sr. Dario Crespo na direção da Caixa Econômica, posso informar que a primeira vaga a ser aberta será a do sr. Batista Luzardo em julho próximo, seguindo-se a

do sr. Henrique Dodsworth, em setembro e, por fim, a do sr. Dario Crespo, em novembro.

• Os cumprimentos de «Resenha Social» ao deputado Luís Viana Filho, que aniversariou ontem.

• A srta. Eloisa Dolabela vai cursar, como ouvinte, a Escola Nacional de Belas Artes, durante este 59.

Uma Debutante Por Dia

ELIANE MUNIZ

Morena de 16 anos, de Copacabana e cabelos castanhos. Filha do marinheiro Edmilson Fontenelle e de Muniz Freire Fontenelle; sobrinha de Aluisio e Teresinha Muniz Freire, de altura. Fala inglês, faz ballet clássico e pretende estudar filosofia.

• A srta. Diana Lopes, filha do ministro Lucas Lopes, viajou, em companhia de dona Sarah de Lemos Kubitschek, e de Márcia e Maristela, para os Estados Unidos.

• D. João e d. Fátima passaram a Semana Santa em Cabo Frio.

• Na praia, ontem, (quatro e meio), a srta. Leda Pulchério que, para governo dos que ainda se lembram de latim, faz jús ao sobrenome.

• Sábado próximo, dia 4 de abril, finalmente, o chá, com desfile de modas infantis da Galeria Carioca, em benefício da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABER), promovido pelo «Diário de Notícias» e «Mundo Ilustrado», no Golden Room do Copacabana Palace.

• Em companhia de sua mãe, a srta. Noelza de Abreu Guimarães foi passar a Semana Santa em Campos de Jordão. Claro que o sr. Helvécio Fernandes Magalhães, Castro também foi.

• Já circulando um novo e excelente número do «Mundo Ilustrado», apresentando, entre outras matérias de inequivoco interesse, uma reportagem sobre a primeira reunião preparatória para o «Baile Oficial das Debutantes de 1959», a realizar-se, a 9 de maio, no Golden Room do Copacabana Palace, em benefício da obra das Pioneiras Sociais e sob os auspícios do «Diário de Notícias» e «Mundo Ilustrado». A propósito: a partir de hoje, iremos publicando a fotografia e alguns dados de cada debutante.

ways, procedente de Buenos Aires, em busca de dados sobre vários países latino-americanos.

IN MEMORIAM

AMERINO WANICK — Realizar-se-á a 2 de abril vindouro, na A. B. L., 7.º andar, às 18 horas, um ato público comemorando o 1.º an-

versário do passamento do educador, economista e engenheiro Amerino Wanick.

Na solenidade, falarão os oradores dr. Olímpio Fernandes Melo e os jornalistas Pedro Mota Lima e Antônio Pimentel, caracterizando a personalidade do extinto.

Dr. Antonio Ferreira

Clinica Médica —
Nutrição e Aparelho
Digestivo
R. Araújo Pôrto Ale-
gre, 56 — Grupo 59
Tel.: 22-2207

Deverá Ser Cercada Das Maiores Cautelas a Autorização Para Classes Experimentais

O Conselho Nacional de Educação ao dar seu parecer sobre a criação de classes experimentais, nos estabelecimentos de ensino secundário, salientou a oportunidade da medida, ressaltando, por outro lado, que deverão ser tomadas todas as cautelas porquanto não se trata de medida que possa proliferar, em virtude da sua expansão se achar em função dos resultados colhidos.

O relator do parecer foi o prof. Celso Kelly, tendo sido aprovado unanimemente pelo Conselho Nacional de Educação.

TEXTO DO PARECER

É o seguinte o texto do documento:

«O Ilustre diretor do Ensino Secundário, prof. Gildásio Amado, submeteu à apreciação de sua excelência, o senhor ministro da Educação e Cultura, um anteprojeto de Decreto executivo, da melhor inspiração pedagógica, admitindo a organização e funcionamento, em estabelecimentos de ensino secundário de notória idoneidade, de classes experimentais, com o objetivo de ensinar a aplicação de novos métodos pedagógicos e processos escolares, bem como de tipos de currículo

compatíveis com a atual legislação do ensino médio».

O ensino secundário no Brasil oferece, em sua lenta evolução, uma série de reformas, que, em verdade, nunca passaram de timidas revisões da situação anterior. Aos poucos, todavia, foram-se tornando efetivos, na legislação de ensino de grau médio, nela incluída a legislação do ensino secundário, dois princípios que correspondem às tendências gerais da educação do segundo grau nos países democráticos: o da variedade de cursos e o da equivalência, os quais, somados, induzem à salutar prática da flexibilidade. Mesmo no ensino secundário, já existem os dois tipos de colégios: o clássico e o científico, e admitem-se opções.

A criação das Faculdades de Filosofia, com o encargo de pre-

parar professores para o ensino secundário, tem produzido os melhores resultados, lançando no magistério correspondentes elementos de formação mais completa e melhor esclarecidos para a missão que lhes cabe. Sua tarefa — a das faculdades — estaria incompleta, sem a existência, a seu lado, de ginásios e colégios de aplicação, onde se processassem experiências de métodos, essenciais à prática pedagógica. Tais institutos de aplicação são essencialmente experimentais.

O preparo do ensino primário deve-se, em todo o mundo, às escolas experimentais. Também no Brasil, especialmente no Distrito Federal, em Minas Gerais e em São Paulo, várias escolas e classes primárias constituíram o laboratório inteligente para o fim de alcançar melhorias fundamentais ao ensino. As pesquisas e experiências sociais são penosas, delicadas e difíceis, pois envolvem no seus efeitos o destino de alguns grupos. No campo da pedagogia, porém, vêm sendo feitas em todos os países adiantados, cercadas de cuidados máximos, a fim de, em vez de prejuízos, apenas auferir lucros. Ou, pelo menos, limitar os efeitos negativos. Não podem deixar de ser tentadas. O ensino secundário reclama, essas experiências. É bem melhor experimentar e colher resultados do que aventurar reformas radicais, resultantes de sistemas e teorias não aplicadas ainda.

O ensino secundário vive um momento dramático. Há os que alegam sua insuficiência, como preparação para a vida. E há professores universitários que recla-

mam contra a má formação dos candidatos a exames vestibulares. Estará falhando em relação à juventude em si? Estará falhando em relação à destinação do ensino superior? O quadro clássico das disciplinas e o mero jogo de conhecimentos cede lugar a outros encargos com que a escola arcará. O fenômeno de desajustamento não se passa apenas no Brasil. O mundo todo se preocupa seriamente em rever a educação da juventude.

No Brasil, os cursos de ensino médio ampliaram suas bases culturais, constituídas de acordo com as exigências econômicas. Os cursos do ensino secundário começam a sentir necessidade de considerar, em seus objetivos, conhecimento e técnicas de aplicação imediata. Uns e outros, caminhando paralelamente, encontram-se em terrenos comuns. É a legislação atual, compreendendo a urgência da flexibilidade, institui através da lei n. 1.821, de 1953, as normas da equivalência entre os diversos cursos de grau médio, ou, seja, o reconhecimento da variedade contra a unidade, ou melhor, o enriquecimento do sistema escolar.

Levando em conta: a) — o espírito da lei n. 1.821, de 1953; b) — a natureza experimental dos colégios de aplicação, junto às faculdades de Filosofia; c) — a obra renovadora dessas faculdades; d) — o dever de promover a pesquisa pedagógica nas unidades escolares.

(Conclui na 6ª página)

Escola

UNIVERSITÁRIO DE 1957

SOS

Almeida Brumm. Administração e Relações Humanas e suas bases, etc. Profs. José Timotheo da Costa da Fundação Getúlio Vargas e Zilah Teixeira Timotheo da Costa. Curso organizado pelo Centro de Estudos da ASA. Informações: rua São José, 90 — 22º — tel.: 22-9270.

Psicologia Geral e Relações Humanas

Terão início no próximo dia 1º de abril, no horário de 20 às 21h45m, mais dois cursos noturnos e gratuitos da série que ali vêm ministrando a dra. Fernanda Barcelos, docente na Universidade do Brasil.

Trata-se dos cursos de Relações Humanas — um estudo das fórmulas de ajustamento social — análise das soluções até agora apresentadas, meios de socializar o indivíduo; Psicologia Geral — um curso que abre novos horizontes sobre nosso mundo mental e meios de o controlar.

Inscrições pelo telefone, 57-5334. Aulas nos dias 1, 2, 3, 6, 8, 9 e 10 de abril. Receberão certificados os habilitados em teste final.

Auxílios Audio-Visuais

Será realizado nesta capital nos dias 30 e 31 de março, 1º, 2 e 3 de abril mais um curso de Auxílios Audio-Visuais. O referido curso terá o patrocínio da Associação Brasileira de Assistentes Sociais (ABAS), e da Associação Profissional de Assistentes Sociais do Rio de Janeiro (APAS RJ) e a cooperação do Ponto IV. Informações pelos telefones: 52-7532 e 52-6081.

Estão abertas as inscrições para o Curso de Especialização de Radiologia do Instituto de Odontologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Este curso que será ministrado pelo prof. Aristeo Leite, funcionará nas quartas-feiras, às 20

ASSISTÊNCIA SOCIAL PARA SURDOS

O setor de Assistência Social da Campanha para a Educação do Surdo avisa aos deficientes da audição e da fala do Distrito Federal, que seu Setor de Assistência Social se encontra à disposição de todos aqueles surdos que necessitarem de seus serviços como sejam: orientação, solução de problemas, de desemprego, etc., no horário de 13 às 17 horas, diariamente, à rua das Laranjeiras, 232.

Livros para cursos superiores

LIVRARIA FORENSE

Av. Erasmo Braga, 299 — loja

COLÉGIO

INTERNATO DE 1 a 7 ANOS
MENSALIDADE: Cr\$ 3.000,00
SEMI-INTERNATO
E EXTERNATO
PRIMÁRIO COMPLETO
D'ANEMA — TEL.: 27-6713

APRENDA DESENHO

ARQUITETURA, MAQUINA,
PROPAGANDA

AULAS INDIVIDUAIS

Rua Evaristo da Veiga, 83
Sala 306.

Taquigrafia

QUER TER BOA LETRA?

Matricule-se no curso por correspondência da
ESCOLA DE CALIGRAFIA «DE FRANCO»
Rua General Osório, 724 — (São Paulo)

Escola Técnica de Comércio de Botafogo

RUA VOLUNTARIOS DA PATRIA, 126 — TEL.: 26-4124

Estão abertas as matrículas para os cursos:

Comercial Básico e Técnico de Contabilidade.

ADMISSÃO GRATUITO — DIURNO E NOTURNO

BANCO DO BRASIL

Professores do Banco

MANHÃ e NOITE

questões dos últimos concursos

INSTITUTO PAPINI

Deverá Ser . . .

(Conclusão da 5ª página versidades e nos Institutos es, cíficos: — o funcionamento de classes experimentais em estabelecimentos secundários merece a plena aquiescência deste Conselho, chamado expressamente a opinar diante do anteprojeto de Decreto formulado pela Diretoria do Ensino Secundário.

A autorização para funcionamento de classes experimentais deverá ser cercada das maiores cautelas. Não se trata de medida que possa proliferar, pois o seu crescimento está em função dos seus resultados. Estes poderão ser notáveis. O anteprojeto confere ao Conselho Nacional de Educação o exame de cada caso. Ficará sob a responsabilidade deste órgão, a boa execução de medida admiravelmente inspirada. A ressalva do art. 2º — «tipos de currículo compatíveis com a atual legislação do ensino médio» — não só conterá as demandas da experiência como ajustará a medida nos quadros vigentes.

Em conclusão, é a Comissão de Ensino Secundário de parecer que o anteprojeto apresentado a seu exame corresponde aos interesses do ensino, sem contrariar a legislação em vigor.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO	
M. E. C.	
22 JUN 1959	004826
Em SERVIÇO AUXILIAR - EXPEDIENTE	

Do Diretor do Ensino Secundário

Ao Senhores Diretores e Representantes da D.E.S. nos Colégios onde
funcionam Classes Experimentais.
Assunto : apresentação de professor.

Sr. Diretor:

O Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais demonstrou interesse em ver de perto o funcionamento das classes experimentais no ensino secundário, iniciativa desta Diretoria e à qual esse conceituado educandário está prestando valiosa colaboração.

Tem o Centro o intuito de colher elementos para seus estudos técnicos sobre o ensino em geral e particularmente sobre as novas estruturas curriculares, os novos processos escolares e métodos pedagógicos que a nossa escola secundária, por intermédio das classes experimentais, está ensaiando.

A frente desse trabalho encontra-se o professor JAYME ABREU, Coordenador da Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais daquele Centro, o qual me solicita que o apresente aos colégios onde estão funcionando as referidas classes, o que tenho o prazer de fazer por este intermédio, agradecendo desde já a atenção que lhe fôr dispensada e observando que o trabalho a ser feito não tem relação como do observador designado para apresentar a esta Diretoria os relatórios trimestrais sobre as atividades das classes.

Atenciosamente,

Gildásio Amado
Diretor

O ESTADO DE S. PAULO - 4.12.59

Maior Flexibilidade Para o Ensino Medio

Trinta e três estabelecimentos de nível médio de cinco Estados terão no proximo ano, novo sistema de ensino, proporcionando ao trabalho do professor e do aluno maior flexibilidade, de que resultará melhor rendimento no aprendizado. A iniciativa foi da Diretoria do Ensino Secundario, que realizou uma serie de estudos e pesquisas relativas aos planos a serem postos em pratica pelos diversos estabelecimentos interessados.

Os estabelecimentos que funcionarão com classes experimentais são: 1.o — São Paulo — 11 collegios na Capital: "Santana", "Sion", "Santa Cruz", "Santa Maria", "Mackenzie", "Alberto Conte", "Firmínio de Proença", "Fernão Dias Paes", "São Miguel Arcanjo", das "Conexões de Santo Agostinho", de aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo; no Interior: Institutos de Educação das seguintes cidades: Campinas, Guaratiningueta, Jundiaí, São Carlos, Sorocorro e Sorocaba; 2.o — Distrito Federal — Colegio "Sacré Coeur" (internato e externato), "Jacobi-na", "Santa Ursula", "Andrews", "São Fernando", "Brasileiro de Almeida" e "Colégios de Aplicação das Faculdades Nacional de Filologia e Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal.

Três outros Estados também farão o plano das classes: o Rio Grande do Sul, com cinco collegios: "Americano", "Instituto de Educação", estaduais "Padua Soares" e "Franklin Roosevelt" e de Aplica-

ção da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul.

No Ceará e no Estado do Rio de Janeiro as classes experimentais serão marcadas apenas por dois estabelecimentos; o primeiro será o "Colegio Capistrano de Abreu", de Fortaleza, o segundo o "Colegio da Fundação Getulio Vargas", em Nova Friburgo.

APERFEIÇOAMENTO

Com o objetivo de regularizar a situação dos mestres quanto a registros perante a diretoria do Ensino Secundario e oferecer-lhes uma oportunidade para renovar conhecimentos tecnicos, a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundario, CADES, iniciará amanhã, dia 5, os cursos de orientação do magisterio de nível médio em 23 cidades.

A duração dos trabalhos didáticos será de um mês, prevendo-se o encerramento dos cursos no proximo dia 6 de fevereiro. Os exames de suficiencia deverão ser efetuados na segunda quinzena da-quele mês.

O professor José Carlos de Melo e Sousa é o encarregado da supervisão geral dos 23 cursos e as cidades escolhidas são as seguintes: Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, João Pessoa, Recife, Maceló, Vitoria, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Florianopolis, Campo Grande, Petropolis, Guaxupé, Uberaba, Juiz de Fora, São José do Rio Preto, São Carlos, Itapetininga e Campinas.

PESQUISA JUNTO AS CLASSES EXPERIMENTAIS DE GINÁSIOS.

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

Nome:

Estabelecimento:

Localidade:

Data:

- 1) Conseguiu os objetivos que se propôs em todos os aspectos do trabalho?
- 2) Quais as principais dificuldades encontradas?
- 3) Deseja fazer auto-crítica do seu trabalho?
- 4) Encerrado este 1º ano de experiência, pode apresentar sugestões para a Reforma?

Questionário a ser preenchido pelos alunos da classe
experimental do ginásio:
(nome do estabelecimento)

Cidade: Estado:

Nome do aluno:

Data:

- 1 - Idade:..... Nascido em:.....
- 2 - Sexo:
- 3 - Tem irmãos?.....
- 4 - Quantos?
- 5 - Com quem mora?
- 6 - Tem amigos?
- 7 - Moram perto de sua casa?
- 8 - Com quantos anos você entrou para a escola primária ?
.....
- 9 - Frequentou o jardim de infância?
- 10 - Escreva o nome das escolas onde você estudou:.....
.....
- 11 - No curso primário, gostava de estudar?
- 12 - E, no curso secundário, você gosta de estudar?
Gosta dos trabalhos que você faz em sua classe?.....
- 13 - Após os trabalhos escolares, você costuma estudar?...
... Durante quanto tempo?..... Onde estuda?.....
- 14 - Depois do estudo que faz você?.....
- 15 - Dentre as matérias que você vem estudando, qual é a
que lhe agrada mais?
- 16 - Pretende você concluir o curso ginasial?
- 17 - Costuma você falar com seus pais acerca de seus traba
lhos escolares?

roteiro para visita inicial aos Colégios onde funcionam Classes
Experimentais

(Entrevista com o Diretor)

1. Nome do estabelecimento _____
2. Localização: _____ nº _____ Bairro _____
Cidade _____ Estado _____
3. Nome do Diretor _____
4. Responsável pelas Classes _____
Qualidade _____ Alguém o assiste? _____
Quem? _____
5. Observador do R.E.C. _____
6. Estabelecimento - a) Ensino de mantenedora _____
b) Regime _____ c) Turnos _____
d) _____

e) Matrícula:

Cursos	Manhã			Tarde			Noite			TOTAL		
	H	M	T	H	M	T	H	M	T	H	M	T

f) Matrícula nas classes experimentais:

1ª Cin.												
2ª Cin.												
1ª Cient.												

7. Apreciação geral sobre o prédio e instalações _____

8. Salas especiais e material didático

Geografia _____

Ciências _____

História Natural _____

Física e Química _____

Desenho _____

Trabalhos Manuais _____

Biblioteca _____

Línguas _____

Equip. e mat. audio-visual _____

Auditório _____

Educação Física _____

9. Tipo predominante de professor _____

10. Número de professores _____

11. Nível social predominante entre os alunos _____

12. Há serviço organizado de orientação educacional? _____ Como funciona? _____

Quem o chefia? _____

Quantos servidores o compõem? _____ Quais as funções que exercem? _____

13. Sendo misto o estabelecimento, há turmas com alunos dos dois sexos? _____ Como justifica esta prática? _____

14. Nas séries em que há mais de uma turma, qual o critério de agrupamento dos alunos? _____

15. Que outras formas de atividades didáticas, além das aulas, são praticadas? _____

16. Porque deliberou a direção do colégio a inclusão das classes experimentais? _____

17. Que objetivos educacionais visam a realizar as cl. exp.? _____

18. Quais as diferenças essenciais entre as cl. exp. e a organização vigente do ensino secundário? _____

19. Qual o currículo adotado? _____

20. Como foram estabelecidos os programas de ensino? _____

21. Quais outras formas de planejamento didático de que se desin-
 cumbem os professores? _____

22. Como vem sendo solucionado o problema do livro didático e do
 equipamento? _____

23. De que modo foram escolhidos os alunos das cl. exp.? _____

24. Nível de aproveitamento escolar anterior dos alunos da cl.
 exp.? _____

25. Nível social e cultural predominante dos pais dos alunos das
 cl. exp. _____

26. Custo das atividades nas cl. exp. comparado com as cl. comuns
- | CLASSES EXPERIMENTAIS | CLASSES COMUNS |
|-----------------------|-------------------|
| Total: Cr\$ _____ | Total: Cr\$ _____ |
| Discriminação: | Discriminação: |
| Cr\$ _____ | Cr\$ _____ |
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |

27. Sob que bases foi determinada a remuneração de cada professor? _____
28. Quanto percebem os professores, em média? Cr\$ _____
Em termos de hora de trabalho, e quanto corresponde essa importância? Cr\$ _____ p/hora
29. Qual o tempo diário de permanência dos alunos das cl. exp. no colégio? _____
30. Porque forma é aferido o rendimento escolar dos alunos? _____

31. Quais os critérios e forma de promoção? _____

32. Quais as exigências mínimas de frequência? _____

33. Como vêm os alunos reagindo à experiência? _____

34. Como vêm os pais reagindo à experiência? _____

35. Realizam-se reuniões de pais? _____ Quantas até agora? _____

Que fins tiveram? _____

Que resultados tiveram? _____

36. Como vêm os professores se ajustando à experiência? _____

37. Realizam-se reuniões dos professores? _____ Quantas até agora? _____

Que fins tiveram? _____

- _____
Que resultados tiveram? _____
38. Como vêm encorajando a experiência os alunos das outras classes?

39. Como vêm encorajando a experiência os professores das outras classes?

40. Que juízo fez sobre o andamento da experiência até agora? _____

41. Que problemas e dificuldades têm afetado o andamento da experiência?

42. Pretende continuar a experiência no próximo ano? _____ Segun
do o mesmo ou outro plano? _____ Que modificações já
presume que devam ser introduzidas? _____

Observações - _____

Date ____/____/____

Pesquisa dados solicitados por Heloisa Martins Costa
na Inspetoria Seccional de Ensino. Falar com Dona Golástica.

Assunto: Investigar a proporção entre alunos na classe
secundária comum e na experimental(proporção geral em Pôrto
Alegre). Na experimental, a incidência de sexo. Número, sexo e
formação dos professores. Número de estabelecimentos com 1ª sê
rie ginásial em Pôrto Alegre. 5

Resultados das pesquisas realizadas pela professora
Luiza Rezende de Albuquerque, as quais tiveram início no
dia 20 de maio de 1960.

I Investigar a proporção entre alunos na classe secundária e na experimental (proporção geral em Pôrto Alegre, me 1959).

1) Matrícula geral dos estabelecimentos de ensino secundário - Pôrto Alegre

a) Matrícula na 1ª série ginasial:

masc. - 3648

fem. - 2970

Total - 6618 alunos

b) Matrícula geral nas classes experimentais:

Instituto de Educação: 30 alunas sendo:

masc.

fem.

--

11 anos: 27

--

12 " : 3

Professôra coordenadora: Esther Mena Barreto Costa.

Ginásio Pio XII: 30 alunas sendo:

masc.

fem.

--

11 anos: 4

--

12 " : 26

Professôra coordenadora: Laura de Freitas Viegas

Colégio de Aplicação da Fac. de Filosofia
da U.R.G.S.: 30 alunos, sendo:

masc.

fem.

11 anos: 7

11 anos: 2

12 " : 12

12 " : 7

13 " : 1

13 " : 1

Professôra coordenadora: Maria Luiza Mascarenhas

Colégio Americano: 20 alunas, sendo:

masc.

fem.

--

11 anos: 1

--

13 " : 5

--

14 " : 14

Professôra coordenadora: Sônia Gaeger

Ginásio Infante D. Henrique: 26 alunos, sendo:

masc.	fem.
11 anos: 0	11 anos: 14
12 " : 0	12 " : 10
13 " : 1	13 " : 1

Professôra coordenadora: Alzira Dornelles Bán

Total geral da matrícula nas classes experimentais:

masc.	fem.
11 anos: 7	11 anos: 48
12 " : 12	12 " : 46
13 " : 2	13 " : 7
14 " : 0	14 " : 14
21 alunos	115 alunos

II Número de estabelecimentos com a 1ª série ginásial, em
Pôrto Alegre

- 1) Classe comum, de 1ª série: 48
- 2) " experimental: 5

III Número, sexo e formação dos professôres que lecionam
nas classes experimentais:

1) Instituto de Educação:

Professôres: 11
Sexo: feminino
Formação: Vêde relação à parte

2) Ginásio Pio XII

Professôres: 19
Sexo: feminino
Formação: vêde relação à parte

3) Colégio de Aplicação da Fac. de Filosofia da U.R.G.S.

Professôres: 9
Sexo { masc. 1
 fem. 8
Formação - Vêde relação à parte

4) Colégio Americano

Professôres: 9
Sexo - fem.
Formação - Vêde relação à parte

5) Ginásio Infante D. Henrique

Professôres: 11

Sexo: feminino

Formação- Vêde relação à parte

PESQUISA SOBRE CLASSES EXPERIMENTAIS

Dirigida pelo Prof. Jayme de Abreu, do C.B.P.E.

Dados coligidos

Ginásio Pio XII

Professôra coordenadora da classe experimental: Laura de Freitas Viegas.

- 1) Questionário da Escola - Entrevista com a Diretora: 1
- 2) Entrevista com Professôres: 13
- 3) Questionário para os Professôres : 3
- 4) Questionário para os alunos: 29
- 5) Plano para organização de uma Classe Experimental no 1º ciclo do Curso Secundário: 1
- 6) Junto com o "Plano" acima está o primeiro "Relatório" da classe experimental do Ginásio Pio XII - 1959: 1
- 7) Apontamentos manuscritos sôbre a visita do Dr. Jayme Abreu ao Ginásio Pio XII: 1
- 8) Horário - 1 - 1

Outros dados

Matrícula da classe experimental= 30 alunas

11 anos: 4

12 " : 26

Número de professôres que lecionam na classe experimental: 19

Sexo - feminino.

Formação - segue relação:

Relação de Professôras das classes experimentais do Gin. Est. "Pio XII", por ordem das disciplinas que lecionam.

PORTUGUÊS:

Maria da Conceição Ramos.

Disc. em que é regist. - Port., Latim e Grego.

Cursos que possui - Letras Clássicas.

FRANCÊS:

Aglaé Mercia Leal

Disc. em que é regist. - Francês

Cursos que possui - Bacharelato e Licenc. em Línguas Neolatinas.

Inaíá Salerno Dariano

Disc. em que é regist. - Francês, Latim, Espanhol.

Cursos que possui - Licenci. em Linguas Neolatinas.

INGLÊS:

Lillian Fritscher

Disc. em que é regist. - Inglês, Latim, Português

Cursos que possui - Linguas Anglogermânicas, Didática da Fac. de Filosofia, Aperf. de Ing. nos EE.UU.

Maria Zita Englert

Disc. em que é regist. - Inglês, Latim, Português

Cursos que possui - Letras Anglogermânicas

MATEMÁTICA:

Irene Rodrigues Corrêa

Disc. em que é regist. - Mat. Fís., Desenho

Cursos que possui - Compl. Bach. e Licenci. em Matemática.

Sylvia Vaz da Silva

Disc. em que é regist. - Mat., Hist. Ger. e do Brasil, Filos.

Cursos que possui - Licenci. em Pedagogia

CIÊNCIAS:

Ione Rangel de Castro

Disc. em que é regist. - Ciênc. Nat. e Mat.

Cursos que possui - Fac. de Filos. da PUC

Neyde Gauland D'Avila

Disc. em que é regist. - Hist. Nat.

Cursos que possui - Hist. Nat. e Didática

HISTÓRIA:

Lídia Benício da Fonseca

Disc. em que é regist. - Hist. e Geog.

Cursos que possui - Form. de Magist. Prim., Licenci. em Hist. e Geog., Filosofia.

Luzia Mello

Disc. em que é regist. - Hist. e Geografia

Cursos que possui - Hist. e Geog. - Didática

Ursula Liselotte Schmidt

Disc. em que é regist. - Hist. e Geog.

Cursos que possui - Hist. e Geog. pela URGs

GEOGRAFIA:

Marila Fay de Azambuja

Disc. em que é regist. - Geog. e Hist.

Cursos que possui - Geog. e Hist. Fac. Cat. de Filosofia.

Thays Antunes Casagrande

Disc. em que é regist. - Geog. Geral e do Brasil, Hist. Geral e do Brasil, (1º e 2º ciclos).

Cursos que possui - Geog. e Hist. - Didática
(Fac. Cat. de Filosofia)

ARTES:

Benie Vasconcellos Caminha Muniz

Disc. em que é regist. - Desenho

Cursos que possui - Artes Plásticas, Didática.

Francisca Rolla Duarte

Disc. em que é regist. - Desenho (1º e 2º ciclos) Tr. Man. (1º ciclo)

Cursos que possui - Artes Plásticas (IBA), Espec. em Des. e Artes Apl.

CANTO ORFEÔNICO:

Eunice Nielsen Zani

Disc. em que é regist. - Canto Orf.

Cursos que possui - Gin. Norm. Sup. de Piano, Canto Orf. Arte Infantil e Harmonia (sup.)

Ida Francisca Paolini

Disc. em que é regist. - Mus. e Canto Orf.

Cursos que possui - Curso Sup de Mus., Piano (IBA), Espec. em Canto Orf. Cons. Nac.

EDUCAÇÃO FÍSICA:

Ademira Tagliari Crusius

Disc. em que é regist. - Ed. Fís.

Cursos que possui - Esc. Sup. de Ed. Fís.

Colégio de Aplicação da Fac. de Filos. da U.R.G.S.

Professôra coordenadora da classe experimental: Maria Luiza Mascarenhas.

- 1) Questionário da Escola - "Entrevista com a Diretora":- 1
- 2) Entrevista com Professôres: 10
- 3) Questionário para os Professôres: 0
- 4) Questionário para os alunos: 30
- 5) Apontamentos manuscritos sôbre a visita do Dr. Jayme Abreu ao Colégio de Aplicação da Fac. de Filos. da U.R.G.S.: 1
- 6) Horário: 1

Outros dados

Matrícula da classe experimental: 30 alunos

Masculino		Feminino	
11 anos	- 7	11 anos	- 2
12 "	- 12	12 "	- 7
13 "	- <u>1</u>	13 "	- <u>1</u>
	20		10

Número de professores que lecionam na classe experimental: 9

sexo { masc. -: 1
 { fem. -: 8

Formação: segue relação:

Série	Matéria	Professor	Fac.	Curso	Nº reg.
1ª	Português	Cleia Viana	Fac.Filosofia	Neolatinas	F-8161
1ª	Matemática	Maria A. Gomes	" "	Matemática	-
1ª	Francês	Iolanda Dipe	" "	Neolatinas	F-4533
1ª	Inglês	Vera Veríssimo	" "	A.Germânicas	-
1ª	História	Elita Copstein	" "	História	F-5634
1ª	Geografia	Miriam R.L.Saraiva	" "	Geografia	F-7945
1ª	Ciências	Lélia C. Hilgert	" "	H.Natural	-
1ª	Artes	Maria A. Linck	Inst.B.Artes	Artes	-
1ª	Canto	Oscar Zander	" "	Aperf. na Alemanha	

Colégio Americano

Professôra coordenadora da classe experimental: Sônia Jaeger

- 1) Questionário da Escolar - "Entrevista com a Diretora":
- 2) Entrevista com Professôres: 8
- 3) Questionário para os Professôres: 0
- 4) Questionário para os alunos: 0
- 5) Apontamentos manuscritos sôbre a visita do Dr. Jayme Abreu ao Colégio Americano: 1
- 6) Horário da classe experimental: 1

Documentação da Escola

- 7) Relatórios da Classe Experimental:
- a) 1º bimestre escolar (De 9 de março a 30 de abril de 1959): 1
 - b) 2º " " (De 4 de maio a 30 de junho de 1959): 1
- 8) Plano para a Classe Experimental: 1
- 9) Estudos Sociais - Plano e Justificativa: 1
- 10) Modelo da Documentação das Pastas Individuais - Pasta nº 1
- 11) Levantamento - Documentário - Pasta nº 2
- 12) Relatório do 3º bimestre escolar, da classe experimental
- 13) " " 4º " " " " " "
- Outros dados

Matrícula da classe experimental: 20 alunas sendo:

5 de 13 anos

1 " 11 "

14 " 14 "

Número de professores que lecionam na classe experimental:9

Sexo - feminino

Formação - segue relação

~~=CLASSE EXPERIMENTAL~~

-CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO - ANO LETIVO DE 1959-

Matéria	Nome do Professor	Cursos e títulos que possui
Educação Física-	Antonia Seitz Petzhold	Curso da Esc. Sup. de Educ. Fís. Aperf. em danças e baillados clássicos, na Europa. Registro nº 24125.
Recreação dirigida-	Donna Jane Mac Murray	Musigan College - Chio, USA
Inglês-	Edla Medeiros Perez	Cursos de: Econ. Doméstica- Extensão Univers. de Francês na URGs- Madureza no Col. Bennett, Rio de Janeiro -

Matéria	Nome do Professor	Cursos e títulos que possui
		Orientação Educacional, URGs em fase de conclusão-Língua Francesa e Literatura Francesa na Aliança Francesa, RS -Registro nº D-1351.
Civismo-	Gladys Bromberg	Curso Normal do Col. Americano. Curso de Orient. Educ. na URGs, em fase de conclusão.
Matemática-	Maria Dias Ferreira	Bacharel em Matem. pela URGs-Licenc. em Matem. pela PUC - Registro nº F-7523.
Clube de Ciências-	Nely Ferrari	Licenc. em Química pela URGs - Curso de Extensão nos EUA. Peabody College, Nashville, Tennessee - Membro da Comissão da Reforma da Esc. Normal. "Carmem Chacon" - Diretora da Esc. N. "Carmem Chacon" - Diretora dos Cursos de Economia do Lar - Curso de Aperfeiçoamento em Química - Minist. Educ. e Cult. CADES - Rio de Janeiro - Registro nº F-4015.
Português e Estudos Sociais-	Sarah Medeiros Bavioli	Curso de Madureza - Univers.S.P. Curso Normal no Col. Batista de São Paulo - Curso de Especialização em Hist. e Geog. e Literatura, anexo à Univers. de S, Paulo.Registro 20877.
Educação Religiosa-Coordenação dos trabalhos-	Sônia Jaeger	Licenc. em Pedag.- PUC-RS. Curso para Orient. Educ. PUC-RS - Membro da Comissão da Reforma da Esc. N. "Carmem Chacon"-Orient. Educ. do curso do 2º ciclo, do Col. Americano- Registro nº F-5978.
Artes Plásticas-	Zely Geyer Belança	Curso de Artes Plásticas-Trabalhos Manuais-Desenho-Instit. de Belas Artes do R.G. do Sul -Licenc. em Desenho pela URGs - Registro nº D-18022.

Ginásio Estadual "Infante D. Henrique"

Professôra coordenadora da classe experimental: Alzira Dornelles Bán

- 1) Questionário da Escola - Entrevista com a Diretora: 1
- 2) Entrevista com Professôres: 10
- 3) Questionário para ps Professôres: 6
- 4) Questionário para os alunos: 18
- 5) Apontamentos manuscritos sôbre a visita do Dr. Jayme Abreu ao G.E. Infante D. Henrique: 1
- 6) Horário das diferentes disciplinas: 1
- 7) Variados e interessantes trabalhos apresentados pelos alunos como resultado das atividades desenvolvidas na classe

Outros dados

Matrícula da classe experimental: 26, sendo:

masculino	feminino
11 anos - 0	11 anos - 14
12 " - 0	12 " - 10
13 " - 1	13 " - 1

Número de professôres que lecionam na classe experimental: 11

sexo - feminino

Formação - segue relação

Professôras que participaram da "Classe Experimental" em 1959 com os respectivos títulos.

Português - Sara Bueno

Licenciada em Letras Neo-Latinas

Matemática e Orientação Educacional - Maria Theresa Leindecker

Curso de Formação de Professôres Primários

Licenciada em Pedagogia

Curso de Orientação Educacional.

História - Delva Gomes Martins

Curso Normal

Registro de Professor de História

Geografia - Halina Brzinska

Curso Normal com Aperfeiçoamento

Curso Superior de Educação Física

Licenciada em História e Geografia

Ciências - Alzira Bán

Licenciada em História Natural

Desenho - Isa Bins Parreira

Curso de Artes Plásticas do I.B.A.

Educação Física - Nelci Schmitt

Curso Normal

Curso Infantil de Educação Física

Curso Superior de Educação Física

Francês - Lucy Vincent Berthier Brasil

Licenciada em Letras Neo-Latinas

Inglês - Laura Lopes Candelot

Curso Complementar

Registro de Inglês

Trabalhos Manuais - Maria Guilhermina Vianna

Registro em Trabalhos Manuais

Música - Anita Scotto da Silveira

Curso Normal

Curso de Piano

Curso de Aperfeiçoamento com o Maestro Villa
Lobos no Rio de Janeiro.

Porto Alegre, junho de 1960
Luisa Regina de Albuquerque